

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**CIVILIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORAS: UM MOSAICO
DO ENSINO NORMAL REGIONAL DO INSTITUTO SAGRADO
CORAÇÃO DE JESUS
(ESTÂNCIA-SE, 1949-1955)**

Autor: Rogério Freire Graça

Orientadora: Dr^a Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento

**ARACAJU, SE – BRASIL
DEZEMBRO DE 2012**

**CIVILIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORAS: UM MOSAICO DO
ENSINO NORMAL REGIONAL DO INSTITUTO SAGRADO CORAÇÃO DE
JESUS (ESTÂNCIA-SE, 1949-1955)**

ROGÉRIO FREIRE GRAÇA

**DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE TIRADENTES COMO PARTE DOS
REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE
EM EDUCAÇÃO**

Aprovada por:

Profª Drª Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento

Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado

Profª Drª Ilka Míglio de Mesquita

ARACAJU, SE- BRASIL

G729c

Graça, Rogério Freire.

Civilidade e formação de professoras : um mosaico do ensino normal regional do Instituto Sagrado Coração de Jesus (Estância-Se), 1949-1955 / Rogério Freire Graça; orientadores Ester Vilas Bôas Carvalho Nascimento. – Aracaju, 2012.
112 p. : il.

Inclui bibliografias

Dissertação Submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes como parte dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Mestre em Educação, 2012

1. Formação de Professores. 2. Educação feminina, 1949-1955.
3. Civilidade 4. Instituto Sagrado Coração de Jesus – Estância (SE).
- I. Nascimento, Ester Vilas Bôas Carvalho. II. Título.

CDU: 371.13
37.043.1-055.2

À Mamãe com eterno amor e saudade

AGRADECIMENTOS

Ao final dessa grande jornada eu agradeço a Deus, por me amar e me conceder forças para lutar e presença de espírito para enfrentar os desafios e percalços surgidos ao longo destes dois anos.

À minha mãe, Rose Mary Freire Graça, que me amou de forma incondicional e, mesmo após a morte, me acompanha e me protege cotidianamente. Ela me deixou de herança a oportunidade de viajar para perto dela, através dos seus cadernos e diários, e me permitiu participar do seu cotidiano escolar no Instituto Sagrado Coração de Jesus, durante a década de 1950. Quantas madrugadas eu chorei ao perceber que, embora eu a visualizasse tão bem no ISCJ, eu não podia mais tocá-la, abraçá-la, beijá-la. Eu queria muito fazer isso.

À minha esposa Jocilene, pelo amor, paciência e dedicação. Por escutar repetidas vezes a leitura de parágrafos e capítulos, acompanhando de perto a elaboração dessa dissertação.

Ao meu filho Arthur que, com a inocência dos seus seis anos de idade, foi paciente em me ver, muitas vezes, abdicar do seu convívio, e não me cobrou atenção, pois sabia que a dissertação era algo importante para mim, porém, nada comparado com ele, que sempre estará em primeiro lugar em minha vida.

À memória dos meus queridos e inesquecíveis avós maternos Moysés e Nadir, pelo amor incondicional que sempre tiveram por mim e por terem colocado em meu coração a semente do amor por Estância e suas histórias.

À memória de minha sogra Maria Lima, que acompanhou o início dessa jornada, sempre rezando por mim, porém não conseguiu ver a sua conclusão.

À minha querida amiga-irmã e incentivadora Prof^a Silvânia Santana Costa, a grande responsável pela minha tentativa de ingresso no Mestrado em Educação da UNIT.

À minha Orientadora Prof^a Dr^a Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, pela amizade e por ter conduzido sabiamente a orientação da minha dissertação, traçando metas e definindo objetivos, que estão cumpridos e demonstrados nessa dissertação.

À prof^a Dr^a Ilka Miglio de Mesquita, pelo carinho, paciência, pelos direcionamentos, dicas, indicações e acompanhamento constante.

Ao Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado, pela disponibilidade em vir a Aracaju para participar das bancas de qualificação e defesa, deixando dicas valiosas para o engrandecimento do meu trabalho.

Aos demais professores do Mestrado em Educação da UNIT, Miguel André Berguer, Raylane Andreza Dias Navarro Barreto, Fabrícia Teixeira Borges, Dinamara Garcia Feldens, Andréa Versuti, Rosana Aparecida Fernandes, Giovana Scareli, Ada Augusta Celestino Bezerra, Ronaldo Nunes Linhares, e ao Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento/UFS, que nos deram valiosas dicas e contribuições durante as disciplinas, em conversas informais ou mesmo na nossa entrevista para o ingresso no mestrado.

Aos colegas-amigos do mestrado em Educação Miriane, Lourdes, Violeta, Cristiane e Ricardo, e aos amigos-irmãos Prof. José Ricardo Freitas Nunes, Prof^a Rita de Cássia Amorim Barroso, Prof. José Adailton Barroso da Silva e Prof. Auro de Jesus Rodrigues, pelo companheirismo, preocupação e carinho ao longo de anos de convívio.

A todos vocês muito obrigado.

RESUMO

Nosso objeto de estudo é o Instituto Sagrado Coração de Jesus/ ISCJ, uma instituição educacional fundada na cidade de Estância, Sergipe, com o apoio da Igreja Católica, que no período compreendido entre 1949 e 1955 ofereceu à sociedade estanciana o curso Normal Regional, uma modalidade que formava professoras para atuarem no ensino primário. Os objetivos de pesquisa foram: verificar como o ISCJ contribuiu na formação e nas práticas de civilidade da professora estanciana, como também analisar a cultura escolar do curso Normal Regional na formação destas moças. Para responder aos nossos questionamentos, investigamos o material didático pertencente a uma ex-aluna, que nos fez perceber as especificidades de cada disciplina. Utilizamos também seus álbuns de recordações e diários, que nos evidenciaram a cultura escolar presente nos escritos curriculares e extracurriculares. Cruzamos os dados obtidos das análises, com evidências apresentadas na pesquisa bibliográfica, a qual se fez também necessária, nos dando suporte acerca da história da educação, escola normal, educação feminina e educação católica. Os conceitos de Civilidade, presentes em Norbert Elias (1994), e de cultura escolar, através de Dominique Julia (2001), nos respaldaram na compreensão dos dados coletados, com os quais compusemos um mosaico demonstrando o perfil da normalista a ser formado pelo ISCJ, o padrão ideal de mulher para a sociedade estanciana da década de 1950 e a verdadeira atuação do ISCJ, que era civilizar as moças das classes abastadas e prepará-las para o exercício do lar.

Palavras-chave: Civilidade; Formação Docente; Educação Feminina; Cultura Escolar.

ABSTRACT

Our object of study is the Instituto Sagrado Coração de Jesus/ ISCJ, an educational institution formed in the town of Estância, Sergipe, with the support of the Catholic Church. Between 1949 e 1955 the ISCJ offered to the society from Estância the “Normal Regional” course, a modality that graduated teachers to work in primary. The research objectives were: to determine how the ISCJ contributed in the training and practice of civility from the teachers from Estância, and also examine school culture from “Normal Regional” course in the formation of these girls. To answer our questions, we investigated the teaching material belonging to a former student which made us realize the specifics of each discipline. We also used her souvenir albums and diaries which showed us that in the school culture present in curricular and extracurricular writings. We crossed the data obtained in this study, with evidence presented in the bibliography research which also became necessary, giving us support about the history of education, normal educational, female education and catholic education. The concepts of civility, present in Norbert Elias (1994), and school culture through Dominique Juliá (2001), have supported us in understanding the data collected, with which we composed a mosaic showing the profile of woman to be formed by ISCJ, the ideal woman to the society from Estância in the 1950s and the true performance of ISCJ which was civilize the girls of the wealthy classes and prepare them for the exercise of home.

Key-Words: civility, training, instructor, female education, school culture.

LISTA DE QUADROS

QUADRO1- Livros e material didático do Curso Normal Regional do ISCJ.....	04
QUADRO 2- Colégios Católicos implantados em Sergipe para deter a expansão protestante, antes da criação da Diocese	17
QUADRO 3- Colégios Católicos implantados em Sergipe após a criação da Diocese.....	18
QUADRO 4- Instituições criadas pela Igreja Católica, destinadas à infância carente em Sergipe	18
QUADRO 5- Escolas de ensino primário para público feminino e misto em Estância-SE (1900-1936)	22
QUADRO 6- Professores do Curso Normal Regional do ISCJ.....	32
QUADRO 7- Horários das aulas do Ensino Normal Regional do ISCJ (2ª turma – 1950)	35
QUADRO 8- Formandas do Ensino Normal Regional do ISCJ (1952 a 1955).....	44
QUADRO 9- Grade curricular do Ensino Normal do ISCJ- 1949.....	49
QUADRO 10- Grade curricular do Ensino Normal Regional do ISCJ – 1953.....	51
QUADRO 11- Bibliografia adotada pelo ISCJ para o Curso Normal Regional.....	53
QUADRO 12- Disciplinas do Curso Normal ministrado pelo Instituto de Educação Rui Barbosa de Aracaju-SE, a partir do Decreto de 04/05/1925.....	54
QUADRO 13- Disciplinas do Curso Normal ministrado pela Escola Normal Rui Barbosa depois da regulamentação de 1946.....	55
QUADRO 14- Disciplinas do 4º ano Normal do Colégio Nossa Senhora de Lourdes – 1933.....	56
QUADRO 15- Apontamentos copiados no caderno da disciplina Economia Doméstica da 1ª turma do Ensino Normal Regional do ISCJ.....	63
QUADRO 16- Lições de Francês encontradas nos livros do Ensino Normal Regional do ISCJ.....	73
QUADRO 17- Apontamentos copiados no caderno das disciplinas Pedagogia e Psicologia da 1ª turma do Ensino Normal Regional do ISCJ.....	80

QUADRO 18- Modelo de Plano de Aula. Caderno da disciplina Didática da 1ª turma do Ensino Normal Regional do ISCJ.....	83
QUADRO 19- Apontamentos copiados no caderno da disciplina Didática da 2ª turma do Ensino Normal Regional do ISCJ.....	84
QUADRO 20- Apontamentos copiados no caderno da disciplina Canto Orfeônico, da 1ª turma do Ensino Normal Regional do ISCJ.....	88
QUADRO 21- Poesias encontradas em um álbum de recordações da segunda turma do Curso Normal Regional do ISCJ.....	95
QUADRO 22- Dedicatórias encontradas em um álbum de recordação da segunda turma do Curso Normal Regional do ISCJ.....	97
QUADRO 23- Perguntas evidenciadas no questionário do caderno de recordações da ex-normalista Rose-Mary Cravo Freire- 1952.....	99

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- D. José Thomaz Gomes da Silva.....	16
Figura 2- Sede do ISCJ (década de 1950)	24
Figura 3- Igreja de N. ^a Sr. ^a do Amparo - ISCJ (década de 1950)	25
Figura 4- Cônego Antônio Freitas (década de 1950).....	27
Figura 5- Resultado do exame de admissão para o Curso Normal Regional do ISCJ....	31
Figura 6- Broche esmaltado com as insígnias do ISCJ, utilizado na farda das normalistas	33
Figura 7- Normalistas do ISCJ – 1951.....	34
Figura 8- Memento comemorativo do Mês de Maria no ISCJ – 1950.....	37
Figura 9- Desfile de 7 de setembro em Estância, década de 1950.....	39
Figura 10- Aluna Rose-Mary Cravo Freire vestida para a colação de grau e o Baile de sua formatura – 1953.....	43
Figura 11- Caderneta escolar da ex-aluna Rose-Mary Cravo Freire – Curso Normal Regional / ISCJ.....	52
Figura 12- Caderneta escolar da ex-aluna Rose-Mary Cravo Freire – Curso Normal Regional / ISCJ.....	52
Figura 13- Caderno de Economia Doméstica da aluna Rose-Mary Cravo Freire.....	61
Figura 14- Trabalho escolar da disciplina Economia Doméstica- ISCJ.....	69
Figura 15- Trabalho escolar da disciplina Economia Doméstica- ISCJ.....	70
Figura 16- Trabalho escolar da disciplina Didática – ISCJ.....	86
Figura 17- Livro da disciplina Canto Orfeônico – ISCJ.....	90
Figura 18- Álbum de recordações da normalista Rose-Mary Cravo Freire- 1953.....	94

LISTA DE ABREVIATURAS

IERB- Instituto de Educação Ruy Barbosa

IHGS- Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

ISCJ – Instituto Sagrado Coração de Jesus

SUMÁRIO

APRESENTANDO AS FERRAMENTAS PARA A CONFECÇÃO DO MOSAICO.....	1
CAPÍTULO 1– ESPOSAS, MÃES E PROFESSORAS: O ISCJ NA FORMAÇÃO DA NORMALISTA ESTANCIANA.....	10
1.1-Educação Católica, uma estratégia na preservação da fé: as primeiras peças do mosaico.....	11
1.2-Entre o rezar, o civilizar e o educar: a formação de professoras no Instituto Sagrado Coração de Jesus em Estância-Se.....	20
1.3-O que as normalistas precisavam aprender? A análise do currículo prescrito do ISCJ.....	47
CAPÍTULO 2 –A CULTURA ESCOLAR DO ISCJ E A FORMAÇÃO FEMININA: ENTRE A ESCOLA E O LAR.....	58
2.1- Economia Doméstica e Língua Francesa: disciplinas de civilidade revelando o “verdadeiro papel da mulher”	60
2.2- Pedagogia, Psicologia, Didática e Canto Orfeônico: disciplinas formadoras do arquétipo docente.....	76
2.3 – Álbum de Recordação: preservando “dias risonhos e inesquecíveis”	92
ENVERNIZANDO O MOSAICO E DESVENDANDO A IMAGEM FINAL.....	104
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	108

APRESENTANDO AS FERRAMENTAS PARA A CONFECÇÃO DO MOSAICO

Construir um mosaico não é fácil. Além de requerer muita paciência e dedicação, consiste na “Coordenação de pequenos cubos de vidro, esmalte, pedra, mármore, coloridos ou dourados, engastados em base apropriada de argamassa para formar uma decoração” (REAL, 1969, p. 349). Cada pedra ou tessela colocada no painel deve ser escolhida com critério e deve ter relevância para a temática artística a ser mostrada. As tesselas devem combinar tamanhos, formatos, tonalidades para manter uniformidade e harmonia, objetivando uma arte final que possa ser analisada e interpretada, gerando conhecimento.

Segundo a mitologia grega, os mosaicos são obras das musas, filhas de Zeus, rei dos olímpicos, e Mnemzine, deusa da memória. Estas nove divindades de nomes: Calíope, Clio, Euterpe, Tália, Melpômene, Terpsícore, Erato, Polímnia e Urânia eram promotoras das artes e Ciências e, pacientemente, executavam a arte musiva com maestria. Provavelmente outros deuses mosaístas, anteriores às musas, já executavam a arte do mosaico, pois há indícios do seu surgimento no oriente antigo, precisamente no Egito e Mesopotâmia, como elemento distintivo das classes abastadas, na decoração de suas fachadas e interiores, em ladrilhos maiores e mais fáceis de serem montados.

O mosaico se ocidentalizou, tornando-se menor e minucioso, recebendo o patronato das musas que inspiraram os mosaístas da Grécia e de Roma, com temática sagrada, enfocando as divindades e seu culto. Através do tempo a arte musiva tornou-se cristã, e sob as bênçãos do Santo Papa ou do Patriarca Ortodoxo, passou a explorar cenas religiosas e políticas, principalmente em Bizâncio, berço do mosaico na Era Cristã, “[...] onde desenvolveu-se a técnica de encerrar o brilho do sol nas tesselas, através do douramento” (COLE, 2003, p. 45).

Assim como na montagem de um mosaico, também colhemos inúmeras tesselas relevantes para a composição do nosso trabalho, cujo objeto de estudo é o ISCJ (Instituto Sagrado Coração de Jesus) da cidade de Estância, Sergipe, que tem como objetivo investigar a educação destinada às normalistas que frequentaram o ISCJ no período de 1949 a 1955, visando compreender a formação da mulher para lecionar em instituições educacionais de ensino primário. O marco temporal é iniciado no ano de 1949, período em que uma nova modalidade de Ensino Normal é instituída no ISCJ, o Ensino Normal Regional, estabelecido através da Lei Orgânica do Decreto N. 8.530 de 2

de janeiro de 1946, que ministrava o curso de regentes de ensino primário em quatro anos. O ano de 1955 foi escolhido para finalizar o período trabalhado, por evidenciar a formatura da última turma de normalistas do ISCJ.

Para conhecermos o ISCJ levantamos os seguintes questionamentos: Como o ISCJ contribuiu na formação da professora estanciana? Qual a atuação do ISCJ nas práticas de civilidade destinadas às moças da elite estanciana? Até que ponto a formação da professora era um fator primordial para o ISCJ?

O objeto de estudo que apresentamos trata-se de um tema que nos é caro, pois crescemos ouvindo relatos maternos de uma época feliz em que nossa mãe estudou no ISCJ da cidade de Estância. Esses relatos nos falavam sobre os professores, colegas, os momentos de estudo e lazer, o recreio, os eventos cívicos e religiosos, as peças teatrais nas quais ela contracenava. Enfim, a importância que aquela instituição teve para a sua formação, e como influenciou na sua infância e adolescência, pois havia estudado nela o ensino primário, normal e pedagógico.

Por sua vez, percebemos, através de relatos de familiares e de amigas, o mesmo apreço pelo ISCJ, para as quais a representatividade era semelhante. O ISCJ era, portanto, o ícone de uma época, ou melhor, de várias épocas, já que estamos considerando os relatos de mulheres com idades diferentes, que tinham estudado na mesma instituição. Devido ao Instituto ter marcado a juventude de nossa mãe, ela manteve guardada consigo, até o fim da vida, uma série de objetos e memórias que o referenciava, como também ao seu período escolar. Guardou como pequenas relíquias os livros didáticos, cadernos, fotografias, avaliações, desenhos, poesias, roteiros de peças teatrais, mementos comemorativos, convites, recortes de jornais e peças da indumentária. Segundo Lacerda (2000) “Os documentos, [...] retratos e outros artefatos de apoio à memória auxiliam no ordenamento dos acontecimentos, na seleção das lembranças, e servem como testemunhos documentais dos conteúdos rememorados” (p.103).

Aquelas relíquias, ao serem manuseadas, podiam trazer de volta para nossa mãe, um tempo feliz que havia passado. E isso se tornou evidente, quando encontramos o seu álbum de recordações, um caderno escrito em 1953, no quarto e último ano do Ensino Normal Regional. Após a formatura, a turma de normalistas que ingressara no ano de 1950 se separaria como um quebra-cabeça que dificilmente seria montado novamente. Lendo o referido caderno, cujas páginas são decoradas com cartões, estampas e pinturas, e onde cada colega escreveu uma poesia e deixou uma fotografia, encontramos na última página, orlada por uma guirlanda de rosas vermelhas, um texto escrito por nossa mãe que,

em poucas palavras, no auge dos seus 16 anos, se despedia de um período que havia marcado sua vida. Eis o que está escrito no texto:

Recordando- Este álbum será uma eterna lembrança do meu tempo feliz de mocidade no qual, os dias risonhos e inesquecíveis serão eternos. A cada página corrida uma doce recordação das pétalas caídas da minha juventude e uma saudade infinda de minhas coleguinhas da 4ª série Normal, como também de outras colegas e amigas... No futuro, voltarei ao passado vivendo nas reminiscências que cada folha encerra, já que as horas felizes e passadas não mais voltarão... Feito este saudoso “Álbum” aos meus 16 anos, como recordação da minha 4ª série, como também do ano de minha formatura (CRAVO FREIRE, 1953, p. 43).

No início do ano de 2010, decidimos fazer o Mestrado em Educação da Universidade Tiradentes, e certa noite, ao folhearmos o álbum fotográfico de nossa mãe, tentando atenuar a saudade pelo seu falecimento, nos detivemos a uma fotografia em que ela aparecia com a farda de gala do Instituto, ladeada por colegas. Automaticamente nos lembramos do material didático guardado por ela durante todos esses anos. Fomos até sua residência, e no seu quarto, que permanecia intacto desde o dia do seu falecimento, encontramos em uma cômoda todo o material, acondicionado em envelopes plásticos ou caixinhas forradas com papéis coloridos, com os quais compusemos o quadro 1. Percebemos que acabávamos de encontrar as nossas fontes de pesquisa e o nosso objeto, o Instituto Sagrado Coração de Jesus da cidade de Estância. Ressaltamos que, apesar de estarmos ligados por laços afetivos ao nosso objeto de estudo, procuraremos perceber o que esse tem a dizer-nos sobre um tempo, uma formação de professoras, tendo o olhar atento de historiador ao desenvolvimento da pesquisa e elaboração da dissertação.

Quadro 1- Livros e material didático do Curso Normal Regional do ISCJ

Livros Didáticos	Português para o Ginásio Matemática (Primeiro Ano) Curso de Matemática (Segundo Ano) Curso de Matemática (Terceiro Ano) História Geral História do Brasil Geografia Geral Geografia do Brasil Ciências Naturais Anatomia e Fisiologia Humanas e Noções de Higiene. Manual de Religião: O Símbolo dos Apóstolos (Primeiro Ano) Manual de Religião: O Símbolo dos Apóstolos (Segundo Ano) Manual de Religião: A doutrina cristã (Terceiro Ano) Aula de Canto Orfeônico Mon Livre de Français France English Course for Brazilian Students Dicionário Inglês-Português Ludus Primus Gramática Latina para o Ginásio
Cadernos de Conteúdo	Economia Doméstica Português (02) Literatura Matemática Pedagogia e Psicologia Didática Latim Inglês (02) Francês Canto Orfeônico
Cadernos de Desenho	Primeiro ano Segundo ano Terceiro ano
Álbuns de Recordações	Álbum de poesia das alunas do 4º Ano Normal Regional-1953 Questionário respondido pelas alunas do ISCJ- 1952
Diários	1
Desenhos avulsos	50
Avaliações escritas	60
Boletins	Boletim escolar, 1º ano Normal Regional do ISCJ, 1950. Boletim escolar, 2º ano Normal Regional do ISCJ, 1951. Boletim escolar, 3º ano Normal Regional do ISCJ, 1952.
Cadernetas de Identificação	Caderneta Escolar de Identidade, 1952. Caderneta Escolar de Identidade, 1953.
Diplomas	Ensino Normal Regional, 1953.
Convites	Ensino Normal Regional, 1953.
Peças teatrais	O Milagre de Lourdes A Violeta
Santinhos comemorativos	33
Álbuns fotográficos	Formatura do Ensino Normal Regional, 1953.
Fotografias avulsas	Cotidiano do colégio (10) Desfiles Cívicos (2)

	Formandas de Beca (5) Missa de formatura (1) Baile de formatura (3) Vultos destacados na fundação do colégio (6) Corpo docente (2) Prédio do colégio (2) Eventos do colégio (2)
--	---

Material didático da aluna Rose-Mary Cravo Freire

Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça.

De posse do material, começamos a separá-lo tipologicamente e a fazer pequenas leituras. Algo nos inquietou quando nos detivemos na identificação dos livros didáticos e cadernos. Além das disciplinas conhecidas, como Português, Matemática, História, Geografia e Inglês, nos deparamos com outras, que normalmente não atuavam na formação docente, a exemplo de economia doméstica e trabalhos manuais. Com base na leitura dos sumários dos livros ou apontamentos escritos nos cadernos, surgiu uma dúvida: até que ponto o ISCJ formava a mulher para atuar como professora? Será que também a preparava para ser esposa e mãe e para atuar na lides do lar? Estamos falando de moças pertencentes a uma elite, que precisavam aprender as regras de civilidade, pois seriam cogitadas como bons partidos para um casamento.

Para tanto, foi fundamental dispor de procedimentos históricos, teórico-metodológicos para nortear a pesquisa e, conseqüentemente, a narrativa dos dados coletados em diálogo com a teoria. Com relação ao material didático analisado, utilizamos cadernos e livros de algumas disciplinas ministradas no Ensino Normal Regional do ISCJ para que pudessem nos mostrar os conteúdos das disciplinas civilizatórias e de formação docente. Também recorremos a um álbum de recordação e um caderno de questionário, para observarmos as práticas extracurriculares, e a dois trabalhos escritos que figuraram como avaliações de disciplinas, através dos quais observamos as práticas educacionais do período, com o propósito de perceber o caráter formativo da referida instituição. Os boletins, diplomas e cadernetas escolares também foram utilizados, com a finalidade de comparar as grades curriculares e horários de disciplinas. As fotografias foram inseridas apenas com o propósito ilustrativo. Utilizamos o depoimento de uma ex-aluna do Ensino Normal e o diário de nossa mãe, ex-aluna do Normal Regional. Tomando como base os relatos, tentamos compreender o cotidiano da instituição, pois segundo Lacerda (2000):

A memória individual dialoga com o coletivo e redimensiona a realidade passada. As lembranças apoiam-se em fatos, acontecimentos históricos, e ao mesmo tempo ampliam e informam aspectos da história social brasileira. Descrevem, detalham, precisam e explicitam os cenários pouco iluminados pelos grandes refletores históricos (p. 90).

A utilização de novas e variadas fontes tornou-se possível com a Nova História, movimento surgido na França, na terceira década do século XX, que também irá expandir os objetos de pesquisa, fugindo do convencional e passando a investigar também aspectos da história que antes eram descartados, buscando em outras áreas do conhecimento o respaldo científico para a análise dos objetos estudados. De acordo com Bencostta (2007, p.179-180) “O estudo histórico dos materiais escolares pode ser um instrumento valioso para se decifrar a cultura escolar à medida que as práticas são mediatizadas, em muitos sentidos, pelas condições materiais”. Alguns materiais como o quadro-negro, os cadernos, as carteiras e os livros inscrevem-se na lógica interna da organização da escola, constituindo-se como dispositivos do modo escolar de transmissão da cultura.

Os livros didáticos foram elementos estudados nessa pesquisa. Estando o livro inserido no contexto da escola, constituiu-se como um dos objetos da cultura escolar definida por Julia (2001, p. 10) como “[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos [...]”. Quanto aos cadernos de escrever, que também foram analisados para a elaboração da nossa dissertação, Viñao Frago (1995) os explica como ícones da cultura escolar, que, atuando juntamente a outros materiais, figuram como “conjunto de aspectos institucionalizados que caracterizam a escola como organização [...] práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos- a história cotidiana do fazer escolar [...]” (p.68).

Os cadernos foram a priori suportes dedicados às escritas dos cursos superiores. Segundo Jean Hebrard (2000), as escritas inferiores, como gramática ou retórica, eram feitas em folhas separadas, socializando-se e passando a fazer parte da nossa vida cotidiana a partir do século XIX. Naquele período, foram “[...] percebidos como suficientemente neutros para poderem ser utilizados por não profissionais, para usos não previstos” (HEBRARD, 2000, p. 58).

Deste modo, o estudo da cultura escolar permite visualizar a escola além dos aspectos legislativos e das reformas educacionais, uma vez que é formada por sujeitos

integrantes de um grupo heterogêneo que apresentam características próprias decorrentes das relações estabelecidas com seu meio.

Respalado pela História Cultural, cujo objeto é “... identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16-17), o presente trabalho insere-se na História da Educação, intencionando analisar a importância do IS CJ para a cidade de Estância e municípios circunvizinhos, contribuindo com a educação e formação feminina, preparando a mulher para ingressar no magistério ou para atuar na sociedade como mãe e esposa.

Para a construção do presente trabalho, foi de fundamental importância a análise do conceito de civilidade trabalhado por Norbert Elias (1994), quando esse mostra sua ação através das formas de sociabilidade que abrangem os mais diversos âmbitos. Trazemos também o movimento narrativo apoiado no conceito de cultura escolar de Dominique Julia (2001, p. 10), quando afirma que os objetos da cultura escolar, especificamente o livro didático, possui “[...] normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização)”.

Tendo feito a revisão de literatura sobre a educação feminina, pudemos perceber uma vasta publicação acerca da temática relativa à Escola Normal. Araújo (2008) nos traz dados acerca da criação das primeiras Escolas de Ensino Normal no Brasil, dando um panorama da atuação desses estabelecimentos de ensino por regiões, Machado (2008, 2009), especificamente no Estado da Paraíba, e Teive (2008), no Estado de Santa Catarina nos contextualiza a formação de professoras, suas práticas e atuações. Em Sergipe, Freitas (2003), Valença (2005), Cruz e França (2006 e 2011), Melo (2004), Salgado (2004) e Nunes (2008) foram pertinentes para a composição do presente trabalho, pois evidenciaram o cotidiano das instituições educacionais que ministravam o Ensino Normal, nos revelando suas práticas docentes voltadas para a formação de professoras, o comportamento das normalistas em face a esse cotidiano e a formação voltada à civilidade feminina.

Sobre educação católica em Sergipe, Andrade Junior (2000), Souza (2005), Santana (2003), Almeida Neto (2005), Andrade (2005), Barreto (2004), Costa (2003), Raimundo (2006), Santos (2002) e Melo (2007) abordam a difusão do ensino religioso e a criação de jornais e escolas que atendessem a ambos os sexos, visando a propagação da fé, o controle da população e o recuo da disseminação protestante no Estado. Sobre os

protestantes, Nascimento (2004, 2007 e 2008) trouxe à luz a história da Missão Presbiteriana no Brasil e em Sergipe, abordando o cotidiano da Escola Americana, como também das escolas paroquiais implantadas nos municípios sergipanos.

Na temática da cultura escolar, Vidal (2005), Freitas (2005), Bencostta (2007a, 2007b), Julia (2001), Mignot (2000a, 2000b, 2003) e Viñao Frago (1995, 2000) abordam a cultura, os livros, a escrita, a arquitetura, as práticas e saberes escolares como objetos de pesquisa. E, sobre as fontes históricas, Karla Pinsky (2005) apresenta as fontes impressas, audiovisuais, orais e arqueológicas, além do trabalho nos arquivos, a tipologia documental e as precauções a serem tomadas no trato com os documentos manuscritos.

O presente trabalho está dividido em dois capítulos, o primeiro capítulo trata da atuação da Igreja Católica em Sergipe, criando estabelecimentos de ensino com a finalidade de deter a atuação protestante na educação sergipana. Em seguida é abordada a fundação do ISCJ, uma das escolas católicas criadas para frear a disseminação protestante na cidade de Estância, abordando o cotidiano das normalistas e as etapas vividas no âmbito escolar, a partir do exame de admissão até a formatura. Na terceira parte, analisamos os currículos do ISCJ paralelamente aos da Escola Normal Rui Barbosa e do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, ambos situados em Aracaju e utilizados como parâmetros para os Cursos Normais implementados no interior do Estado.

O segundo capítulo trata da análise do material escolar do ISCJ, sendo escolhidas três disciplinas civilizatórias e quatro disciplinas de formação docente, como também dois trabalhos escolares, um álbum de recordações e um caderno de questionário, que foram imprescindíveis para conhecermos a cultura escolar daquela instituição, descobrindo as evidências do currículo real adotado pelo colégio, demonstrando a finalidade e o direcionamento da formação a ser aplicada ao corpo discente, tendo em vista os conceitos de civilidade (ELIAS, 1994) e de cultura escolar (JULIA, 2001).

O projeto de formação das moças estancianas e, concomitantemente, a criação do ISCJ, foram bem aceitos pela elite local, uma vez que necessitava de um espaço para destinar suas filhas, pois carecia de uma instituição privada que fornecesse uma educação civilizatória para as mulheres. É preciso frisar que, no período estudado, a instituição atendia desde o ensino primário até o Normal Regional. A atuação dessa instituição escolar representou um diferencial na formação feminina, daí a relevância desse estudo ao reconstruirmos a trajetória do ISCJ, suas práticas pedagógicas, a atuação docente e a formação feminina, em uma instituição de ensino de cunho religioso e privado.

A relevância da presente pesquisa se dá em face à parca produção acerca da educação feminina em Estância e da escassa produção sobre o papel de destaque que o ISCJ teve para aquele município, conhecido como “[...] berço da cultura sergipana” (CARDOSO, 1944, p. 13), onde muitas mulheres atuaram para promover essa cultura.

Todos esses dados coletados e analisados nos fizeram lembrar a gravura de um mosaico que é construída pedra a pedra, com tonalidades, estamparias e texturas representativas e que compõem, no final, uma arte significativa. Portanto, procuraremos construir uma imagem composta capítulo a capítulo por partículas coloridas, às quais chamaremos de tesselas, que representarão os temas abordados, até que, no final, possa descortinar a imagem definitiva. Começemos, então, a montagem do painel, pela narrativa que se propõe.

CAPÍTULO 1 – ESPOSAS, MÃES E PROFESSORAS: O ISCJ NA FORMAÇÃO DA NORMALISTA ESTANCIANA

Para adentrarmos na arte de produzir o mosaico¹, ordenamos as peças visando formar a primeira parte da imagem, composta por tesselas, de cores vivas e representativas. Criamos, neste primeiro capítulo, parte do desenho que comporá a arte musiva, tendo como objetivo verificar como o ISCJ contribuiu na formação e nas práticas de civilidade da professora estanciana. Para tanto, por uma digressão, evidenciaremos inicialmente as estratégias utilizadas pela Igreja Católica para deter o avanço protestante, que se fazia presente no Brasil desde o início do século XIX, dominando importantes setores da sociedade, inclusive a educação.

Esse desenho inicial mostrará que a fundação do ISCJ consistiu em uma das estratégias promovidas pela diocese de Sergipe para ampliar a fé católica na região sul do Estado, através da educação, mesmo veículo que irá enfraquecer a ação protestante local. As imagens que darão sequência ao capítulo serão formadas com o intuito de evidenciar a fundação do ISCJ da cidade de Estância, uma instituição feminina que integrou o rol das escolas católicas criadas pelo Bispo D. José Thomaz Gomes da Silva, que ministrava civilidade às moças da cidade, através dos cursos primário, Normal e, posteriormente, Normal Regional, tendo como base os princípios da fé e da moral cristã. Faz também parte da imagem o currículo de formação de professora do ISCJ, pela composição das disciplinas, que agiu na ampliação dos conhecimentos gerais e domésticos, como também, na moral e religiosidade das moças estancianas.

A metodologia, arte que nos norteará para a composição do nosso desenho neste capítulo, trata-se da análise bibliográfica que pode nos referenciar sobre a História de Sergipe em diálogo com a História da Educação, intencionando contextualizar o período estudado, que vai desde a digressão no final do século XIX até a década de 1950. Ainda, nesse desenho faremos uso de documentos manuscritos, diários, periódicos e entrevistas para compreender a composição das tesselas que se organizam no sentido de formação da imagem que queremos ver e sentir.

¹ Lembramos que o mosaico significa para nós uma alegoria que representa, através de suas peças, a fundação do Instituto Sagrado Coração de Jesus e a educação ministrada às moças da cidade de Estância. Cada cerâmica colocada no painel comporá uma parte da imagem, que demonstrará a criação do ISCJ como estratégia da Igreja Católica para deter o impulso dos protestantes em Sergipe.

A primeira parte do mosaico evidenciará a discriminação em relação aos protestantes na sociedade sergipana e as estratégias da Igreja Católica para frear a atuação desses em Sergipe. Esta parte da imagem resultará da organização e montagem de peças em coloração escura, puxadas para o marrom e o negro, representando o período de embate religioso entre católicos e protestantes em Sergipe, como também pastilhas vermelhas que simbolizam o brasão da Santa Sé, na luta pela educação e evangelização das almas.

1.1- Educação Católica, uma estratégia na preservação da fé

Neste primeiro momento, buscamos reunir tesselas que delineiem as primeiras imagens do nosso mosaico. Para tanto, é preciso contextualizar o período em que a ação católica se fortaleceu em Sergipe, com a criação da sua diocese e a chegada do primeiro Bispo. Contudo, fizemos uma digressão a partir do início da República, evidenciando a necessidade da criação de estratégias que reforçassem a religião católica, atingida pela Constituição de 1891, e freassem o avanço protestante, ocorrente desde o século XIX. Com essa digressão, conseguimos desenhar e recortar as primeiras tesselas, mostrando que dentre as inúmeras estratégias criadas pela Igreja Católica estavam as escolas religiosas, que visavam educar e formar cidadãos devotados a Deus e aos dogmas da Santa Madre Igreja.

Com a proclamação da República, ocorrida em 1889, uma nova constituição brasileira foi promulgada, e nela ocorreu o desmembramento entre o Estado e a Igreja Católica. A partir daí, a religião católica deixou de ser a religião oficial do país, sendo proclamada a liberdade de culto e a secularização dos cemitérios. Naquele momento a ação protestante se fazia presente no Brasil, através de igrejas e escolas, criadas para conferir aos cidadãos uma educação moderna, voltada para o trabalho, utilizando a instrução para disseminar a fé.

Fazia parte do projeto educacional presbiteriano, a implementação de colégios, para o ensino secundário, e de escolas de ensino primário, chamadas de paroquiais, para alfabetizar os filhos dos novos convertidos e levar uma instrução moderna, nos moldes norte-americanos, aos filhos de católicos liberais. Contudo, continuavam sendo rechaçados pela Igreja Católica e pelos católicos radicais, que pretendiam frear o seu raio de ação.

Embora respaldados pelas constituições de 1824 e 1891, e gozando de uma certa liberdade de ação, os protestantes, que estavam no Brasil desde o início do século XIX, através da imigração e das missões², não eram bem recebidos pelos católicos radicais e pela hierarquia clerical. Vários depoimentos evidenciados em pesquisas aventam as dificuldades encontradas pelos protestantes na disseminação de sua fé, muitas vezes sofrendo perseguições e ameaças de morte. Nascimento (2008) nos mostra diversos episódios ocorridos na Bahia, onde os pastores missionários, no ato da preleção do culto, foram atacados com pedras ou ovos gorados e até ameaçados de serem jogados no rio.

A queima de Bíblias era outra forma de tentar afugentar os protestantes do seu propósito religioso. O jornal A Semana, no artigo intitulado “Laranjeiras e a origem dos evangélicos em Sergipe”, nos informa da grande fogueira de Bíblias e livros protestantes, levantada pelos padres capuchinhos em 17/11/1887, ao som do Hino Nacional, na presença dos laranjeirenses.

As colunas de fogo que subiam até os céus, simbolizavam a fé ardente de um povo. Entre vivas, aclamações e o Hino Nacional executado pela banda de música policial, encerrou-se este ato, que deu lugar à edificação da igreja Senhor dos Navegantes, inaugurada em 1908 (Jornal A Semana, 26/01/2003).

Em Estância, sob o título de “Conferência não realizada”, Souza (1991) nos conta acerca de uma Santa Missão ocorrida no ano de 1918, em que o pregador capuchinho Frei Francisco de Urbânia marcou um debate público com um pastor protestante, para discutirem sobre religião. Esse debate ocorreria no salão nobre da prefeitura, se não fosse a turba enfurecida de católicos que, na hora da conferência, aglomerou-se na porta do prédio, gritando e empunhando pedras e pedaços de madeira para atacarem os protestantes que, naquelas alturas, já se achavam acomodados e prestes a ouvir a palestra. Fato que não aconteceu, pois, para evitarem vítimas, alguns católicos liberais e de prestígio na cidade retiraram o pastor do prédio e o conduziram até um local seguro.

Neste mesmo local, seis anos antes, uma outra conferência também não se realizara. Da mesma maneira, os cidadãos católicos conservadores fizeram algazarra e apedrejaram o prédio, ameaçando invadi-lo. Mesmo em meio ao tumulto, o pastor foi

² Com base nas pesquisas de Nascimento (2004), que aborda o protestantismo missionário, pudemos conhecer as primeiras missões protestantes que atuaram no Brasil durante o século XIX. Foram elas: metodistas a partir de 1835, seguidos por congregacionais em 1850 e presbiterianos em 1859.

visto descendo por uma escada de madeira que colocaram no quintal do prédio, para que o reverendo escapasse pelo fundo da prefeitura.

Era incutida na mentalidade dos fiéis católicos a necessidade de se manter distância dos protestantes, de quem “[...] se devia fugir as léguas” (NASCIMENTO, 1958, p. 100). Um depoimento transcrito pelo memorialista estanciano Manoel Rodrigues do Nascimento (1958) mostra-nos como os protestantes eram mal interpretados e a que ponto chegava a discriminação por parte de alguns habitantes de Estância, nos primeiros anos do século XX.

De uma feita, por exemplo, um sujeito foi queixar-se ao delegado de polícia [...] de que alguém o tinha injuriado barbaramente. De que modo? __ Perguntou ao queixoso a referida autoridade. Me dizendo um nome feio, seu delegado. E acrescentou: - Antes tivesse xingado minha mãe; antes me tivesse chamado assassino ou ladrão, do que me chamar de “protestante” (NASCIMENTO, 1958, p. 100).

Mesmo com a Constituição Federal, a qual freava o raio de ação católica, a tradição ainda fazia persistir determinadas regras condizentes à manutenção da moral e das práticas religiosas. Nascimento (2007) nos evidencia esse fato, tendo como referência o Estado da Bahia:

Para terem acesso à carreira do Magistério, as alunas-mestre se submetiam a um concurso, além de serem obrigadas a apresentar um atestado de idoneidade moral firmado pelo juiz local e de moral religiosa, firmado pelo pároco, inclusive o atestado de batismo, pois a primeira exigência em relação a uma boa mestra era seu caráter moral e de fé católica (NASCIMENTO, 2007, p. 167).

A preocupação em manter os protestantes afastados do sistema educacional acompanhou a Igreja Católica e os católicos radicais a partir dos meados do século XIX, período de disseminação de igrejas e colégios de várias denominações evangélicas no Brasil. A partir de então, muitas estratégias foram criadas para desarticular a ação protestante que era uma ameaça para o milenar cristianismo católico. Em 1º de setembro de 1858 um novo Regulamento da Instrução Pública da Província de Sergipe previa, no artigo nº 137, a necessidade de um sacerdote católico para inspecionar a educação moral e religiosa dos alunos, que professassem este credo, que estudassem em colégios dirigidos por estrangeiros e que não aceitassem a religião do Estado (NASCIMENTO, 2004).

Os católicos cercaram de todas as maneiras os campos de ação protestante na tentativa de miná-los com a intervenção educacional e cultural. Na opinião de Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, em sua obra *A escola americana* (2004, p. 238), “[...] a igreja católica procurou se contrapor ao trabalho educacional desenvolvido pela missão, organizando colégios, com estrutura e currículos também inovadores, nas cidades onde os missionários presbiterianos norte-americanos estavam presentes [...]”.

Com a finalidade de permanecer influenciando a sociedade brasileira, mesmo depois de um enfraquecimento momentâneo com o final do regimento do padroado, ocorrido com a proclamação da República, a Igreja Católica criou uma estratégia, que segundo Rodrigues (2006):

[...] estava fundamentada em duas medidas: a montagem e divulgação de uma imprensa católica e uma rede de escolas que tivesse como objetivo principal a doutrina da Igreja Católica e inculcação destas na sociedade. Através destas medidas a Igreja buscava exercer forte influência nas questões sociais, ideológicas e culturais” (RODRIGUES, 2006, p. 3).

A Igreja Católica precisava dominar a situação, oferecendo instituições educacionais modernas para, com isso, desvincular a modernidade do protestantismo e demonstrar sua superioridade neste jogo de interesses do campo religioso em Sergipe. Segundo Bourdieu (1990) o campo religioso trata-se de

[...] um espaço [...] no interior do qual há uma luta pela imposição da definição do jogo e dos trunfos necessários para dominar nesse jogo.[...]o campo religioso é um espaço no qual agentes que é preciso definir (padre, profeta, feiticeiro, etc.) lutam pela imposição legítima não só do religioso, mas também das diferentes maneiras de desempenhar o papel religioso.[...]todo campo religioso é o lugar de uma luta pela definição, isto é, a delimitação das competências, competência no sentido jurídico do termo, vale dizer, como delimitação de uma alçada (BOURDIEU, 1990, p. 119-120).

Destinadas, portanto, a frear a expansão protestante, a Igreja Católica Romana criou e implantou dioceses, que também objetivavam “[...] formar o padre idôneo e doutrinar os fiéis. [...] tais dioceses, através das práticas de seus bispos soergueram a instituição Igreja Católica que vinha perdendo espaços para outras confissões religiosas” (BARRETO, 2004, p. 3).

Segundo Barreto (2004) as dioceses criaram paróquias e seminários que formavam padres atuantes no combate aos protestantes, através de discursos ufanos ao catolicismo e que explicitavam a proibição a outras religiões.

[...] Para tanto utilizavam a prédica, a retórica e a oratória, aprendidas dentro do Seminário através das disciplinas que dentre outras contava com Eloquência Sagrada, Pastoral, Retórica, Oratória e Liturgia. Deste modo a preparação para o convencimento fazia com que as suas conferências fossem mais acreditadas pelos fieis e os sermões das missas muito mais eficientes (BARRETO, 2004, p. 3).

A criação de impressos possibilitou um contato maior entre as dioceses e seus fiéis. Através desses jornais os bispos transmitiam informações, faziam cobranças e disseminavam suas opiniões sobre seitas e religiões que divergiam do catolicismo, sendo utilizados, também, como um veículo de doutrinação e de “[...] recristianização do Brasil” (FREITAS e DANTAS, 2008, p. 142). Em Sergipe, o Bispo D. José Thomaz Gomes da Silva, após a sua posse, ocorrida em 1910, tratou de fundar um boletim diocesano que atuasse como um meio informativo e disseminador da fé. Assim, este boletim chamava-se “A Diocese de Aracaju”, o qual estava sob a direção do Monsenhor Manoel Raimundo de Melo. Através dessa publicação:

D. José fazia as devidas cobranças, tanto financeiras como espirituais e morais. Esse boletim deu origem ao jornal “A Cruzada” que [...] foi a maior arma de combate ao protestantismo no Estado. Há nesse jornal uma variedade enorme de artigos enaltecendo a doutrina católica e combatendo os maçons, os espíritas e principalmente os protestantes (BARRETO, 2004, p. 8).

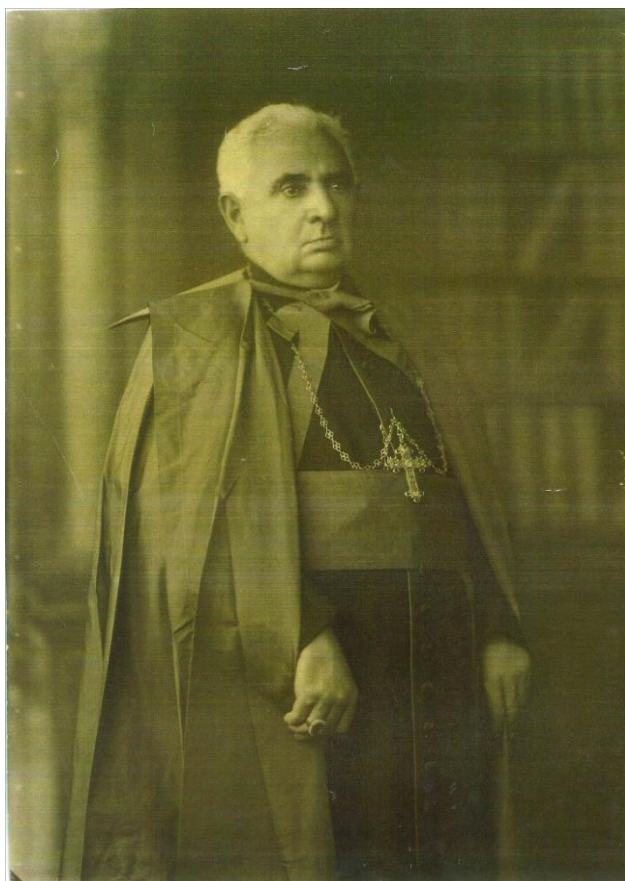


Figura 1 – D. José Thomaz Gomes da Silva
Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

Para Souza (2005), o jornal *A Cruzada* foi uma estratégia da Igreja Católica sergipana, liderada pelo Bispo D. José Thomaz Gomes da Silva, visando cumprir um projeto mais extenso que objetivava frear os protestantes, espíritas e maçons, utilizando a imprensa para divulgar os preceitos cristãos católicos. Assim, “*A Cruzada*”

[...] nasceu para combater: A agitação social, inquietante exercida na época pelos comunistas em Aracaju. A Cruzada constituiu-se a sua grande arma para levar ao mundo operário a Doutrina Social da Igreja, expressa pelas grandes Encíclicas Sociais: *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII, e a *Quadragesimo Anno*, do Papa Pio XI (SOUSA, 2005, p.46).

Além do jornal *A Cruzada*, Sergipe pôde contar, a partir da terceira década do século XX, com uma infinidade de impressos católicos que visavam à catequese dos jovens e o reforço da fé, daqueles que já tinham o catolicismo como religião. Dentre outros, podemos destacar: as revistas de Sergipe, *Scientia et Virtus* e *Cidade Nova*; os boletins *Paroquial* e *Vitalista*; e os jornais *Monitor Cristão*, *A Boa Nova*, *Lino Mariano*, *A Defesa*, *O Recreio* e *O Clarim*.

Outra estratégia da Igreja Católica para deter a expansão protestante foi a fundação de diversas escolas religiosas destinadas ao ensino de ambos os sexos, tendo como base o catecismo e os preceitos da religião católica, como nos comprova o quadro 2, montado a partir da obra de Nascimento (2004) que nos evidencia as escolas católicas implantadas em Sergipe antes da criação da Diocese, ocorrida em 1910.

Quadro 2- Colégios Católicos implantados em Sergipe para deter a expansão protestante, antes da criação da Diocese.

COLÉGIO	ANO DE FUNDAÇÃO	LOCAL	PÚBLICO
Colégio Nossa Senhora da Conceição	-	Aracaju	Feminino
Colégio Inglês	1897	Laranjeiras	Feminino
Colégio Maria Auxiliadora	-	Estância	Feminino
Colégio Nossa Senhora de Lourdes	1903	Aracaju	Feminino
Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora	1905	Aracaju	Masculino

Fonte: NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **A Escola Americana**: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2004. e NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

Após tomar posse como primeiro Bispo de Aracaju, D. José Thomaz Gomes da Silva continuou a ação evangelizadora e deu seguimento à criação de instituições educacionais, situando-as nos polos principais do Estado, sem excetuar a capital.

Dentre os fatos que marcaram o seu bispado está o auxílio material e espiritual dado aos estabelecimentos escolares e assistenciais, [...] Tais entidades também foram de suma importância não só para ampliação do campo católico, mas, sobretudo por serem nelas que os padres puderam doutrinar seus fieis e, dessa forma fortalecer o combate aos protestantes (BARRETO, 2004, p. 9).

Em Aracaju, D. José Thomaz já encontrou implantados dois importantes colégios católicos: o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, fundado em 1903, destinado à educação feminina e dirigido pelas irmãs Sacramentinas francesas; e o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, fundado em 1905, destinado à educação masculina e dirigido pelos padres salesianos. Funcionavam na modalidade de internato e externato e para eles convergiam os filhos da classe abastada sergipana. Como está evidenciado no quadro 3, as escolas religiosas criadas pelo Bispo D. José Thomaz foram implantadas inicialmente no interior do Estado, em polos destacados, com a finalidade de expandir seu raio de ação

aos municípios circunvizinhos. Dessa forma disseminariam a educação religiosa para uma gama maior da população.

Quadro 3 – Colégios Católicos implantados em Sergipe após a criação da Diocese.

COLÉGIO	ANO DE FUNDAÇÃO	LOCAL	PÚBLICO
Ginásio Nossa Senhora das Graças	1915	Propriá	Feminino
Colégio Imaculada Conceição	1929	Capela	Feminino
Instituto Sagrado Coração de Jesus	1936	Estância	Feminino
Ginásio Patrocínio São José	1940	Aracaju	Feminino
Colégio Santa Terezinha	1947	Boquim	Misto
Colégio Nossa Senhora da Piedade	1947	Lagarto	Feminino

Fonte: RODRIGUES, Simone Paixão. **Colégio Santa Terezinha e suas práticas educativas (1947-1953)** e BARRETO, Raylane Andreza Dias. **Os padres de D. José: O Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1933)**. 2004. 130f. Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2004. (grifo nosso)

Enquanto os colégios católicos recebiam os filhos de comerciantes, industriais e senhores de engenho que representavam as classes abastadas dos municípios sergipanos, os orfanatos, também criados pela Igreja Católica, acolhiam as crianças do sexo feminino, pobres e abandonadas, visando conceder-lhes instrução e preparação para a vida. No quadro 4, podemos conhecer algumas instituições criadas para a infância carente sergipana.

Quadro 4– Instituições criadas pela Igreja Católica, destinadas à infância carente em Sergipe

INSTITUIÇÃO	ANO DE FUNDAÇÃO	LOCAL
Oratório Festivo São João Bosco (Oratório de Bebê)	1914	Aracaju
Lar São Vicente	1936	Estância
Orfanato Nossa Senhora das Graças	1947	Boquim
Associação Santa Zita	-	Aracaju

Fonte: RODRIGUES, Simone Paixão. **Colégio Santa Terezinha e suas práticas educativas (1947-1953)** e BARRETO, Raylane Andreza Dias. **Os padres de D. José: O Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1933)**. 2004. 130f. Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2004.

Em Estância, o indício da primeira intervenção católica para deter o protestantismo foi o Colégio de Jesus, de caráter primário e secundário, criado na primeira década do século XX, mesmo período do estabelecimento da escola paroquial presbiteriana. Propagandas com a divulgação do referido estabelecimento foram

encontradas no jornal *A Razão*, mesmo veículo utilizado pelos protestantes para apresentarem sua Escola Americana naquela cidade. O abuso de adjetivos, enaltecendo o catolicismo em detrimento de termos que denotam inferioridade ou mesmo preconceito por aqueles que não professam aquela religião, nos leva a crer que sua presença visava desestruturar a atuação do diretor da Escola Americana, reverendo Edwin Bixler:

Colégio de Jesus- Domingos de Córdova Lima, diretor [...] do Colégio de Jesus, declara que as aulas do colégio abrir-se-ão no dia 03 de fevereiro e encerrar-se-ão no dia 30 de novembro. O Colégio tem por fim dar aos alunos uma educação religiosa conforme a doutrina e preceito a Igreja Católica, a quem manifesta os sentimentos de respeito, de fidelidade e de amor, que sempre consagra a Ela, o objeto mais querido dos Brasileiros, o rochedo onde se tem quebrado, as ondas encapeladas da heresia, da impiedade e da anarquia. São dois os cursos: o primário e o de madureza³, igual ao do Ginásio Nacional, por cujo regulamento se rege. [...] Declara que o ensino do catecismo, livro tão puro como o evangelho, deve ser considerado como uma parte essencial do colégio, o ensino do catecismo é recomendado pelo Sumo Pontífice Pio X e pelos snrs. Bispos da Igreja de Deus. O Colégio é conforme a Igreja Católica. Estância 30 de janeiro de 1910- Domingos de Cordova Lima (Jornal *A Razão*, 30 de Janeiro de 1910).

Em uma nota anterior, do mesmo jornal, podemos identificar dentre os alunos que foram aprovados no ano de 1909, quase que a totalidade de membros da elite local, filhos de industriais, fazendeiros e comerciantes, muitos dos quais cursaram posteriormente as universidades e fundaram colégios para atuar na educação estanciana. Este fato reforça o que Horta (1994) nos afirma: “A igreja procura estabelecer uma estratégia de reforma pelo alto, voltando-se prioritariamente para a formação das elites e dos filhos das classes dominantes através da implantação de uma rede de estabelecimentos de ensino médio em todo o país” (HORTA, 1994, p. 94).

Percebemos, portanto, que a intervenção católica em Sergipe se fez observar a partir do final do século XIX, através de colégios de ensino primário e, posteriormente, de Ensino Normal, estes últimos criados a partir da chegada do Bispo D. José Thomaz, que tinham o objetivo de instruir com o respaldo de uma pedagogia moderna. Dessa maneira buscavam frear o avanço dos protestantes, que com suas escolas Americanas ou Paroquiais eram considerados inovadores e detentores de um ideal progressista e liberal. A fundação desses colégios católicos também supria a necessidade de instrução feminina

³ Ressaltamos que o curso de madureza supracitado referia-se a um aprimoramento intelectual que o aluno realizava, objetivando posteriormente prestar um exame que verificava sua cultura intelectual habilitando seu ingresso no ensino superior.

para as classes abastadas, principalmente nos municípios sergipanos, que muitas vezes contavam apenas com escolas de ensino primário, cabendo às moças que quisessem aprimorar seus estudos viajarem para a capital para cursarem o Ensino Normal do Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

O Ensino Normal, implementado nas escolas católicas criadas em Sergipe no alvorecer do século XX, foi um elemento distintivo das classes abastadas, que oferecia civilidade ao sexo feminino, preparando-o para lidar com o lar, o marido e os filhos, como também para assumir a regência de uma sala de aula do ensino primário.

As Escolas Normais constituíam um espaço de formação socialmente aceito, responsável pela profissionalização de um grande número de mulheres. A possibilidade de exercer uma profissão socialmente permitida garantia às mulheres a oportunidade de transcender o âmbito doméstico na busca de realização e independência social e econômica (FREITAS, 2003, p.37).

A sociedade estanciana foi privilegiada com um desses polos irradiadores de civilidade e fé – o ISCJ que, ao longo das décadas ofereceu o ensino primário, Normal, Normal Regional, Ginásio e Pedagógico, buscando educar, civilizar e formar as moças da cidade para atuarem como donas de casa e professoras, imbuídas da fé católica e dos bons predicados que seriam, por natureza, inerente ao sexo feminino. Para compreender melhor a composição da imagem da formação de professora, novas tesselas descortinarão com a fundação do ISCJ e seu papel na formação da moça estanciana.

1.2- Entre o rezar, o civilizar e o educar: a formação de professoras no Instituto Sagrado Coração de Jesus em Estância

Nesta segunda parte do mosaico pretendemos complementar a imagem que foi produzida anteriormente, abordando a criação do ISCJ enquanto estratégia da Igreja Católica para frear o impulso protestante na cidade de Estância. Com isso, queremos evidenciar o legado deixado por esse colégio para a formação de professoras na cidade.

O ISCJ, nosso objeto de estudo, foi criado para civilizar as moças estancianas, a partir do ensino primário até o Ensino Normal, complementando a instrução e preparando a normalista para a carreira de professora primária, além de lapidá-la para as lides do lar, atuando como esposa e mãe. Assim, neste momento, traremos à luz o

contexto de sua fundação, a proposta de civilidade levada à sociedade e sua missão no âmbito escolar e religioso. As tesselas, que representarão essa parte da imagem, têm as cores branca e grená, representando a farda utilizada pelas alunas do ISCJ no período de sua fundação.

O ISCJ oferecia às alunas o ensino primário e o Ensino Normal, esse último destinado à formação das moças estancianas e de cidades circunvizinhas, a exemplo de:

Araúá, Indiaroba, Santa Luzia do Itanhy, Itabaianinha, Aquidabã, Salgado, Japarutuba, Indiaroba, Capela [...] além de municípios de estados vizinhos: Arapiraca, Jeremoabo, Paripiranga, Conde, Jandaíra, Esplanada, Adustina, Entre Rios, Rio Real, entre outros (CRUZ e FRANÇA, 2011, p. 104).

A instituição de ensino representou um marco para a sociedade do município de Estância, em um momento histórico que se percebia a discussão em torno das questões educacionais, principalmente no que se referia à formação docente. “A partir da década de 1930, generalizou-se no Brasil o modelo dos grupos escolares para o ensino primário e dos institutos de educação para a formação de professores [...]” (VEIGA, 2007, p. 259).

Era visível a precariedade das instituições de ensino em Sergipe no início do século XX, convergindo discussões para a necessidade de formar as moças nas Escolas Normais. Por sua vez, “[...] as escolas normais confessionais católicas foram instituições presentes nesta formação e atenderam a demanda de professoras para as escolas públicas primárias, como principais instituições de ensino para a educação da mulher” (SILVA e INACIO FILHO, 2004, p.2).

Há naquele momento, na década de 1930, a expansão dos grupos escolares e a necessidade de mão-de-obra para ser absorvida nesses espaços de saber contemplados e exaltados, que tornaram símbolos da monumentalidade do período, época na qual Eronides de Carvalho estava na administração do Estado de Sergipe. Nesse governo, em consonância com as diretrizes nacionais, as propostas de higienização, urbanização, salubridade, modernização e desenvolvimento se fizeram presentes nos discursos e nas organizações de políticas públicas. A educação assume um papel fundamental na sociedade como instrumento de propagação dos ideais de progresso, civilidade e desenvolvimento. A maioria da população analfabeta deveria receber instrução a fim de atender às necessidades emergentes. As cidades que já eram reconhecidas pela intelectualidade local e pela modernização dos costumes se adequaram à “marcha para o progresso” a fim de não perderem seu status adquirido.

Através de pesquisa nos jornais estancianos “A Razão” e “A Estância”, encontramos no período compreendido entre 1900 e 1936, ano de fundação do ISCJ, a presença de onze colégios de ensino primário destinados à educação feminina ou mista naquela cidade. Com essas informações elaboramos um quadro, que nos mostra a existência de um estabelecimento de ensino público e dez colégios particulares, que precisavam de professores formados para exercerem a profissão. É bem verdade que em 1936 apenas quatro dos onze colégios estavam em funcionamento.

Quadro 5- Escolas de Ensino Primário para público feminino e misto em Estância (1900-1936)

PROFESSOR	COLÉGIO	INSTRUÇÃO	CLIENTELA	PERÍODO
Adelaide e Josefina Pacheco	Colégio Coração de Jesus - Sobrado ao fundo da Matriz	Ensino Primário	Mista	Início do séc. XX
Adelina Freire de Melo	—	Ensino Primário	Feminina	Início do séc. XX
Marocas Monteiro	Colégio Camerino Praça da Matriz	Ensino Primário	Mista	1909
Pastor Cassius Edwin Bixler (direção)	Escola Americana	Ensino Primário	Mista	1910
Laura Gomes Leite (direção)	Colégio Maria Auxiliadora - Praça da Matriz	Ensino Primário	Feminina	1910
Azarias Santos	Colégio Esperança Praça da Matriz	Ensino Primário	Mista	1917
João Lima da Silveira	Colégio Brasil	Ensino Primário	Mista	Início do Séc. XX
Maria Cravo da Silva	Situado na Rua Cap. Salomão	Ensino Primário	Feminina	1920
Jessé de Andrade Fontes (Diretor)	Grupo Escolar Gumersindo Bessa	Ensino Primário	Mista	Déc. 1920
Risoleta Freire Costa (Diretora)	Colégio Brício Cardoso	Ensino Primário	Mista	Déc. 1930
Dalva Carvalho Costa	Colégio Ivo do Prado	Ensino Primário	Feminina	Déc. 1930

Fonte: Jornais “A Razão” e “A Estância” (1900-1936).

Apesar dos vários colégios evidenciados no quadro, a elite⁴ local buscava a continuidade dos estudos para suas filhas, que após cursarem o ensino primário paravam de estudar por não terem na cidade outras opções. Muitas mulheres acabavam por se

⁴ -Esta elite, integrada pelos pais e demais familiares das alunas do ISCJ, era composta por “comerciantes, fazendeiros, profissionais liberais, professoras, industriais, usineiros, bancários, políticos, funcionários públicos [...]” (CRUZ e FRANÇA, 2011, p. 116).

dedicar às artes de tradição feminina e ingressavam nos cursos de bordado, corte e costura, culinária e flores artificiais, ministrados por senhoras pertencentes às famílias de tradição local.

As perspectivas de continuidade nos estudos mudaram a partir da década de 1930, quando o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Aracaju, dirigido pelas irmãs Sacramentinas, foi equiparado à Escola Normal Rui Barbosa, passando a oferecer o Curso Normal. A partir de então, muitas moças da elite estanciana, como também de outros municípios do Estado, puderam aprimorar seus conhecimentos e ingressar na carreira do magistério.

A disseminação desses colégios religiosos intensificou-se em Sergipe após a chegada do Bispo D. José Thomaz Gomes da Silva, que fundou o ISCJ na cidade de Estância, em 10 de março de 1936. Esse Instituto tratava-se de uma escola feminina para classes abastadas, que visava à educação primária e à formação para o exercício do magistério. O ISCJ

[...] aconteceu num momento de efervescência econômica na cidade, que aliava as atividades industriais às comerciais. Era o ano de 1936, quando o município vivia intensa ebulição social e cultural, reflexos da vida econômica local, e contava com uma população de aproximadamente 16.000 habitantes (CRUZ e FRANÇA, 2011, p.78).

A partir de então a moça estanciana poderia cursar em sua cidade o Ensino Normal e seguir a carreira docente, atuando no ensino primário das instituições educacionais. Também poderia simplesmente apurar as noções de civilidade para exercer um destacado papel de esposa e mãe. Entendemos por civilidade a busca por elementos ou práticas que deixem evidentes as condições econômicas e sociais de um determinado grupo que ostenta poder e precisa ser destacado na sociedade. Saber vestir-se, comer corretamente, saber andar e se expressar nos eventos sociais, saber receber convidados, eram regras mínimas exigidas na demonstração da classe social à qual pertenciam (ELIAS, 1994).

O ISCJ foi fundado pelo Bispo de Aracaju, juntamente ao Pároco de Estância, Cônego Antônio Freitas, e ao Juiz de Direito da Comarca, Dr. Vicente Barreira de Alencar. Contava também com o respaldo dos homens cultos da cidade, que costumeiramente se reuniam na Papelaria Modelo, propriedade do livreiro João Nascimento Filho, cujas conversas brotavam ideias promissoras, voltadas à instrução e cultura estanciana. A ordem religiosa fundadora do colégio foi a Franciscana

Hospitaleira, sob a direção da Irmã Dora da Santíssima Trindade. Essa ordem chegou ao Brasil em 1910 e fundou em Sergipe outras instituições religiosas femininas, a exemplo dos Colégios Nossa Senhora das Graças, em Propriá (1915), e Patrocínio de São José, em Aracaju (1940).

A sede do ISCJ foi um antigo sobrado residencial adaptado para as funções educativas. O Arcebispo de Stobio D. Manoel Raimundo de Melo, proprietário do imóvel, deixou o prédio de herança para a Diocese de Aracaju, que, através do Bispo D. José Thomaz, foi adaptado para a formação das moças estancianas. O sobrado estava veiculado à Igreja Nossa Senhora do Amparo e constituía um conjunto arquitetônico que abrangia a Rua Gumercindo Bessa e a Praça do Amparo.



Figura 2: Sede do ISCJ (década de 1950)

Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

Embasados em Reis Filho (2004) percebemos que a arquitetura do colégio era representativa do século XIX, caracterizando-se como colonial modificada, com esquadrias de vergas curvilíneas e ombreiras de alvenaria, cornija e telhado aparente, sacadas e cancela em ferro forjado. Porém, com a adaptação para um prédio escolar, novos espaços foram criados e outros remanejados, surgindo então: salas de aula e de professores, secretaria, diretoria, salão nobre, biblioteca, banheiros, copa, depósitos, além de um amplo jardim que separava o colégio da igreja, e que era o local destinado ao recreio.

O colégio tinha as salas de aula no pavimento térreo do sobrado. A Igreja do Amparo foi incorporada ao colégio, o Orfanato São Vicente era cuidado pelas irmãs e localizava-se no lado esquerdo da igreja, lá também ficava a nossa sala de trabalhos manuais [...] Ao lado direito da igreja era a casa das Irmãs [...] Era tudo muito antigo, a frente do sobrado começava com um jardim gradeado e depois um portão de ferro onde havia um sino pendurado, este portão dava para uma varanda que levava à sala da diretoria, ali eram feitas as matrículas, as visitas dos pais. Uma série de janelas e um largo portão de madeira davam entrada às alunas, por um extenso alpendre, que levava a vários degraus, onde se descia para uma calçada coberta, que conduzia até a capela, por uma porta lateral. Ali existia um antigo jardim, que anos depois passou a ser o palco do colégio. Depois do portão, havia uma grande extensão de muro, que pelo lado de dentro do colégio era coberto por caramanchões de cabritas brancas, roxas e amarelas, em todo o comprimento. Era ali embaixo que fazíamos educação física (CRAVO FREIRE, 2006, p. 62-3).

Posteriormente novos pavilhões foram construídos, destinados aos aposentos das freiras e das alunas internas, à prática da Educação Física e ao palco do colégio, onde eram realizados os dramas e as formaturas, sempre visando iluminação, ventilação e higiene. As salas de aula eram mobiliadas com carteiras de dois lugares enfileiradas, birô e cadeira para os professores, geralmente situados em um plano mais alto e quadro negro suspenso por cavaletes (CRAVO FREIRE, 2006, p. 58).



Figura 3: Igreja de N.ª Sr.ª do Amparo - ISCJ (década de 1950)
Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

Segundo a ata de inauguração,

O auspicioso fato tem uma significação especialíssima, não só para o povo de Estância, mas repercute na vida religiosa e social de todo o Estado, pois vem resolver o problema da instrução normal e consequentemente da escola primária no setor sul da diocese (CRUZ e FRANÇA, 2011, p. 86).

A ata de inauguração do ISCJ também traz a nomeação do Sr. João Nascimento Filho como fiscal do Governo para o colégio, como também matrículas de 64 alunas para o ensino primário e a aprovação de nove alunas no exame de admissão para o Ensino Normal. Por sua vez, além de pessoas da sociedade estanciana, estiveram presentes na inauguração, ocupando lugar de honra, o Exm.^o Vigário Geral, representando o Bispo Diocesano D. José Thomaz Gomes da Silva; o médico Jessé de Andrade Fontes, representando o Governador do Estado; Leopoldo de Araújo Souza, representando o Diretor Geral da Instrução Pública; o médico Pedro Soares, Prefeito municipal; O vigário da paróquia, Cônego Antônio Freitas; Vicente Barreira de Alencar, Juiz de Direito da comarca; João Nascimento Filho, Fiscal do Governo junto ao ISCJ; a Irmã superiora Dora da Santíssima Trindade; e o subdiácono Manoel Soares, representante do jornal diocesano A Cruzada, que também relatou a inauguração em um número especial.

Ao analisarmos o discurso proferido pelo Cônego Freitas, na inauguração ISCJ, pudemos observar nas entrelinhas a importância que a educação feminina tinha para a época e, principalmente, em relação à formação de futuras professoras para atuarem na sociedade estanciana. Conforme o documento, lê-se:

[...] É uma nova era de progresso espiritual para a freguesia estanciana, pois a par da instrução bem organizada que essa fundação vai proporcionar com a formação das jovens estancianas feita por mestras bem adestradas nos tramites benditos da perfeição. A competência extraordinária destas filhas de São Francisco na educação sadia que ministram a suas alunas transformando-as por completo, não só na ilustração da inteligência como principalmente na lapidação perfeita do caráter e na formação esmerilhada do espírito e do coração. [...] Precisamos reconquistá-la [a mulher] em moldes evangélicos, convencendo-a de que nada é mais sublime na sociedade do que o predomínio de sua grandeza. Como mãe e esposa. (CRUZ e FRANÇA, 2011, p. 90).

Pela fala do cônego fica evidenciada uma nova fase na educação estanciana, com a atuação das irmãs Franciscanas Hospitaleiras “mestras bem adestradas nos trâmites benditos da perfeição” que iriam transformar as futuras alunas do ISCJ, dando-lhes uma instrução civilizatória, que aprimoraria sua inteligência, como também implementaria a fé e a retidão em suas vidas. Também trata-se de uma evidência a opinião do religioso acerca da limitação da atuação feminina, voltada às obrigações do lar - “Como mãe e esposa”.



Figura 4: Cónego Antônio Freitas (década de 1950)
Fonte: Acervo de Maria Selma Barreto Noronha

O primeiro regimento do ISCJ estabelecia a educação da juventude e a instrução religiosa, moral e cívica, buscando o enaltecimento da pátria e dos seus vultos ilustres, como também tentando frear o impulso da educação protestante, que se fazia

presente em Estância, através do colégio Esperança, do Professor Azarias Santos, para onde a sociedade abastada anteriormente era conduzida.

O ISCJ recebeu não só a elite católica, como também a protestante, que pretendia a formação no Ensino Normal para suas filhas. Ocorreu, portanto, uma inversão de procuras, se compararmos com o período áureo das escolas protestantes em Estância, que também recebiam a elite católica como alunos. E não seria este o propósito da Igreja católica?

Para Valença (2005),

A importância da religião no currículo escolar justifica-se pelo fato de se tratar da educação de jovens que iriam preparar, futuramente as novas mentes infantis e delas não se podia descuidar da educação religiosa na qual [...] eram cultivadas as boas virtudes femininas (p.54).

Portanto, as qualidades inerentes ao sexo feminino facilitariam o implemento da educação infantil, como também conduziriam seus futuros alunos aos moldes religiosos pretendidos pela Igreja Católica.

Notamos que a contribuição formativa do ISCJ legou para as famílias estancianas a instrução, a civilidade e um respaldo religioso considerado, desde a Colônia, um fator necessário na demonstração do status. Além da comodidade de estudarem em sua cidade, sem precisar enviá-las para o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Aracaju. Em busca dessas evidências entrevistamos uma aluna remanescente do ISCJ, que aqui será chamada de Tessela Dourada.⁵ Sobre as possibilidades de estudar no ISCJ, Tessela Dourada (2011) relata:

E, como meu pai na época não consentiria jamais, homem de campo, homem de roça como se diz, ainda arraigado com aqueles costumes, mandar uma filha para Aracaju, para ficar mesmo em casa de parentes, ele não consentiria. O que aconteceu? Eu precisei me inscrever para realizar o teste de seleção [...], mais de quinhentas e tantas alunas fizeram [...] porque foi aberto para qualquer escola, inclusive para as cidades ao redor de Estância e até um pouco mais distante como eram as do norte do Estado da Bahia [...].

⁵ Optamos em não identificá-la pelo seu nome de registro para manter o sigilo exigido pelos trâmites acadêmicos. A entrevista foi realizada em novembro de 2011, como avaliação parcial da Disciplina Metodologia da História Oral, do Mestrado em Educação da UNIT. O nome de Tessela Dourada indica a colocação de novas cerâmicas no mosaico, fazendo menção ao seu apelido no colégio - Prego dourado.

Através do decreto nº 88 de 7 de agosto de 1937, o ISCJ foi equiparado à Escola Normal Rui Barbosa de Aracaju.

Fica concedido ao “Colégio Sagrado Coração de Jesus” da cidade de Estância, de acordo com a Lei nº 30, de 17 de dezembro de 35, equiparação permanente à “Escola Normal Rui Barbosa” para todos os efeitos normais. Palácio do Governo do Estado de Sergipe, Eronides Ferreira de Carvalho, Epifânio da Fonseca Dorea (CRUZ e FRANÇA, 2011, p. 91).

Eronides Carvalho era considerado um líder estrategista que utilizou da influência como médico e militar para conseguir apoio político e alcançar o governo do Estado por ocasião do golpe do Estado Novo (DANTAS, 1983). No seu governo, consolidou os projetos médicos idealizados e manteve-se fiel às propostas do chefe político nacional, desenvolvendo medidas que se engajavam nas propostas do novo regime. Era impopular e extremamente intransigente. Para garantir a legitimidade do Estado, utilizou símbolos, imagens e o ideário de civismo, contribuindo para a construção do imaginário social. Nessa efervescência de ideias, a educação assume um papel fundamental como instrumento difusor de um discurso legitimador. Dessa forma, o estudo do ISCJ se insere como possibilidade de estudo sobre instituições formadoras que marcaram uma época. Para Décio Gatti Jr,

O estudo sobre as instituições educacionais indica uma renovação dentro dos estudos em História da Educação. (...) Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re)escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido (2002, p.20).

Segundo a Lei Orgânica do Ensino Normal, pelo Decreto Lei N. 8.530, de 2 de janeiro de 1946, foram instituídos três tipos de estabelecimentos de ensino, dentre eles o Curso Normal Regional, que ministrava a docência para o ensino primário, em quatro anos, visando à formação da professora para atuação nas escolas rurais, prevendo as seguintes disciplinas:

Português, Matemática, Geografia Geral e Ciências Naturais, Desenho e Caligrafia, Canto Orfeônico, Educação Física, Trabalhos Manuais e Economia Doméstica, Geografia do Brasil, Atividades Econômicas da

Região, História Geral, Noções de Anatomia e Fisiologia Humana, Recreação e Jogos, História do Brasil, Noções de Higiene, Psicologia e Pedagogia, Didática e Prática de Ensino (SCHNEIDER e TRIDAPALLI, 2008, p. 7).

Assim, a partir de 1949, o ISCJ adotou o Curso Normal Regional, sob a direção da Irmã Assunção de Maria Santíssima. Devido ao rigor e à necessidade de seleção das suas estudantes, a aluna que pretendesse cursar o ensino Normal Regional deveria passar pelo exame de admissão, com provas escritas e orais que avaliariam o nível de conhecimento das pretensas normalistas. Era imprescindível, também, uma idade mínima de 13 anos. Sobre o exame de admissão a aluna Rose-Mary nos relata:

Era Janeiro de 1950, eu estava com 12 anos e fiz o exame de admissão para o Curso Normal Regional. Como era um curso para professoras, só poderia ser admitidas alunas, com 13 anos de idade ou a completar até junho do mesmo ano. Não tive problema, pois completaria 13 anos em maio [...] O nosso exame foi com provas escritas e orais. Lembro-me que o Dr. Jessé Fontes, fez o exame oral de Ciências Naturais e o padre José Dias de Oliveira, nosso capelão, o exame de Português, os outros examinadores, não recordo, provavelmente foram freiras. Foram muitas alunas inscritas, porém só 27 foram aprovadas. Nós fomos a segunda turma do Normal Regional. Era uma turma grande, muito heterogênea quanto às idades, que iam de doze a dezoito anos (CRAVO FREIRE, 2006, p. 138).

O exame de Admissão foi regulamentado pela Reforma Francisco Campos, através do Decreto nº 19.890 de 18 de abril de 1931. Detalhadamente o Capítulo III do referido Decreto nos traz informações acerca do local e período em que eram realizadas as inscrições e as provas, que tipo de documentação era apresentado e a idade mínima do candidato, além dos componentes da banca examinadora e da tipologia das provas:

O exame de admissão constará de provas escritas, uma de português, (redação e ditado) e outra de aritmética (cálculo elementar), e de provas orais sobre elementos dessas disciplinas e mais sobre rudimentos de Geografia, História do Brasil e Ciências naturais (Art. 22)

Feita a apuração das médias, verificou-se o seguinte:

1.ª SÉRIE

Laura Modesto Rocha	⊗	Média	88	=	1.º	lugar
Raimunda D. de Souza	×	»	88	—	1.º	»
Dione Carvalho Costa	⊗	»	86	—	2.º	»
Maria do Carmo S. Santiago	×	»	82	—	3.º	»
Josefa Vandete Teles	⊗	»	81	—	4.º	»
Cecília de Araújo Santos	⊗	»	77	—	5.º	»
Maria Ivone G. Barreto	×	»	76	—	6.º	»
Rosemery Cravo Freire	⊗	»	74	—	7.º	»
Núbia Siqueira Soares	⊗	»	73	—	8.º	»
Odete Gabriel Jasmin	⊗	»	73	—	8.º	»
Osvaldina Cardoso Silva	⊗	»	72	—	9.º	»
Josefa Valdete Teles	×	»	71	—	10.º	»
Josefa Creusa de Oliveira	×	»	68	—	11.º	»
Maryolanda Souto	×	»	68	=	11.º	»
Euclídia R. Guimarães	⊗	»	65	—	12.º	»
Selenê de Brito Lima	⊗	»	65	—	12.º	»
Ana Angélica M. Cruz	×	»	64	—	13.º	»
Marlene Silveira Libório	×	»	64	—	13.º	»
Marlene Silva Santiago	×	»	64	—	13.º	»
Neusa de Oliva Leão	×	»	63	—	14.º	»
Gilda Araújo Libório	×	»	62	—	15.º	»
Maria da Glória Faria	×	»	62	—	15.º	»
Miriam de Araújo	×	»	61	—	16.º	»
Maria Osair de Oliveira	×	»	58	—	17.º	»

Figura 5- Resultado do exame de admissão para o Curso Normal Regional do ISCJ- Jornal “A Estância”- 1950
Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

Além das disciplinas de formação, o ISCJ disponibilizava, às suas alunas, línguas estrangeiras, canto, economia doméstica e noções de higiene. Com isso, as futuras professoras, ao fim do curso, estariam aptas para ingressarem como docentes nos grupos escolares, construídos com o objetivo de implementar a educação de crianças, o antigo ensino primário. As freiras integravam a maioria do corpo docente, juntamente ao capelão do Instituto, Padre José Dias de Oliveira, ao médico Dr. Jessé de Andrade Fontes, ao livreiro João Nascimento Filho, ao engenheiro agrônomo Urbano de Oliveira Lima Netto e à ex-aluna Cordélia Lima Nascimento, que muitas vezes acumulavam disciplinas dentro da sua área de formação, como fica evidenciado no quadro 6.

Quadro 6- Professores do Curso Normal Regional do ISCJ

PROFESSORES	DISCIPLINAS
Dr. Jessé de Andrade Fontes	História Natural, Anatomia, Química, Física e Higiene
Padre José Dias de Oliveira	História, Religião, Português e Literatura
Dr. Urbano de Oliveira Lima Netto	Latim
João Nascimento Filho	Inglês
Cordélia Lima Nascimento	Educação Física
Ir. Maria da Glória da Eucaristia	Geografia
Ir. Aurora Maria do Sagrado Coração de Jesus	Matemática
Ir. Maria Reparadora da Eucaristia	Francês
Ir. Carminda	Canto Orfeônico
Ir. Angelina	Trabalhos Manuais, Economia Doméstica e Desenho
Ir. Assunção de Maria Santíssima	Pedagogia e Psicologia

Fonte: Diário da ex-aluna Rose-Mary Cravo Freire. Acervo de Rogério Freire Graça. *Grifo nosso.*

Quanto ao uniforme escolar, este era um elemento de distinção das normalistas. Padronizava e organizava as alunas, apresentando-as à sociedade como pertencentes ao ISCJ. Era motivo de orgulho, pois representava uma instituição de educação dedicada a formar moças para exercerem o magistério, tendo três funções básicas, segundo Cruz e França (2011), que seriam: “representar a identidade da instituição, promover a segurança dos alunos fora da escola e estimular o orgulho dos estudantes pelo colégio” (p. 154).

Para tanto, era preciso ter zelo ao usá-lo, no lavar, passar e vestir. Não podia apresentar desgastes, manchas, áreas desbotadas, pregas ou bainhas desfeitas. Tinha que traduzir a personalidade de quem o vestia e o brio do colégio que representava, não podendo ser visto em atitudes de mau comportamento, dentro ou fora dos muros do colégio. Geralmente eram feitos em três versões, para o diário, para as ocasiões festivas, e para as aulas de Educação Física, que diferiam pelo modelo e qualidade dos tecidos. No ISCJ a farda utilizada desde a fundação era na cor grená e branco. Sobre o tema, um relato da aluna Rose-Mary Cravo Freire nos traz maiores esclarecimentos:

A primeira farda era composta por saia de pregas fundas de tropical ou casimira grená, meias grossas brancas até o joelho, sapato colegial de verniz preto, blusa branca de mangas compridas e gravata grená. Nos dias de festas, trocávamos a blusa de tricoline, por uma de seda, luvas brancas e chapéu branco feito de talagarça engomada com aba debruada de grená e em volta da copa uma fita grená que terminava em um laço com pontas (CRAVO FREIRE, 2006, p. 62).

Quando o ISCJ adotou o Ensino Normal Regional, a Madre Superiora mudou o fardamento introduzindo as cores azul e branco e um broche esmaltado com as insígnias do colégio. Segundo Cravo Freire (2006), a nova farda foi usada pela primeira vez nas comemorações de 07 de setembro, em 1949:

A farda passaria a ser: saia longa de casimira ou tropical pregueada na cor azul marinho; blusa de seda branca, com gola superposta azul marinho [...] quadrada nas costas (tipo marinheiro), tendo na frente duas pontas com seis botões brancos em cada lado e presa por um laço de fita da mesma cor, com punho azul marinho, tendo três botões em cada lado; Cinto azul marinho; sapato colegial de verniz preto; meias pretas; chapéu de feltro azul marinho, com um laço de gorgorão azul e branco, que contornava a copa e caía em pontas e luvas brancas (CRAVO FREIRE, 2006, p.124).

A farda do ISCJ passou a ser igual à da Escola Normal Rui Barbosa, à qual era equiparada. Pudemos ter noção desse fato através de Freitas (2003) que em seu livro, traz as características do fardamento daquela instituição. “O uniforme (farda), [...] era composto por saia plissada azul marinho; blusa branca com gola tipo marinheiro e punhos azul-marinho, meias e sapatos pretos” (p.144).

Naquele mesmo ano, Benedito Lacerda e David Nasser compuseram o samba-canção intitulado “A Normalista”, levado ao rádio pela voz de Nelson Gonçalves, que falava da ingenuidade e beleza da normalista e abordava as cores de seu fardamento: “Vestida de azul e branco, trazendo um sorriso franco no rostinho encantador minha linda normalista, rapidamente conquista, meu coração sem amor...” (CRAVO FREIRE, 2006, p. 138).



Figura 6- Broche esmaltado com as insígnias do ISCJ, utilizado na farda das normalistas.
Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

O fardamento escolar não devia ser mesclado com joias, bijuterias ou qualquer outro tipo de atavio. Permitiam apenas laços de fitas em cores discretas para a guarnição dos cabelos. E para as alunas que desobedeciam as regras do fardamento, existiam caixas de papelão com as respectivas identificações, que guardavam presilhas, broches, brincos e outros enfeites proibidos.



Figura 7: Normalistas do ISCJ – 1951 - da esquerda para a direita: Cecília Calazans de Araújo, Rose-Mary Cravo Freire, Mariolanda Souto Santos e Ivone Gomes Barreto
Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça.

Segundo Teive (2008):

Invenção da República, o uniforme escolar constituía-se num dos pontos importantes na produção do novo *habitus* pedagógico, contribuindo para aumentar o controle sobre o comportamento dos/as futuros/as professores/as, para sedimentar o novo modo de se comportar. As punições previstas para os desvios praticados pelos/as alunos/as quando no uso do uniforme deveriam contribuir para fortalecer os mecanismos de autocontrole exercido sobre as suas ações e pulsões, concorrendo para o seu auto-condicionamento (TEIVE, 2008, p. 183).

Sobre o ano letivo e o horário das aulas, ficou evidente, através dos boletins e relatos de Cravo Freire, em seu diário, que iniciavam-se as aulas no mês de março e

encerravam-se no início do mês de dezembro, quando aconteciam as solenidades de formatura.

As aulas, que duravam 50 minutos, ocorriam de segunda-feira ao sábado, geralmente das 8 às 12 horas da manhã. Em alguns anos, veremos as aulas específicas de ginástica acontecerem às 7 horas, como nos comprova o quadro 7. O recreio era sinalizado após o terceiro horário, sendo precedido pelas orações na capela do colégio. As férias ocorriam nos meses de julho e dezembro, essas últimas eram mais prolongadas, encerrando-se em março, quando se dava início a um novo ano letivo.

Quadro 7 – Horários das aulas do Ensino Normal Regional do IS CJ (2ª turma-1950)

Primeira Série – 1950						
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
08:00h	Desenho e Caligrafia	Trabalhos Manuais e Economia Doméstica	Ginástica	Desenho e Caligrafia	Atividade	Ginástica
09:00h	Matemática	Ciências Físicas e Naturais	Matemática	Ciências Físicas e Naturais	Matemática	Ciências Físicas e Naturais
10:00h	Francês	Geografia Geral	Canto Orfeônico	Geografia Geral	Canto Orfeônico	Geografia Geral
11:00h	Atividade	Português	Francês	Português	Religião	Português
Segunda Série- 1951						
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
08:00h	Desenho e Caligrafia	Trabalhos Manuais e Economia Doméstica	Ginástica	Desenho e Caligrafia	Trabalhos Manuais e Economia Doméstica	Ginástica
09:00h	Geografia do Brasil	Matemática	Canto Orfeônico	Matemática	Geografia do Brasil	Matemática
10:00h	Português	Ciências Físicas e Naturais	Português	Ciências Físicas e Naturais	Português	Ciências Físicas e Naturais
11:00h	Francês	Atividade	Geografia do Brasil	Francês	Atividades	Religião
Terceira Série – 1952						
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
07:00h					Educação Física	
08:00h	Inglês	Português	Inglês	Português	Inglês	Português
09:00h	Anatomia	Desenho	Anatomia	Desenho	Anatomia	Canto Orfeônico
10:00h	Canto Orfeônico	Matemática	Atividade	Matemática	Atividade	Matemática
11:00h	Trabalhos Manuais e Economia Doméstica	História Geral	Religião	História Geral	Religião	História Geral

Quarta Série – 1953						
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
07:00h	Ginástica					
08:00h	Português	Pedagogia	Português	Pedagogia	Português	Psicologia
09:00h	Matemática	Latim	Matemática	Latim	Matemática	Religião
10:00h	Didática e Prática	Noções de Higiene	Didática e Prática	Desenho	Didática e Prática	Noções de Higiene
11:00h	Inglês	História do Brasil	Inglês	Canto Orfeônico	História do Brasil	Canto Orfeônico

Fonte: Anotações encontradas em livros e cadernos da aluna Rose-Mary Cravo Freire.

As programações religiosas movimentavam o cotidiano do ISCJ. Consistiam em comemorações ao mês de Maria; ao padroeiro do colégio, Sagrado Coração de Jesus; ao padroeiro da ordem, São Francisco; às trezenas de Santo Antônio e Corpus Christi; além de retiros espirituais, aniversários onomásticos das freiras e visitas da Madre Geral. Eram realizadas na igreja ou no salão nobre do Instituto. Presididas pelo Pároco Antônio Freitas, pelas freiras e com participação unânime das alunas, que deveriam demonstrar naquelas ocasiões o fervor incutido em suas mentes através das aulas de religião e dos ensinamentos transmitidos no cotidiano do ano letivo. As alunas externas do ensino Normal Regional gozavam de certa liberdade, pois não eram obrigadas a assistirem a missa dominical na capela do colégio. As alunas internas e as do ensino primário tinham obrigação de assistirem as referidas missas, sendo controladas por uma caderneta para o preenchimento da assiduidade, sendo passíveis de castigos aquelas que não comparecessem.

Porém, nos eventos religiosos promovidos pelo ISCJ todas as alunas se faziam presentes, sendo facultativo apenas para as discentes que não professavam o credo católico. Participavam com leituras, declamações, discursos e cânticos, que eram previamente ensaiados com as Irmãs Carminda e Ave Maria, respectivamente a professora de canto Orfeônico e a freira harmonista, distribuindo ao final mementos comemorativos como lembrança do evento. Isso acontecia principalmente durante o mês de Maria, quando cada série do ensino Normal Regional parainfava uma semana.

Sobre os eventos do Mês de Maria, a aluna Cravo Freire, através dos escritos encontrados em seu diário, nos traz uma apurada descrição:

O Mês de Maria, no nosso colégio, era comemorado em grande estilo, na Igreja de Nossa Senhora do Amparo. A primeira semana era comemorada pelo curso primário e a primeira turma do Normal. As outras semanas eram das turmas mais adiantadas. Cada turma procurava fazer a sua semana mais bonita, com muitas flores, velas e santinhos

que eram distribuídos, durante a celebração. A turma que ficava com a última semana, tinha mesmo que caprichar, pois no dia do encerramento era feita a coroação de Nossa Senhora, onde uma coleguinha vestida de anjo colocava uma coroa de rosas na imagem da Virgem Maria. O Altar-Mor da nossa Igreja era muito bonito tinha uma coroa iluminada no alto, e havia aquele aparato para depositar flores no altar da Virgem Maria, por todas as alunas[...] Geralmente as novenas eram cantadas pelas alunas que estavam patrocinando aquela semana, [...]e eram escolhidas [músicas sacras, em latim, como], a TOTA PULCHRA (hino a Nossa Senhora) e o TANTUN ERGO para a Benção do Santíssimo Sacramento (CRAVO FREIRE, 2006, p. 153).

Através de um relato semelhante, a aluna Tessela Dourada (2011) nos afirmou que as comemorações do Mês de Maria e do Sagrado Coração de Jesus, ocorridas respectivamente nos meses de maio e junho, eram “o ponto alto religioso” no ISCJ, sendo realizadas, naquele primeiro evento, constantes ofertas de flores, novena e, para finalizar, a Coroação da Virgem Maria. Segundo Tessela Dourada: “Eu mesma, quando não saía de anjo, saía coroando”.



Figura 8- Memento comemorativo do Mês de Maria no ISCJ – 1950
Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

Com relação os retiros espirituais, esses aconteciam dentro da capela do ISCJ, onde as alunas ficavam sobre os sermões do missionário carmelita Frei Eliseu Vieira, orando, vigiando, ouvindo as pregações e entoando cânticos de louvor. As alunas descansavam em pequenos intervalos destinados à merenda e à leitura da hagiografia.

Os dramas, bailados e recitais eram também eventos concorridos, patrocinados pelo ISCJ, e geralmente objetivavam angariar fundos para as construções ou reformas do colégio ou de prédios religiosos da cidade de Estância. Ao mesmo tempo em que exercia a filantropia, o corpo docente do ISCJ demonstrava à sociedade o potencial de suas alunas, versadas no canto, na dramatização, na execução de instrumentos musicais e até nas artes plásticas, através da composição dos cenários.

Geralmente eram realizados no salão nobre do colégio, posteriormente no palco do ISCJ, quando esse foi construído, no Grêmio União Têxtil da Fábrica Senhor do Bonfim ou no Cine Teatro Gonçalo Prado.

A partir de 1950, começamos os festivais para angariar fundos para a construção do nosso palco. O primeiro foi em um palco improvisado no próprio Colégio, nele fiz o papel de índia, juntamente com outras colegas, com vestimentas de penas de perus. Era a história do índio Itaquarí. Em 1951, as nossas apresentações passaram a ser no palco do Cinema Gonçalo Prado. Os ingressos eram vendidos antes, por uma comissão de alunas, e a população lotava o Cinema. Participei de várias apresentações, a exemplo de “A Rosa e o Vento” [...] “A Dança das Sombrinhas” [...] de mais um bailado representando flores, dessa vez, fui a margarida. Começamos a ensaiar uma peça: “O Milagre de Nossa Senhora de Lourdes”, em quatro atos [...] Passamos quase um ano de ensaios [...] Essa peça foi encenada em 1952. No ano seguinte, depois de nossa formatura, ainda participei de um festival que encerrava a cena com um bailado, com os nossos vestidos longos de formatura dançando a valsa “Danúbio Azul” (CRAVO FREIRE, 2006, p.144).

Ainda no curso Normal Regional, o ISCJ promoveu uma festa intitulada “Big Show” ocorrida no dia 03/08/1951 e destinada a angariar fundos para as reformas da Igreja Matriz de Estância. Foi realizada no grêmio da Fábrica de Tecidos Senhor do Bonfim e acompanhada pela banda de mesmo nome, pertencente à Fábrica. As alunas do Ensino Normal Regional atuaram na recepção da sociedade, no serviço das mesas, na apresentação de um variado repertório musical entre solos e duetos. Ocorreu durante o evento um desfile para a eleição da “Rainha do Big show” e após inúmeras atrações, o encerramento ocorreu, com o bailado das rosas, executado em um dos camarotes do

grêmio pelas alunas, trajadas com vestidos cor-de-rosa, ao som de Contos dos Bosques em Viena de Strauss (CRAVO FREIRE, 2006).

Ainda com relação aos eventos filantrópicos, durante a Segunda Guerra Mundial, a direção do ISCJ, objetivando contribuir com os soldados brasileiros que se encontravam em combate, enviou metal para um reforço armamentista através de coleta feita por um mutirão de alunas de todas as séries. Sobre o fato, Tessela Dourada (2011) nos relata: “Tínhamos por obrigatoriedade sair catando metal para enchermos os caminhões para levar [...], esforço de guerra, que tal?”

Eram realizados também desfiles cívicos em homenagem ao 7 de setembro, quando, divididas por pelotões e acompanhadas pela banda marcial, as alunas do ISCJ ostentavam suas fardas de gala e marchavam compassadamente para representar seu colégio nas comemorações da Semana da Pátria. Para Teive (2008), “Emocionar, tocar o coração era [...] a principal expressão da educação moral e cívica. Por isso tomaram de empréstimo da religião católica a prática de rituais simbólicos, os cultos, que acreditavam ter um poder de atração/sedução junto à população [...] (p. 58).



Figura 9- Desfile de 7 de setembro em Estância, década de 1950. Observando-se, à direita da Fotografia, os pelotões do ISCJ.

Fonte: Acervo de Maria Selma Barreto Noronha

Segundo Cruz e França (2011) “A banda marcial era composta de vários instrumentos. Havia muita disputa para a participação das meninas na banda, para tocar tambor, caixa e cornetas (p. 144)”. O treinamento era feito pelo Sargento do Tiro de Guerra, Sr. Antônio Tavares. A marcha cadenciada e as evoluções com espadas a cada esquina da cidade eram marcas no desfile do ISCJ, levando essa escola ao primeiro lugar do desfile por vários anos, quando, da sacada da Prefeitura Municipal, era conferida a taça da vitória pelas mãos do prefeito à Diretora Irmã Assunção de Maria Santíssima. Sobre a vitória alcançada em 1952, a aluna Cravo Freire nos relata:

Já prevendo sermos vencedoras, treinamos uma evolução, que só seria feito em caso de vitória. Quando veio a confirmação, já com uma aluna, portando a taça, a banda começou a tocar, e houve um desfile de agradecimento em frente à prefeitura, onde estavam todas as autoridades. Marchando, o pelotão da frente fez o V da vitória, com o maior gabarito. Foi um delírio [...] (CRAVO FREIRE, 2006, p. 153).

Em todos os eventos promovidos pelo ISCJ, como também durante as atividades diárias, era entoado o hino do colégio, o qual rogava bênçãos e proteção ao padroeiro Sagrado Coração de Jesus. Funcionava também como um elemento identitário para o corpo discente, conferindo às estudantes o sentimento de orgulho por pertencer à referida instituição.

Hino do Instituto Sagrado Coração de Jesus

A fronte curvamos humilde reverente a dirigir-te
Humílima oração nossa prece atendes complacente
Não nos deixe implorar-te em vão

Qual farol seguro e luminoso
Existência afora nos conduz
E em busca do reino glorioso
A ti seguiremos “Coração de Jesus”

Tu que mudas em goso a dor pungente
E a densa treva em fulgido do clarão ilumina-nos
A alma docemente mostra-lhe o bem “Sagrado Coração”

Qual farol ...

Das alturas de teu trono egrégio
Cheio e glória, paz e de luz
Abençoa o nosso colégio
O “Sagrado Coração de Jesus”

Qual Farol ...

Percebemos, portanto, que as festas cívicas ou religiosas, promovidas pelo ISCJ ou integradas por ele, objetivavam divulgar a civilidade que era conferida às suas alunas, através da dramatização, canto, execução de instrumentos musicais, artes plásticas, comportamentos, asseio, postura. Figuravam como cartão de visitas daquilo que a educação ministrada no ISCJ seria capaz de assegurar, nas vidas de suas discentes. Sobre as festas escolares, Valença (2005) afirma:

Muitas das festas organizadas pelas escolas expressavam um discurso pautado na solidificação do ideário civilizatório. [...] Elas demonstravam de forma peculiar a qualificação da escola republicana, concebida como símbolo de crescimento, esboçado no cenário de reconstrução do modelo de ensino (VALENÇA, 2005, p. 67).

As formaturas também eram festas escolares que estavam inseridas no calendário anual. Essas festas, peculiarmente, teriam a participação dos pais das docentes na organização do evento, juntamente à administração do ISCJ, e eram realizadas no mês de dezembro, após o término do semestre letivo. Consistiam em um momento ímpar na vida da normalista, que representava seu ingresso no mundo do trabalho ou simplesmente concluía sua formação, tornando-a apta para buscar novas possibilidades, em que poderiam estar inseridos o casamento e a maternidade.

As formaturas eram manifestações solenes com a presença de políticos, literatos, representantes do Bispo Diocesano, do Governador do Estado e da administração municipal, que se reuniam à administração do ISCJ, seu corpo docente e à sociedade estanciana, para diplomarem as normalistas do ano. O evento geralmente era dividido em três partes, iniciando com a missa festiva, celebrada pela manhã na capela do ISCJ, seguido pela colação de grau, ocorrida no início da noite, no palco do colégio e, posteriormente, o esperado baile de formatura, no Cruzeiro Esporte Clube.

Para a realização das solenidades da formatura, o último semestre letivo se fazia decisivo, pois as normalistas estavam executando suas últimas avaliações, com provas orais e escritas, para integralizarem seu currículo. Além disso, era o período iminente ao evento, quando teriam que ser tomadas inúmeras providências: escolha do paraninfo e homenageados; escolha da cor dos vestidos da missa, da colação de grau e dos atavios, que geralmente eram padronizados; convites; anel de formatura; fotografias para a composição do álbum de formatura; mementos comemorativos para a distribuição

durante a solenidade; discursos; repertório musical para a missa e ensaio das valsas para o baile.

Sobre a solenidade de sua formatura, ocorrida em 06/12/1953, a aluna Cravo Freire escreveu:

A festa começou na tarde do dia 05 de dezembro, onde o paraninfo ofereceu um coquetel às afilhadas, no nosso próprio Colégio. No domingo dia 06 de dezembro, missa festiva na Igreja do Colégio. Éramos vinte alegres normalistas, vestidas de verde, acompanhadas de suas famílias e amigos. Houve a benção dos anéis, que colocaríamos a noite. Para a colação de grau, partimos a pé em cortejo, pelo braço dos nossos padrinhos, por toda rua Gumersindo Bessa, até o Colégio e com grande acompanhamento de pais, parentes e amigos. Foi uma festa belíssima, o auditório ficou lotado. A mesa com as autoridades ficou localizada no palco. Depois dos discursos do paraninfo e da oradora da turma, começamos a ser chamadas para a entrega dos diplomas. No palco havia duas escadas, subíamos por uma, recebíamos o diploma, a superiora, colocava o anel em nosso dedo [...] e descíamos pela outra escada lateral. Encerrando a festa às 22:00 horas, houve o baile no Cruzeiro Esporte Clube, onde dançamos com os nossos padrinhos a valsa de Strauss Danúbio Azul (CRAVO FREIRE, 2006, p. 172).

Para Bourdieu (1996) os ritos de instituição ou legitimação, a exemplo das formaturas, têm a finalidade de “fazer ver a alguém o que ele é e ao mesmo tempo lhe fazer ver que tem de se comportar em função de tal identidade” (p. 99). Portanto, a professora formada no curso Normal Regional assumiria o papel de educadora, agindo dentro dos conceitos ensinados durante as aulas e dos preceitos que permeavam a educação no contexto da época. Nesse sentido, “[...] o ritual de formatura dos/as normalistas, consubstanciados nos discursos das autoridades, paraninfos e oradores, atribuía-lhes uma competência [...] consagrando, instituindo e legitimando um modo particular de ser professor/a, socialmente reconhecido” (TEIVE, 2008, p.143).



Figura 10- Aluna Rose-Mary Cravo Freire vestida para a colação de grau e o Baile de sua formatura – 1953
Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

A distinção das formaturas do Ensino Normal do ISCJ foi propagada pela imprensa, a partir de 1941, com a colação de grau da primeira turma. Os jornais “A Razão” e “A Estância” anualmente convidavam a sociedade estanciana a participarem do evento, divulgando o programa com as solenidades da missa Te Deum, colação de grau e baile, destacando paraninfos, homenageados e demais autoridades e elencando o nome das normalistas concludentes. Em edição posterior à formatura, os jornais traziam a cobertura social detalhada das solenidades. O quadro 8, elaborado a partir das colunas sociais do jornal “A Estância”, nos dá um panorama das alunas formadas nas quatro turmas do Ensino Normal Regional, ingressantes no período entre 1949 e 1952 e concludentes entre 1952 e 1955.

Quadro 8- Formandas do Ensino Normal Regional do ISCJ (1952 a 1955)

ANO DE CONCLUSÃO DO CURSO	FORMANDAS
1952	Altair Santos Prado Benedita Oliveira Celina de Brito Ávila Cléa Rodrigues Caxico Josefa Tereza Lima Costa Maria Glauce Silva Santos Maria Helena Dantas Maria Inês de Assis Maria Inês Dantas Lima Maria Lêda Rodrigues Maria Lígia de Jesus Maria Salvelina da Silva Mariana Correia Fontes Marilene Leite Torres Teresinha Ribeiro de Souza
1953	Ana Angélica Mota Cruz Dione Carvalho Costa Cecília Araújo Calazans Euclídia R. Guimarães Gilda Araújo Libório Josefa Creuza Menezes Laura Modesto Rocha Maria do Carmo S. Santiago Maria da Glória Farias Maria Osair de Oliveira Mariolanda Souto Santos Marlene da Silveira Libório Marlene Silva Santiago Miriam Araújo Núbia Siqueira de Menezes Odete Gabriel Jasmin Osvaldina Cardoso Silva Raimunda Dantas de Souza Rose-Mary Cravo Freire Selenê de Brito Lima
1954	Ana Flora N. Amado Eliane Nascimento Amado Enise Rodrigues Lima Herotildes de Assunção Iolanda Rodrigues Guimarães Janete Silva Joana Vieira dos Santos Laurinda Dantas Torres Lindinalva A. dos Santos Luzia Maria F. Silva Maria Felismina Vieira Maria Nele Matos Maria Sílvia Gualberto Maria Terezinha Cruz

	Neuza Campelo de Oliveira Rivanda Silva Carvalho
1955	Edite Lessa Alves Edite Maria dos Santos Eudete A. do Nascimento Eline Rodrigues Lima Leda Maria S. da Silva Maria Ivone Gomes Barreto Maria de Lourdes Santos

Fontes: Jornal A Estância (14/11/1952, 20/12/1953, 05/12/1954, 11/12/1955).

O curso Normal Regional do ISCJ formou as representantes femininas das classes abastadas estancianas, conferindo-lhes civilidade e a possibilidade do crescimento profissional. A influência familiar era ponto decisivo para a escolha de uma instituição que educasse suas filhas e as civilizasse, preparando-as para atuarem no magistério ou moldando-as para o cuidado do lar. Essa formação para a atuação doméstica consistia em um cartão de visitas para aquelas que pretendiam se casar e constituir família, pois eram requisitos para serem indicadas e posteriormente escolhidas pelos familiares dos futuros pretendentes.

Suas famílias geralmente eram abastadas, algumas tradicionais, outras não. Seus pais e avós eram industriais, comerciantes, fazendeiros, jornalistas, professores, profissionais liberais. Alguns, com nível superior, atuavam também como escritores, correspondentes de jornais e mantinham em suas casas o hábito da leitura e a execução de um instrumento musical.

As classes abastadas demonstravam, através das práticas cotidianas, a necessidade de ter uma educação aprimorada, pois precisavam evidenciar seu status social. Com todo esse arcabouço familiar, as normalistas, ao ingressarem no ISCJ, não tomavam por surpresa a dinâmica das aulas, as práticas de leitura ou as inúmeras disciplinas, pois já tinham sido direcionadas desde a infância ao estudo continuado, iniciado, na maioria das vezes, no próprio ISCJ, que também oferecia o ensino primário.

A mesma situação encontramos em outros estados brasileiros. Citamos o exemplo da Paraíba, evidenciada por Machado e Nunes (2009), que nos mostra, através de entrevistas feitas com ex-professoras, a atuação dessas no contexto social paraibano, após suas diplomações no Curso Normal. Mulheres que atuaram durante décadas em salas de aula, que presidiram entidades culturais, fundaram associações, escreveram em jornais, revistas e até deixaram livros publicados. Muitas delas foram reconhecidas, no

final da vida, pelos serviços prestados à educação, recebendo o paraninfo de uma escola ou logradouro do referido Estado. Eram mulheres pertencentes a uma classe social abastada e que demonstravam nos atos simples do cotidiano, sua origem familiar.

Quanto ao reconhecimento das normalistas estancianas que realmente atuaram no magistério, poderíamos citar vários nomes que paraninfaram diversas escolas do município, porém, devido ao recorte temporal do nosso trabalho, vamos evidenciar apenas aquelas que cursaram o Ensino Normal Regional (1949-1955). Algumas ex-normalistas atuaram no magistério, porém, apenas três professoras foram homenageadas: Dione Carvalho Costa, nomeando uma escola municipal e uma biblioteca infantil; Mariolanda Souto Santos, nomeando uma escola municipal e Rose-Mary Freire Graça⁶, nomeando uma rua do centro histórico da cidade, através do Projeto de Lei nº 28, de 05 de outubro de 2006, que justifica a homenagem afirmando que a professora Rose-Mary

[...] devotou sua vida a uma das causas mais nobres da humanidade que é a educação e o fez por vocação pacificada e paixão aberta [...] Portanto, nosso propósito é o de deixar que a luz da câmara do saber de uma estanciana de fibras referenciais continue a nos provocar como uma presença emblemática numa veia de curso do corpo de sua amada cidade (Projeto Lei nº 28/2006).

Coincidentemente as três professoras homenageadas foram colegas de classe, cursando a segunda turma do ensino Normal Regional do ISCJ e diplomando-se no ano de 1953.

Para mais uma etapa da imagem do mosaico, analisaremos, em seguida, o currículo de formação das normalistas no ISCJ, dando ênfase à sua prescrição. Utilizaremos, para tanto, o material didático e demais fontes guardadas por ex-alunas e trazidas à tona com o objetivo de conhecer o ISCJ, além do que os documentos oficiais puderam nos evidenciar. As tesselas desta vez serão amareladas, semelhantes às antigas páginas dos cadernos e livros que permaneceram fechados por décadas e agora foram reabertos. Assim, mais uma vez adentramos no mosaico para descobrir as tesselas que possam compô-lo e procurar a imagem que nos revelará, pois entre o rezar, o civilizar e o educar, o que pretendemos é perceber a formação de professoras no ISCJ.

⁶ Nome adotado por Rose-Mary Cravo Freire após o casamento.

1.3 – O que as normalistas precisavam aprender? - a análise do currículo prescrito do ISCJ

Analisando o currículo prescrito do ISCJ, tivemos noção do que era esperado para a formação da normalista e que perfil teria após cursar o ensino normal, uma vez que “Os currículos, [...] ajudam a produzir sujeitos específicos, certos homens, certas mulheres, certos professores, certas professoras. Os currículos contribuem, em síntese, para a construção do que somos e do que não somos” (MOREIRA E MACEDO, 2002, p. 8). Contudo, o currículo também é responsável pelos processos de seleção e organização do conhecimento escolar, constituindo-se um campo de relações de dominação.

Na visão de Goodson (1995), currículo é “uma estrutura de conhecimento socialmente apresentado, externo ao conhecedor, a ser por ele dominado [...] uma possibilidade que o discente tem como pessoa existente, sobretudo interessada em dar sentido ao mundo em que de fato vive” (GOODSON, 1995, p.34). cremos então que o currículo funciona como um instrumento que irá selecionar pessoas, para conferir-lhes instrução, aprimoramento e formação.

O currículo pode ser interpretado como um conjunto de documentos que irá regulamentar o que deve ser estudado em uma instituição de ensino, visando um determinado objetivo. Segundo Goodson (1995), com relação à etimologia, “o currículo deve ser entendido como o conteúdo apresentado para estudo”, para tanto, o nível cultural do aluno, seu perfil e sua classe social serão utilizados como critérios e elementos fundamentais na composição desse currículo.

A partir do século XVI, com a Renascença, a divisão de alunos em classes, com currículos prescritos, já era utilizada na Europa, e o critério estabelecido era a idade e o conhecimento acumulado. Um exemplo dessa prática é o College Montaign de Paris, em 1509, um estabelecimento de ensino voltado às classes abastadas. Podemos discernir, a partir daí, que o currículo será moldado de acordo com a classe social à qual pertence o aluno. Destinando aos mais ricos um nível educacional mais elevado e aos mais pobres a educação básica. Então,

[...] logo que se constatou o seu poder para determinar o que devia se processar em sala de aula, descobriu-se um outro: o poder de diferenciar. Isto significa que até mesmo as crianças que frequentavam a mesma escola podiam ter acesso ao que representava “mundos” diferentes através do currículo a elas destinados (GOODSON, 1995, p.33).

A partir do séc. XVIII, com o início da industrialização, a família que anteriormente instruía seus filhos no ambiente do lar, passou a delegar essa função à escola estatal, nas salas de aula, em grupos de alunos com idades e níveis variados de instrução, cabendo, portanto, currículos específicos para cada faixa etária. Observamos que, de forma gradativa, o currículo vai se tornando presente, indispensável e mutável, nas instituições de ensino. Assim,

Na altura do século XX, a retórica da produção em série do “sistema de sala de aula” (por exemplo: aulas, matérias, horários, notas, padronização, fluxogramas) tornou-se tão difundida que alcançou com êxito um status normativo – criando os padrões com os quais todas as inovações educacionais subsequentes passaram a ser avaliadas (GOODSON, 1995, p.35).

No contexto do século XX está inserido o nosso objeto de estudo, o ISCJ. Essa instituição ofereceu o Ensino Normal, de acordo com o Decreto nº 88 de 7 de agosto de 1937, cursado em cinco anos, entre 1936 e 1949, quando adaptou seu currículo para o Ensino Normal Regional, cursado em quatro anos, tomando como base a Lei Orgânica do Ensino Normal, do Decreto Lei N. 8.530, de 2 de janeiro de 1946.

Art. 1º.Fica outorgado o mandato nos termos do Decreto-Lei Federal nº 8.530, de 02 de janeiro de 1946, ao “Instituto Sagrado Coração de Jesus”, da cidade de Estância, para que ministre curso de Ensino Normal do 1º Ciclo, sob a denominação de “Curso Regentes de Ensino” Sagrado Coração de Jesus, Art. 2º. Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Palácio do Governo de Sergipe. a) José Rollemberg Leite, b) Acrísio Cruz. (CRUZ e FRANÇA, 2011, p.92)

Analizamos os currículos separadamente e percebemos que, no Ensino Normal, a ênfase maior era dada à Língua Portuguesa e à Matemática. Por serem disciplinas básicas na formação do aluno, eram ministradas em todos os anos do curso. Da mesma maneira, a frequência das aulas de Higiene e Puericultura, Desenho, Música e Trabalhos Manuais nos mostra que o perfil do curso era formar a mulher para o lar, dando-lhe as noções artísticas e de economia doméstica, tudo isso garantido pelas línguas estrangeiras, que conferia status a quem cursava.

As disciplinas de cunho pedagógico, formadoras das futuras professoras, estavam reduzidas à Pedagogia e Aptidão Pedagógica, sendo cursadas no último período letivo. A escassez de disciplinas pedagógicas nos faz duvidar se a formação docente era realmente o objetivo principal do curso. Além das disciplinas abordadas, o referido currículo disponibilizava às normalistas: História Natural, que abrangia biologia, botânica e Zoologia; Física, Química, Geografia Geral, Corografia e Cosmologia, que abrangiam respectivamente o estudo da Geografia do Brasil e dos astros; Educação Física, História Geral, do Brasil e de Sergipe, Educação Moral e Cívica, Literatura e Agricultura. Sobre essa última, Tessela Dourada (2011) nos informou que:

A professora poderia ir para a zona rural [...], nós tínhamos que ter uma base do que era o nosso Brasil, o que era o rural, o que era o menino que vinha do campo, aquele palavreado, o plantar, o colher, a época certa do plantio, tudo isso eu aprendi nessa disciplina chamada Agricultura.

Tomando como base os currículos dos Cursos Normal e Normal Regional do ISCJ, organizamos dois quadros em que as disciplinas cursadas são apresentadas junto ao seu período de preleção. Assim sendo, é possível também observarmos que algumas são ministradas repetidas vezes ao longo do curso, o que para nós significa um exemplo de destaque aos conteúdos de maior importância para a formação daquelas normalistas.

Quadro 9 – Grade curricular do Ensino Normal do ISCJ- 1949

MATÉRIAS	ANOS				
	1º	2º	3º	4º	5º
Português	X	X	X	X	X
Francês	X	X			
Inglês		X	X		
Matemática	X	X	X	X	
História Natural, Higiene e Puericultura			X	X	X
Física			X		
Química				X	
Geografia Geral	X				
Corografia e Cosmografia		X			
Agricultura					X
Desenho	X	X	X	X	X
Música (Canto Orfeônico)	X	X	X	X	X
Trabalhos Manuais	X	X	X	X	X
Educação Física	X	X	X	X	X
História do Brasil e de Sergipe			X		
História geral				X	
Educação moral e Cívica					X

Literatura					X
Pedagogia					X
Aptidão Pedagógica					X

Fonte: Histórico escolar de Maria Selma Gomes Barreto, ex-aluna do ISCJ – 1949.

Acervo de Maria Selma Barreto Noronha

A alunas do Curso Normal do ISCJ cursavam em média de 8 a 11 disciplinas por ano e sua avaliação final era convertida em graus, de acordo com a soma das notas atribuídas nos anos letivos. Os graus eram conferidos da seguinte maneira: até 50 pontos - Simplesmente, entre 51 e 94 pontos – Plenamente e a partir de 95 pontos – Distinção.

Com a adequação do currículo para o Ensino Normal Regional, o número de disciplinas reduziu, sendo algumas retiradas e outras incorporadas. A carga horária do curso também diminuiu, sendo concluído com um ano a menos. Quanto às avaliações das disciplinas, essas eram fracionadas, com notas cumulativas, buscando fomentar nas alunas a adaptação às provas escritas e orais, além dos trabalhos de pesquisa, redações, dissertações e exposições, essas últimas direcionadas à disciplina Trabalhos Manuais. As provas orais eram presenciadas por bancas examinadoras, compostas por sete professores e pela Madre Superiora, ocorridas no final de cada semestre, juntamente às provas escritas.

“Estudava-se para cada matéria, vinte dissertações e trinta assuntos para quesitos e arguições. O valor das notas era a soma da prova escrita, com as notas das duas arguições, dividida por três” (CRAVO FREIRE, 2006, p. 168). Além do desempenho com as matérias do curso, outros tipos de avaliações eram passíveis de notas, a exemplo da disciplina e da higiene com o material didático e o fardamento. Sobre as avaliações, a aluna Tessela Dourada (2011) acrescenta: “Nós tínhamos que dissertar, como se faz [...] uma defesa de tese. Tirávamos o bendito ponto dos vinte assuntos que foram dados durante o ano, e o que fosse sorteado, nós tínhamos que estar com tudo certinho para obtermos uma boa média”. Vale ressaltar que os graus de avaliação permaneceram semelhantes aos anteriores.

As disciplinas Português, Matemática e Educação Física permaneceram em todas as séries, juntamente àquelas de formação feminina: Canto Orfeônico, Desenho e Caligrafia, Trabalhos Manuais e Economia Doméstica. Da mesma forma, as duas disciplinas pedagógicas continuaram no último ano do curso, reaparecendo com outra nomenclatura: Pedagogia e Psicologia, Didática e Prática.

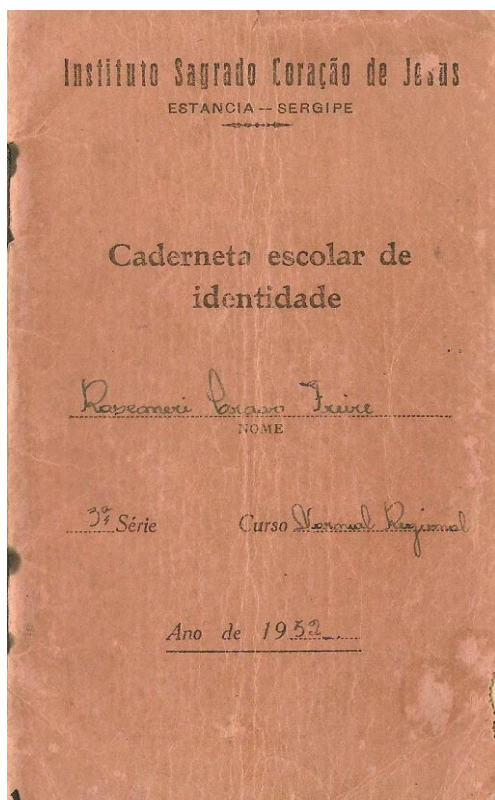
Quadro 10 – Grade curricular do Ensino Normal Regional do ISCJ - 1953

MATÉRIAS	ANOS			
	1º	2º	3º	4º
Português	X	X	X	X
Matemática	X	X	X	X
Ciências Físicas e Naturais	X	X		
Noções de Anatomia e Fisiologia			X	
Geografia Geral	X			
Geografia do Brasil		X		
História Geral			X	
História do Brasil				X
Pedagogia e Psicologia				X
Didática e Prática				X
Noções de Higiene				X
Trabalhos Manuais e Economia Doméstica	X	X	X	
Desenho e Caligrafia	X	X	X	X
Canto Orfeônico	X	X	X	X
Educação Física	X	X	X	X

Fonte: Diploma de Rose-Mary Cravo Freire, ex-aluna do ISCJ – 1953. *Grifo nosso*
 Acervo de Rogério Freire Graça

Com base em três boletins e duas cadernetas escolares da ex-aluna do Ensino Normal Regional, Rose-Mary Cravo Freire, pudemos observar que além das disciplinas evidenciadas no currículo do ISCJ, existiam outras, que embora não constassem oficialmente na grade do curso, faziam parte da formação da normalista. É o que podemos chamar de currículo real, que coloca em prática o currículo prescrito, propondo modificações para ajustá-lo com a realidade (GOODSON, 1995).

As disciplinas incorporadas ao currículo do Ensino Normal Regional do ISCJ foram Biologia e Literatura Portuguesa, no terceiro ano; Metodologia e Didática e Prática, respectivamente no terceiro e quarto ano; Religião, que passou a ser ministrada nos quatro anos letivos do curso; e as disciplinas de línguas estrangeiras Francês, Inglês e Latim, ministradas separadamente em cada ano letivo.



Sem os textos de aula o aluno não será admitido na classe

HORÁRIO DAS AULAS

	1ª aula	2ª aula	3ª aula	4ª aula	5ª aula
Segunda		Ingles...	Anatomia	Religião...	História
Terça		Português	Mat. Genal.	Matemática	Desenho
Quarta		Ingles...	Anatomia	Trabalho	Desenho...
Quinta		Português	Mat. Genal.	Matemática	Desenho...
Sexta	Mat. Genal.	Ingles...	Genética	Religião...	História
Sábado		Português	Mat. Genal.	Matemática	Desenho...

Figuras 11 e 12- Caderneta escolar da ex-aluna Rose-Mary Cravo Freire – Curso Normal Regional / ISCJ
Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

No ISCJ, os conteúdos das disciplinas foram implementados de maneiras diferentes. No Ensino Normal os livros individuais eram inexistentes. Os professores organizavam vinte apontamentos, com o conteúdo de suas disciplinas, e escreviam no quadro negro para serem copiados pelas alunas em seus cadernos e estudados para as provas orais e escritas. O Ensino Normal dispunha apenas de dois livros: História Sagrada, destinado à formação religiosa das alunas, e Crestomatia.

Sobre a Crestomatia, Tessela Dourada (2011) nos explica:

Era um livro grosso, uma vez ou outra aparecia uma figurinha do tamanho de um selo postal, e que nós tínhamos que ler, porque ali tinha de tudo. Ali tinha o Português, dali tínhamos o ditado diariamente [...] e mais importante do que tudo, o conhecimento geral que estava inserido nesta Crestomatia.

Os livros didáticos foram adotados a partir do Curso Normal Regional, visando à particularidade de cada disciplina, alguns agrupados em quatro volumes, que seriam utilizados paulatinamente nos quatro anos, a exemplo dos de Português, Matemática e Religião. Outros livros didáticos condensavam o conteúdo de dois ou mais anos de curso em um único volume, a exemplo de Ciências Físicas e Naturais, Canto

Orfeônico, Inglês e Latim. Naqueles livros individuais, o conteúdo era competente a uma única série, a exemplo de História, Geografia e Francês. Além dos demais livros, havia o dicionário de Português - Inglês e as Gramáticas Portuguesa e Latina.

Quadro 11 – Bibliografia adotada pelo IS CJ para o Curso Normal Regional

LIVRO	AUTOR	EDITORA
Português para o Ginásio	José Cretella Junior	Companhia Editora Nacional
Matemática (Primeiro Ano)	Carlos Galante e Osvaldo Marcondes dos Santos	Editora do Brasil S/A
Curso de Matemática (Segundo Ano)	Algacyr Munhoz Maeder	Edições Melhoramentos
Curso de Matemática (Terceiro Ano)	Algacyr Munhoz Maeder	Edições Melhoramentos
História Geral	Antônio José Borges Hermida	Editora do Brasil S/A
História do Brasil	Joaquim Silva	Companhia Editora Nacional
Geografia Geral	Theobaldo Miranda Santos	Companhia Editora Nacional
Geografia do Brasil	Geraldo Sampaio de Souza	Companhia Editora Nacional
Ciências Naturais	Carlos Costa e Carlos Pasquale	Editora do Brasil S/A
Anatomia e Fisiologia Humanas e Noções de Higiene.	Carlos Costa	Editora do Brasil S/A
Manual de Religião: O Símbolo dos Apóstolos (Primeiro Ano)	Joaquim Antônio Netto	Editora do Brasil S/A
Manual de Religião: O Símbolo dos Apóstolos (Segundo Ano)	Joaquim Antônio Netto	Editora do Brasil S/A
Manual de Religião: A doutrina cristã (Terceiro Ano)	Joaquim Antônio Netto	Editora do Brasil S/A
Aula de Canto Orfeônico	Judith Morisson Almeida	Companhia Editora Nacional
Mon Livre de Français	Milton Cabral de Melo	Editora do Brasil S/A
France	George Readers	Editora do Brasil S/A
English Course for Brazilian Students	Adauto Nogueira Espíndola	Editora do Brasil S/A
Dicionário Inglês-Português	Harold Howard Binns	Companhia Editora Nacional
Ludus Primus	Milton Luis Valente	Livraria Selbach
Gramática Latina para o Ginásio	Milton Luis Valente	Livraria Selbach

Livros didáticos da ex-aluna Rose-Mary Cravo Freire.

Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça.

Dentre as disciplinas ministradas no Ensino Normal Regional, havia aquelas cujos professores não tinham adotado livros didáticos como base. Nesse caso, o conteúdo era copiado no quadro e as alunas passavam para seus cadernos, que figuravam como manuais, a exemplo de: Trabalhos Manuais e Economia Doméstica, Desenho e Caligrafia, Metodologia, Pedagogia, Psicologia, Didática e Prática. Segundo Tessela Dourada (2011), a Educação Física não possuía, na época, aulas teóricas, sendo voltada apenas à prática de ginástica e esportes como voleibol, chicotinho queimado e pegadinha. Embora os livros didáticos não atingissem todas as disciplinas, pode-se observar, nesta nova fase do IS CJ, uma preocupação em separar os conteúdos, adotando os livros para facilitar o ensino-aprendizagem.

Comparando o currículo do Ensino Normal ministrado no IS CJ com o da Escola Normal Rui Barbosa de Aracaju, à qual era equiparado, notamos total semelhança de disciplinas, inclusive nas proporções entre as de cunho pedagógico e doméstico. O seu objetivo pode estar voltado à civilidade de moças que atuariam no âmbito doméstico. Porém, precisariam também de outras disciplinas que trouxessem ilustração, dando capacidade de acompanhar seus futuros maridos em eventos sociais, de receber convidados em suas casas, demonstrando uma etiqueta cerimonial necessária para focalizar a classe à qual pertenciam.

Quadro 12 – Disciplinas do Curso Normal ministrado pelo Instituto de Educação Rui Barbosa de Aracaju, a partir do Decreto de 04/05/1925

Português
Aritmética
Geografia, Corografia do Brasil e de Sergipe e Noções de Cosmografia
História do Brasil e de Sergipe
Noções de Ciências Física e Naturais e Higiene
Educação Moral e Cívica
Desenho
Música
Prática Pedagógica
Trabalhos Manuais e Economia Doméstica
Francês
Inglês
Álgebra e Geometria
Física e Química
Historia Natural
Agricultura
Historia Geral
Literatura
Pedagogia
Elementos de Psicologia

Fonte: Diploma da ex-aluna Ruth Dias Telles - Curso Normal da Escola Rui Barbosa de Aracaju – 1927.

Em contrapartida, analisando o currículo da Escola Normal Rui Barbosa após a regulamentação de 1946, quando, no ISCJ, foi criado o Ensino Normal Regional, observamos a redução das disciplinas de cunho doméstico, um número considerável de disciplinas pedagógicas e um possível direcionamento para o magistério. Segundo Freitas (2003), “A Lei nº 8.560 de 4 de dezembro de 1946, permitiu maior ênfase na parte profissionalizante”(p.93), quando no currículo passaram a figurar disciplinas direcionadas à preparação da professora para lidar com a educação primária, a exemplo de Biologia e Psicologia Educacional, Sociologia, História e Filosofia da Educação, Metodologia e Prática de Ensino, Puericultura e Educação Sanitária. As disciplinas que compunham o currículo real no ISCJ estão evidenciadas e oficializadas pelo currículo prescrito da Escola Normal Rui Barbosa. Porém, com restrições às disciplinas de formação de professoras, que estarão presentes apenas no último ano do curso.

Quadro 13- Disciplinas do Curso Normal ministrado pela Escola Normal Rui Barbosa depois da regulamentação de 1946.

Português
Matemática
Física
Química
Anatomia e fisiologia humanas
Música e Canto Orfeônico
Recreação e Jogos
Biologia Educacional
Psicologia Educacional
Desenho e Artes Aplicadas
Educação Física
Higiene
Educação Sanitária
Puericultura
Metodologia do Ensino Primário
Sociologia da Educação
História e Filosofia da Educação
Prática de Ensino

Fonte: FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Vestidas de Azul e Branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). São Cristóvão: Grupo de estudos e pesquisas em História da Educação/NPGED, 2003. *Grifo nosso.*

Tratando-se de comparar os currículos do Ensino Normal em Sergipe, buscamos documentos relativos ao Colégio Nossa Senhora de Lourdes, que também oferecia às moças abastadas do Estado aquela modalidade de instrução, sendo equiparado à Escola Normal Rui Barbosa em 1932. Analisando o boletim do 4º ano Normal da ex-aluna Antonieta Luiza d'Ávila Mendonça, tivemos a impressão de que a formação normal implementada naquele estabelecimento de ensino visava exclusivamente a civilidade da

mulher, devido a inexistência de disciplinas pedagógicas. Com os dados encontrados no documento escolar, compusemos o quadro demonstrado a seguir.

Quadro 14- Disciplinas do 4º ano Normal do Colégio Nossa Senhora de Lourdes - 1933

Instrução religiosa
Português
Aritmética
História
Geografia
Composição
Francês
Trabalhos Manuais
Leitura
Caligrafia
História Natural
Desenho
Piano

Boletim escolar da ex-aluna Antonieta Luiza d'Ávila Mendonça – 1933

Fonte: Acervo de Maria Selma Barreto Noronha

O mesmo boletim evidencia três outros quesitos passíveis de notas ou conceitos: ordem, comportamento e saúde. Assim como no IS CJ e na Escola Normal Rui Barbosa, as notas das disciplinas eram convertidas em conceitos apontados nos documentos oficiais das alunas. No Colégio Nossa Senhora de Lourdes os conceitos eram atribuídos com a seguinte equiparação: 10- ótimo, 9- muito bem, 8 e 7 –bem, 6- regular, 5 e 4- sofrível, 3, 2 e 1- mal, 0-nulo.

Pudemos perceber através da análise dos currículos da Escola Normal Rui Barbosa, do Colégio Nossa Senhora de Lourdes e do IS CJ, que o ensino Normal oferecido em cinco anos, pela regulamentação de 1925, destinava-se à formação das moças abastadas, conferindo-lhes civilidade e preparando-as para a vida de mãe e esposa. Em contrapartida, a regulamentação implementada pela Lei Orgânica do Ensino Normal em 1946, através de um número maior de disciplinas pedagógicas e práticas, conferiu ao Ensino Normal maiores requisitos para destiná-lo à formação docente. Porém, essas inovações curriculares não eclipsaram a necessidade de civilizá-las para o lar.

Após a análise bibliográfica e documental, unida aos depoimentos da aluna Tessela Dourada e às anotações extraídas do diário da aluna Rose-Mary Cravo Freire, ficou evidente para nós, que a criação do IS CJ foi uma das estratégias implementadas pela Igreja Católica para não perder o espaço assegurado pela tradição brasileira, particularmente neste caso, através de uma educação religiosa, moderna e civilizatória.

Percebemos também a utilidade do curso Normal Regional do ISCJ para a sociedade estanciana e dos municípios circunvizinhos, conferindo, às moças abastadas, a civilidade que representaria sua classe social e a prepararia para atuarem de acordo com os padrões impostos para as mulheres na década de 1950.

A inserção da mulher no cenário escolar [...] estava permeada por [...] novas ideias pedagógicas, referentes a um modelo ideal construído a partir da pretensão de formar um novo cidadão para uma sociedade que se pretendia moderna [...] A professora deveria se constituir em um modelo de virtude por meio de suas atitudes, concepções, condutas e sentimentos (VALENÇA, 2005, p.44).

Observamos que o ISCJ disponibilizava uma formação diversificada através de disciplinas instrutivas, educativas e pedagógicas, além daquelas voltadas ao aprimoramento do caráter feminino: Economia Doméstica, Trabalhos Manuais, Canto Orfeônico, Língua Francesa. Essas disciplinas, em especial Economia Doméstica e Trabalhos Manuais, seriam amplamente utilizadas, pois não devemos esquecer que a atuação feminina, após o curso Normal Regional, poderia ser na regência do ensino primário, como também na preparação para a regência do lar, após o casamento e sua atuação enquanto mãe, formando cidadãos no âmbito escolar ou dentro de casa. Esta é a primeira imagem que se formou: a formação de futuras professoras, esposas e mães, através do Curso Normal Regional do ISCJ.

CAPÍTULO 2- A CULTURA ESCOLAR DO ISCJ E A FORMAÇÃO FEMININA: ENTRE A ESCOLA E O LAR

É chegado o momento de iniciar a colocação das tesselas que comporão a segunda parte do painel, visando descortinar a paisagem final. Elas representarão o material didático, cadernos, álbum de recordação, trabalhos escolares utilizados no Curso Normal Regional do ISCJ, que foi analisado objetivando trazer à tona alguns conteúdos estudados pelas normalistas. Ao desvendarmos os livros e cadernos de algumas disciplinas, colhemos evidências de uma formação que permitia o aprimoramento das noções básicas de cuidados com o lar e a família, que eram conferidas às discentes inicialmente através da educação informal, por suas mães, avós e irmãs mais velhas. Estes dados foram reforçados pelos depoimentos colhidos no diário da aluna Rose-Mary Cravo Freire, que nos conduz aos eventos ocorridos no período em que cursou o ensino Normal Regional no ISCJ, entre 1950 e 1953, e nos confere um panorama sobre a utilização dessas disciplinas em seu cotidiano e no das suas colegas.

Segundo Mignot (2003), a escrita autobiográfica evidencia “lembranças autodefinidoras” da memória, conferindo aos autores dos escritos, sentido de vida, ao deixarem registrados fatos importantes relativos à sua existência, buscando “[...] inventariar o vivido [...]” recriando “[...] por meio da escrita, um tempo já desaparecido” (MIGNOT, 2003, p. 137, 146). No caso do diário de Rose-Mary estas lembranças podem ser observadas através dos relatos de um período de formação, ocorrido no ISCJ, pois “Nessa escrita de si narram suas histórias propiciando compreender modos particulares de interpretar o peso da instituição escolar nos seus processos de formação [...]” (MIGNOT, 2003, p.136).

Sendo um documento íntimo, o diário encerra anotações com temáticas diversas e registros com propósitos diferenciados “[...] para encobrir sua solidão ou para expressar seus sentimentos ocultos, confessar sonhos desfeitos, conferir sentido às vivências mais significativas e exercitar a liberdade de construir a si mesma através da escrita [...]” (MIGNOT, 2000, p. 17). São documentos valiosos para a reconstrução da história da educação, porém ainda são difíceis de serem encontrados, pois, além dos que foram destruídos pelas intempéries ou pelas próprias donas, para não serem lidos por mais ninguém, outros “[...] permanecem abandonados em sótãos, ainda não tendo chegado à vitrine” (MIGNOT, 2000, p. 20).

Através dos livros, cadernos, diário e outros materiais, o mosaico se completará, tentando confirmar a hipótese de que a instrução ministrada no Ensino Normal Regional do ISCJ, além de atuar na formação de professoras primárias, conferiu civilidade às moças estancianas, direcionando-as para a liderança do lar e da família. Estamos falando de cultura escolar, que segundo Julia (2001),

[...] poder-se-ia descrever [...] como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas [...] (p. 10).

O autor ainda nos explica que essas normas e práticas devem ser analisadas conhecendo os agentes que as difundiram, seus objetivos e os dispositivos utilizados para a eficácia da sua aplicação. Nossos agentes aqui são os professores do ISCJ que tinham em meta uma educação civilizatória, respaldada pela presença da religião católica, visando à formação de moças para atuarem no magistério e no âmbito do lar, caracterizadas por um modo de pensar e agir peculiar ao conhecimento adquirido na sua instituição formadora.

Em artigo intitulado “A Cultura Escolar como Objeto Histórico”, Julia (2001) nos faz a seguinte indagação: “A partir de quais elementos e como podemos examinar a cultura escolar de maneira rigorosa?” (2001, p.15). E em seguida nos confere a resposta, cabendo inicialmente não nos enganarmos com as fontes de caráter normativo e a nos preocuparmos com a escassez de fontes escritas que respaldem as práticas culturais nas escolas: exercícios, provas, ditados, que muitas vezes são destruídos para cederem espaço a novos documentos. Sugere ainda que “[...] em cada um dos países que representamos, fazer uma coleta similar de documentos idênticos, perguntando-nos a cada vez sobre a representatividade que lhes podemos atribuir” (JULIA, 2001, p. 16).

Dessa forma, seguindo as instruções de Julia, abrimos o arquivo deixado pela aluna do ISCJ Rose-Mary Cravo Freire⁷ e selecionamos livros e cadernos de algumas disciplinas ministradas no ensino Normal Regional. Após a análise do material, percebemos a presença dos conteúdos pedagógicos que visavam à formação da professora, como também dos conteúdos civilizatórios que aprimoravam seu conhecimento específico sobre o cuidado com o lar e a família, preparando-a para atuar como dona de casa. A preleção das disciplinas pedagógicas ocorria no último ano do

⁷ Encontramos e mantivemos contato com algumas alunas que se formaram no Curso Normal Regional do ISCJ. Essas nos evidenciaram não possuir nenhum material remanescente do curso, portanto, tomamos como referência o material didático da aluna Rose-Mary Cravo Freire, hoje pertencente ao nosso acervo.

curso, em detrimento das disciplinas de cunho civilizatório, vistas no decorrer dos três primeiros anos letivos.

Contudo perguntamos: até que ponto os conteúdos eram ministrados visando à formação da professora? Como o curso Normal Regional privilegiava o aprimoramento feminino para uma maior atuação no lar e na família?

2.1- Economia Doméstica e Língua Francesa: disciplinas de civilidade revelando o “verdadeiro papel da mulher”⁸

Economia Doméstica trata-se de um dos cadernos de disciplina que fazia parte do acervo deixado pela ex-aluna Rose-Mary Cravo Freire e que estava bastante danificado. Era o único que se encontrava naquele estado, devido ter ficado em uma caixa sob a ação das traças. Estava sem capa, com parte das páginas entrelaçadas umas às outras, pelos frangalhos, resultante dos insetos. Porém, ainda preservava toda a sequência de pontos copiados. Mesmo rasgado e desfigurado, sua proprietária resolveu guardá-lo em um envelope, para não perder nenhuma partícula dos ensinamentos trazidos, pois talvez pretendesse recopiá-lo, transpondo todas as informações para um novo caderno.

Em meio a todo aquele acervo que pode representar parte da cultura escolar do ISCJ, reencontramos o caderno e tentamos folheá-lo, com o objetivo de retirar algumas informações que fossem pertinentes para nossa pesquisa. Ao darmos conta do seu conteúdo, percebemos o quanto iria nos dizer sobre o pensamento de uma época acerca da educação feminina. Acabávamos de encontrar o caderno de Economia Doméstica da segunda turma do Ensino Normal Regional do ISCJ.

Para tanto, tivemos que passar a limpo todo o conteúdo, muitas vezes tentando encaixar pedaços de páginas para formar um texto cursivo, outras vezes sinalizando partes incompletas. Preservamos a ortografia original, o conteúdo e a numeração encontrados em cada página e até as gravuras ilustrativas de cada apontamento que, embora danificadas, continuaram a cumprir o mesmo papel designado no momento em que foram coladas no caderno original - didatizar o texto.

A disciplina Economia Doméstica foi instituída no currículo do ISCJ com base na Lei Orgânica do Ensino Secundário de 09 de Abril de 1942. Segundo o artigo 25 da lei:

⁸ Expressão retirada do caderno de Economia Doméstica da aluna Rose-Mary Cravo Freire.

Incluir-se-á, na terceira e na quarta série do curso ginásial e em todas as séries dos cursos clássico e científico, [...] A orientação metodológica dos programas terá em mira a natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher dentro do lar (BRASIL, 1942, Título III, Art. 25).

No ISCJ, a disciplina Economia Doméstica era ministrada nos três primeiros anos do Curso Normal Regional e objetivava disponibilizar às alunas a instrução necessária para organizar, higienizar e gerenciar o lar. Para tanto, foram copiados 16 pontos no quadro negro pela Irmã Angelina, professora da disciplina, e repassados para os cadernos que figurariam como manuais de uma boa dona de casa.

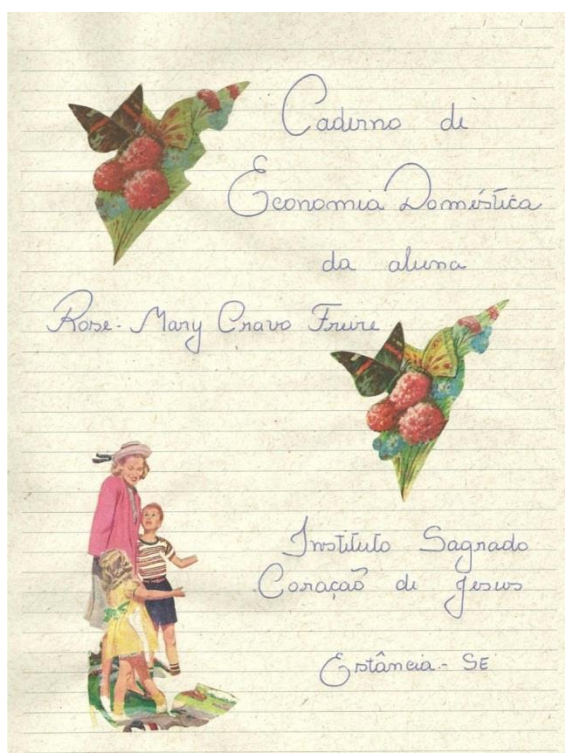


Figura 13- Caderno de Economia Doméstica da aluna Rose-Mary Cravo Freire
Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

O caderno em análise trata-se de uma brochura com folhas pautadas, escrito com caneta-tinteiro e ilustrado por recortes de revistas. Nele, além de serem abordadas as etapas desenvolvidas para o bom gerenciamento do lar, também é evidenciada constantemente uma mulher veiculada às lides domésticas, cuidando da casa, do esposo e dos filhos, sempre assessorada por adjetivos como inteligência, bom gosto, doçura,

abnegação, felicidade, simplicidade, modéstia, e fazendo daquele contexto um sacerdócio para sua vida.

A Economia Doméstica tinha por definição ser:

[...] a arte de dirigir e regular economicamente as cousas da casa. Como ciência, é o conjunto de todas as leis e conhecimento que a prática, o estudo e o tempo tem acumulado para o bem-estar da vida particular da família. É em resumo a arte de bem empregar o tempo, que se esvai rápido; a inteligência, [...] e o dinheiro que é tão difícil de ganhar e mais ainda de economizar. É a ciência da prosperidade e da finalidade (CRAVO FREIRE, 1953, p.8).

Os apontamentos evidenciaram a finalidade da disciplina, que é preparar a mulher para o arranjo do lar com a intenção em torná-lo confortável e feliz, aproveitando as condições que são “inerentes ao espírito feminino”, como apontou o documento/caderno. Demonstraram também os papéis diferenciados que o homem e a mulher exerciam na sociedade da década de 1950, cabendo àquele suprir as necessidades da família, com o trabalho exterior e a essa o cuidado com o lar, o marido e os filhos. Pois, “A mulher que se consagra somente aos cuidados do toucador e às leituras fúteis dos romances e passa a maior parte do tempo a fazer castelos, não passa de uma mulher inútil” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 9).

Os apontamentos revelaram que a Economia Doméstica estava ao alcance de mulheres pertencentes a todas as classes sociais, sendo viabilizada através da educação e do estudo como fatores indispensáveis para revelá-la “[...] na inteligência e espírito das pessoas” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 9). A organização do lar era o cartão de visitas de uma boa dona de casa e de uma mulher cumpridora dos seus deveres perante à sociedade. Para tanto, deveriam utilizar-se de qualidades proverbiais a exemplo da simplicidade, bom gosto e ordem para conseguir essa proeza, sendo conferida às mulheres mais simples a mesma oportunidade de ter um lar “bem arranjado”, a depender da sua inteligência e talento pessoal.

No terceiro ponto, intitulado “Capacidade administrativa e senso econômico da mulher”, pudemos perceber que a formação feminina da década de 1950, na cidade de Estância, através do Ensino Normal do IS CJ, colocava o papel principal da mulher veiculado ao lar e à família. Este dado ficou evidente através de algumas afirmativas como: “Entre as inúmeras ocupações de que a mulher é capaz de desempenhar, há uma

que se destaca, não só pela sua natural importância, mas por se adaptar ao caráter feminino. É a atividade doméstica” (CRAVO FREIRE, 1953, p.13).

O referido ponto abordou ainda a vocação da mulher para o matrimônio e a necessidade de aprimoramento das suas qualidades e virtudes, para tornarem-se o alicerce de sua felicidade, que seria solidificado pelo sacrifício, renúncia, desprendimento, coragem, perseverança, humildade e energia, pois “[...] a missão mais elevada do sexo feminino era o governo da casa” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 15).

Antes de tudo, a mulher tinha que executar as funções inerentes ao seu gênero, as quais, durante muito tempo figuraram como únicas atribuições capazes de exercer. Segundo Guacira Louro:

Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educação das gerações do futuro. A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que a sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos, na linguagem republicana, na função social de formadora dos futuros cidadãos (LOURO, 2002. p. 447).

Para uma administração eficaz do lar, os pontos copiados no caderno, e evidenciados no quadro 15, elencaram aspectos e modalidades diversas dos afazeres domésticos, justificando a necessidade da mulher saber ordenar tarefas aos seus criados, ou mesmo ela própria cumprir os afazeres cotidianos, quando o orçamento fosse limitado e não dispusesse de serviçais. Para este último caso são sugeridas a cooperação familiar e a necessidade de despertar nos filhos o “culto do lar”, respaldado pelo cumprimento de deveres e pelo senso de ordem.

Quadro 15- Apontamentos copiados no caderno da disciplina Economia Doméstica da 1ª turma do Ensino Normal Regional do ISCJ

Economia Doméstica		
Número do apontamento	Título do apontamento	Subtítulos
Nº 1	Economia doméstica	Definições
		Finalidade
Nº 2	A casa e o seu mobiliário	
Nº 3	Capacidade administrativa e senso econômico da mulher	
Nº 4	Trabalho e cooperação	Horas de lazer
		Pelo trabalho de agulha

Nº 5	Alimentos: Valor nutritivo dos alimentos	
Nº 6	Principais alimentos	
Nº 7	A cozinha ideal	Sobre as panelas Utensílios de cozinha
Nº 8	A mesa	
Nº 9	Tirar a mesa	
Nº 10	Asseio da habitação	Limpeza do soalho Móveis Portas e janelas Cozinha e banheiro Combater os parasitas, insetos, etc. Moscas Baratas Mosquitos
Nº 11	Arranjo do lar	Objetos Flores Quadros Livros
Nº 12	Reforma do mobiliário	Aspecto de velho A Máquina de costura Cozinha
Nº 13	Cuidados indispensáveis dos vestuários	Proteção contra o suor Arejar, escovar e passar
Nº 14	As manchas	Lavagem Lavagem de roupa de seda ou lã de cor Tecidos decorados em alguns pontos
Nº 15	Termos de cozinha	Refogar Escaldar Dourar Colorir Ovos
Nº 16	Processos de limpeza dos objetos domésticos	Espelhos Objetos de borracha Talheres Panelas Química doméstica Nódoas sobre paredes pintadas à óleo
	Retalhos	Para partir pão ou ovos duros Asseio do piano Medidas apropriadas às donas de casa Temperaturas do forno

Caderno de Economia Doméstica da aluna do ensino Normal Regional do ISCJ, Rose-Mary Cravo Freire.
Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

Tomando como base o quadro acima, podemos perceber que os meandros da Economia Doméstica eram exaustivos, cabendo à mulher dominar a todos eles, e executá-

los com maestria e exatidão neste serviço diário, objetivando também manter a organização do lar e da família. Para tanto, o caderno da disciplina funcionava como um manual, que seria consultado periodicamente. Talvez isso explique as condições em que o caderno se encontrava.

Cada passo era medido, estipulado por um conjunto de regras destinadas a modelar a mulher que, além dos ornamentos culturais, da polidez, portasse a marca indelével da educação conservadora. Por isso gestos, comportamentos, linguagem, tudo era vigiado, controlado, moldado. Dessa forma, podemos dizer que o colégio preparava, as jovens [...] para o ingresso aos novos valores e padrões culturais da vida social urbana (CRUZ e FRANÇA, 2011, p. 117).

Para combater a exaustão causada pela atividade intensa da mulher no lar e, especificamente, na cozinha, que consistia em “laboratório do lar”, o caderno recomendava horas de lazer, pois “Constituem uma necessidade orgânica para refazer o espírito das preocupações e o corpo do cansaço” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 17). Em seguida, indicava a confecção de trabalhos manuais, como um dos meios possíveis para o preenchimento dessas horas de folga, uma vez que “sempre” esteve veiculado ao elemento feminino.

Os apontamentos ainda delegavam ao sexo feminino o cultivo das boas maneiras, distinção e civilidade, através da educação, do costume e do bom exemplo, pois “Só o saber, o trabalho e a honestidade levam a mulher à glória” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 8). Esses apontamentos são respaldados por pensamentos de pedagogos que pioneiramente lutaram pela formação feminina, a exemplo do prelado francês Fenelon, que escreveu no final do século XVII o “Tratado sobre a educação de meninas”, e que é citado na introdução, através da epígrafe: “O bem é impossível sem a mulher” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 9). Como também o indicado pelo filósofo Rousseau, quando afirma que “A educação da mulher é mais importante do que a do homem, pois este é fruto daquela” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 9).

Segundo Bastos e Garcia (1999), a geração revolucionária na França do final do século XVIII, propôs promover uma formação adequada às mulheres, uma vez que dela dependia a primeira educação do homem. A partir desse momento foram criadas algumas instituições que objetivavam a continuação da escolaridade feminina, na Europa, como também, foram publicados livros que especificavam o papel da mulher na

sociedade e dentro do lar. Um desses autores foi Mme. Eugène Hippeau⁹, que em 1869 publicou o livro “Curso de Economia Doméstica” e que explica a disciplina como sendo: “[...] a arte de dirigir de maneira econômica e regular, as coisas da casa “[...] são todos os deveres relativos ao interior da casa, à família e ao mundo” (BASTOS e GARCIA, 1999, p. 79).

Pela sua escrita, Mme. Hippeau levava, às escolas femininas e às mulheres, os conteúdos indispensáveis à sua formação. Além das atribuições que eram imputadas às mulheres por tradição, a partir do século XIX, elas receberam a atribuição da regência da educação infantil nas escolas para aquele fim, pois tinha haver com seu caráter e com sua condição de poder ser mãe. Este modelo a ser moldado na sociedade brasileira recebeu uma formação específica, com currículo de disciplinas voltadas às novas perspectivas e ao desempenho de sua profissão. A Economia Doméstica será uma das disciplinas que fornecerá subsídios para um bom desempenho de suas funções no lar, enquanto administradora, esposa e mãe.

Deveria compreender desde conhecimentos elementares de trabalhos de agulha até os de economia doméstica - cozinha, manutenção da roupa, cuidados com a limpeza da casa, do jardim e do galinheiro, são temas recomendados. O ensino desses conteúdos deveria contribuir para uma reforma moral, propagando o gosto pela ordem, pela higiene, considerada uma manifestação do sentimento de dignidade. Assim sendo, a disciplina deveria ser de interesse de todos, mas, principalmente, destinada à educação das classes populares. Os trabalhos manuais comportam uma dimensão moral: inspiram as meninas/moças ao amor à ordem, permitem adquirir as qualidades sérias de uma dona-de-casa e criam mecanismos para colocá-la em guarda contra os gostos frívolos e perigosos (BASTOS e GARCIA, 1999, p. 83).

No Brasil, o livro de Mme. Hippeau sofreu alguns expurgos e acréscimos pelo jornalista Felix Ferreira¹⁰, que tentou adaptá-lo à nossa realidade, intitulando-o de

⁹ Esposa do educador francês Célestin Hippeau, com quem, a partir de 1867, organizou o ensino secundário para mulheres em Paris. Dentre outras obras, publicou “Cours d'Economie Domestique” em 1869 e “Meres et nourrices, organisation des sociétés protectrices de l'enfance” em 1875.

¹⁰ Escritor e jornalista, Felix Ferreira também atuou como historiador da arte, além de livreiro, atividade iniciada após a criação da empresa Felix Ribeiro & Cia. Escreveu peças teatrais, diversos livros sobre arte e educação. Publicou dramas e coletâneas de autores clássicos e contribuiu com diversos periódicos do Império. Sobre educação feminina, editou em 1879 as coletâneas “*Noções da Vida Doméstica para uso das Escolas Brasileiras do Sexo Feminino*” e “*A Educação da Mulher: Notas Coligidas de Vários Autores*”, em 1881.

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_item=1&cd_idioma=28555&cd_verbete=3591

“Noções de Vida Doméstica” (1879), tornando-se o primeiro livro dedicado à educação feminina no Brasil. Tentando confrontar as referidas obras com os apontamentos encontrados no caderno de Economia Doméstica do ISCJ, pudemos verificar alguns conteúdos semelhantes, a exemplo do emprego e distribuição do tempo; das virtudes obrigatórias da mulher, que perpassam quase todos os apontamentos do caderno; da esposa e mãe, que instruía seus filhos para o compartilhamento das atividades do lar; da higiene; da distinção de temperamentos; dentre outros. O confronto fez-nos perceber ainda que os conteúdos trabalhados possuíam as mesmas temáticas, e que, embora distante do tempo, os itens indispensáveis à formação de uma boa dona-de-casa permaneciam os mesmos.

O livro ou caderno de Economia Doméstica tornara-se uma bíblia, com regras de comportamentos e habilidades a serem seguidas, visando à demonstração da personalidade feminina e figurando como um cartão de visitas da mulher, em uma época que segundo Louro e Meyer (1993) o discurso médico higienista visava uma transformação social mais ampla, e em cujo contexto a necessidade da educação feminina tomava proporções cada vez maiores: “Às mulheres será dada uma educação que as torne afeiçoadas ao casamento, desejosas da maternidade, competentes para a criação dos filhos e capazes da administração da casa” (SCHWARTZMAN, 1981, p. 73).

O ‘fazer’ doméstico, transformado em disciplinas escolares é, [...], altamente complexo. Passa por um processo de racionalização e tecnificação de tarefas como o ‘lavar’, o ‘cozinhar’, o ‘passar’ e o ‘limpar’, minuciosamente desdobradas em passos e sequências, de forma a atender dois requisitos básicos: eficiência e economia na administração do serviço doméstico (LOURO e MEYER, 1993, p. 52).

Tomando como base o caderno da disciplina Economia Doméstica do ISCJ pertencente à aluna Rose-Mary Cravo Freire, pudemos observar que as instruções realmente eram voltadas às moças de classes sociais distintas, aquelas pertencentes à elite, e que certamente teriam noções vindas do berço. Cabiam, portanto, ser instruídas apenas para administrar a casa e os criados. Porém, aquelas cuja procedência não fosse abastada, teria seu gosto moldado às regras de civilidade do período, passando a conhecer os procedimentos cotidianos de sua vida, sabendo escolher o mobiliário de sua casa; lidar com prataria, porcelanas e cristais; combinar cores e objetos na decoração dos ambientes; colocar e retirar a mesa; além de conhecer arte e ler bons livros.

A escolarização do doméstico, portanto, vai além da complexidade e racionalização do “fazer”. Envolve o reconhecimento da escola como instância legítima da formação integral da mulher, na acepção mais ampla do termo. Daí que a educação feminina deve compreender a formação da esposa e da mãe das futuras gerações (LOURO e MEYER, 1993, p. 53).

Encontramos um trabalho escrito da disciplina Economia Doméstica que evidencia o papel fundamental da mulher na organização da casa e da família. O texto é articulado a partir do casamento e se desenvolve em torno das etapas posteriores: a vida matrimonial e o nascimento dos filhos. Em seguida, no tópico intitulado “O Lar”, todas as partes de uma casa foram detalhadas de forma textual e iconográfica, sendo elas: salão principal, quarto de hóspedes, sala de estudo, sala de jantar, sala de armas, saleta, quarto infantil, quarto simples, copa, cozinha e banheiro. Recortes da revista “O Cruzeiro” retrataram o cotidiano das classes abastadas, seus eventos e moradias, assessorando a aluna na composição do trabalho, ilustrando todos os itens abordados.

Sobre o lar, o trabalho nos diz:

[...] é a casa e a vida sentimental e espiritual da família. Para que exista um lar no interior das quatro paredes de uma habitação, é necessário que ali resida o verdadeiro espírito da família: e esse espírito compete a mulher, compete à mulher criá-lo e conservá-lo (CRAVO FREIRE, s.d., p. 4).



Figura 14- Trabalho escolar da disciplina Economia Doméstica- ISCJ
Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

O trabalho escolar ainda nos traz noções das benesses do sono, de uma boa literatura que figura como “alimento para o espírito”, da necessidade de uma mesa bem preparada para “tornar as refeições agradáveis”, utilizando “Linhos alvos, cristais límpidos, flores frescas, porcelanas e talheres bem tratados [...]” (CRAVO FREIRE, s.d., p. 9). O referido trabalho foi confeccionado em papel ofício, com gravuras coloridas em meia página ou página inteira, separadas por papel de seda. Devido a ação do tempo, encontra-se atualmente sem a capa e a página de apresentação.



Figura 16- Trabalho escolar da disciplina Economia Doméstica - ISCJ

Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

A disciplina Economia Doméstica geralmente estava atrelada à disciplina Trabalhos Manuais, que ministrava às alunas os ensinamentos acerca de costuras e bordados, trabalhos em madeira, pinturas, mosaicos, flores artificiais, dentre outros. Sobre a disciplina Trabalhos Manuais, Valença (2005) nos fala, tomando como referência o Instituto de Educação Ruy Barbosa de Aracaju:

Eram ensinados cortes de roupas e outras atividades da vida prática. Nesta disciplina estudavam-se os recortes, trançados, cartonagem, modelagem [...] A disciplina se subdividia em vários cursos, dentre eles o que era denominado de Trabalho de agulhas, rendas e bordados compreendendo o aprendizado dos crochets, tricots, crivos, filets, rendas, rendas bordadas e todas as espécies de rendas finas, bordados em branco ou em cor [...] (VALENÇA, 2005, p. 62-63).

Era mais uma disciplina que desenvolvia na aluna a criatividade e o gosto pelo trabalho no lar, habilitando-a, através do ensino de costuras e bordados, para a elaboração e confecção do seu enxoval de casamento.

Nos anos 50 os pontos de cruz e desfiados em tecidos de talagarcha ou outro de fio duplo entram com força nas aulas de Trabalhos Manuais, tornando-se um padrão para o enxoval da moça: barrados em figuras geométricas coloridas para toalhas de mesa e bandejas de café, lencinhos, guardanapos e panos de prato [...] (CAMARGO, 2000, p.135).

As peças executadas durante o ano letivo eram expostas no final do ano para a sociedade local, que acompanhava o desenvolvimento artístico das alunas do ISCJ. Estas exposições ocorriam nas dependências do ISCJ, em estandes organizados para aquela finalidade, e as peças expostas variavam de acordo com a matéria prima e as técnicas aplicadas. Expunham-se conjuntos de panos de prato, toalhas, sacos para pães e guardanapos bordados, bandejas de madeira, dentre outros objetos. A disciplina Trabalhos Manuais integrava o rol das disciplinas educativas “[...] por contribuir com a educação dos sentidos, exercitando a visão e a destreza manual, além do desenvolvimento da capacidade de observação, percepção e atenção” (TEIVE, 2008, p. 169). Sobre o contexto da disciplina Trabalhos Manuais, ministrada no ensino Normal Regional do ISCJ, a aluna Rose-Mary nos relata:

[...] lá também ficava a nossa sala de trabalhos manuais, onde aprendíamos todos os tipos de bordados. A professora de trabalhos manuais era Irmã Chagas [...] Cada aluna tinha uma cadeirinha baixinha com uma gaveta, onde se guardava as costuras. A referida cadeira tinha o nosso nome gravado (CRAVO FREIRE, 2006. p. 63).

Sobre os trabalhos de agulha, uma das atividades desenvolvidas na disciplina Trabalhos Manuais, Tessela Dourada (2011) comenta: “[...] já entrava no enxoval da aluna uma cadeirinha pequena para sentarmos e aprendermos a costurar alguns bordados [...] fazer bainha, prender botão, colchete, as coisas práticas [...]”.

Podemos perceber, portanto, essas mesmas práticas na Escola Normal Rui Barbosa, através de Freitas (2003), que, com base em depoimentos de ex-alunas do IERB, aventa o cunho civilizatório daquela instituição, como também de Camargo (2000), ao referir-se à Escola Normal Joaquim Ribeiro, de Rio Claro-SP:

Quando as alunas do Normal se reuniam para as aulas de Trabalhos Manuais, no fim da década de 1940, o “Ribeiro” assumia plenamente a função de “colégio de moças” que chegavam na busca não somente de instrução, mas de formação para o destino de esposa e mãe de família (CAMARGO, 2000, p. 134).

O caderno de Francês, diferente do analisado anteriormente, não evidencia apontamentos, pois a disciplina possuía livro didático. Ele figura como caderno de exercícios, cópias de lições, ditados, vocabulário, numerais, conjugações de verbos e traduções, essas com temática cotidiana, a exemplo de: sala de aula, objetos escolares, animais, flores, festas e solenidades. Ainda nos traz, ao final, duas avaliações mensais da disciplina, compostas por quatro itens e com cabeçalhos datados respectivamente de 20/09 e 28/10/1950. O referido caderno foi escrito a lápis grafite e traz as correções dos ditados feitas a lápis vermelho.

Segundo Pietraróia (2008), no Brasil a disciplina Francês foi instituída como obrigatória ao ensino secundário em 1837, com a fundação do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. A influência francesa no Brasil era marcante desde a chegada da Missão Artística, em 1816, cujo objetivo principal foi civilizar a nova sede do Império Português, trazendo o estilo neoclássico, a etiqueta e as cerimônias (REIS FILHO, 2004). Com o passar das décadas, a elite Brasileira foi se moldando àquelas características e importando as representações daquela civilidade, através dos costumes, da moda, de objetos luxuosos, da música, literatura e da língua, que se tornou requisito de elegância. Portanto, observamos, já no século XX, que a língua francesa integrou a educação das classes abastadas brasileiras, que, “além de aprender a conjugar verbos, também aprendiam nas aulas de francês as orientações de boa conduta, de honestidade, de civismo” (PIETRARÓIA, 2008, p. 10).

A partir do século XX, os livros didáticos de francês utilizados pelas instituições de ensino secundário adotavam o método gramática/tradução, trazendo “textos, cada vez mais literários. Assim, textos de autores como Balzac, Daudet, Anatole France, Pierre Loti, Guy de Maupassant eram lidos, estudados, repetidos, decorados” (PIETRARÓIA, 2008, p. 12). Buscavam ainda inculcar a valorização da moral, do lar, da família, da escola, como elementos indispensáveis na vida dos cidadãos.

No ISCJ, a disciplina Francês era estudada na primeira e segunda série, com livros didáticos específicos para os dois períodos: “France” autoria de Georges Readers¹¹ e “Mon Livre de Français” autoria de Milton Cabral de Melo¹², ambos impressos na Editora do Brasil S/A. O primeiro livro inicia apresentando o programa da disciplina,

¹¹ -Professor Georges Readers - licenciado em letras e Doutor pela Universidade de Paris, foi professor de língua e literatura francesa na faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e catedrático e língua literatura francesa na Universidade Católica e São Paulo. (READERS, 1947, p. 7)

¹² - Professor Milton Cabral de Melo- Professor de língua e literatura francesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manuel da Nóbrega de Pernambuco, na Faculdade e Filosofia da Universidade de Recife e no Instituto de Educação de Pernambuco.

subdividido em exercícios e gramática, e em seguida fornece instruções metodológicas para a execução do programa de francês. As 20 lições que o livro disponibiliza são ilustradas e destinadas à aprendizagem de gramática e vocabulário, apresentando, no final de cada uma, exercícios que variavam entre a colocação de nomes em objetos, formação de plurais, elaboração de frases interrogativas ou negativas, escrita de numerais e horas, conjugações de verbos, até leituras e recitações de poesias. O referido livro disponibilizava diversas notas de rodapé, com indicações pedagógicas para assessorar o professor na preleção das aulas. Por fim, o livro apresentava uma tabela de conjugações e uma sessão de historietas com diálogos para o treinamento das conversações.

O livro "Mon Livre de Français", de Milton Cabral de Melo, apresenta 29 lições ilustradas em preto e branco, e, ao final de cada lição, as seções de conversação, conjugação de verbos, gramática e exercício de escrita. Em algumas lições, pudemos encontrar as traduções feitas à lápis abaixo das palavras correspondentes. No final, o livro contém uma recapitulação gramatical e uma seção de verbos, que pudemos visualizar, ao lado de algumas conjugações, a escrita da pronúncia correta das palavras, exercícios suplementares e a lista do vocabulário correspondente a cada lição. O índice das lições encerra o volume.

Ilustrando as temáticas evidenciadas por Pietraróia (2008) nos livros de francês, publicados a partir do século XX, e tomando como base os livros adotados para essa disciplina no ISCJ, compusemos o quadro 16. Esse nos mostra a presença de conteúdos direcionados ao cotidiano das alunas, cuja tradução, vocabulário e pronúncia seriam necessários para compreensão e comunicação. Os conteúdos objetivavam uma utilidade futura no contato com outras bibliografias, a exemplo de romances, partituras, revistas de moda, de pontos para bordado ou de culinária, que eram importados da França e adquiridos como artigos de luxo.

Quadro 16- Lições de Francês encontradas nos livros do Ensino Normal Regional do ISCJ

Livro	Autor	Ano	Lição
France	Georges Readers	1º	Première Classe de Français
			La sale de classe
			Les couleurs et les formes
			Les nombres – le temps
			Le temps: l'heure
			En classe
			Encore une classe
			Le corps humain
			Les sens

			La maison: l'extérieur
			La maison: l'intérieur
			Les vêtements
			Une famille
			Les repas – les aliments
			Les animaux
			Les plantes
			Poids, mesures, monnaies
			Les fêtes et les solennités
			Les jeux et les sports
			Manière de rédiger une lettre
Mon Livre de Français	Milton C. de Melo	2º	Le nouveau livre de français
			Les repas
			La ville
			La gare
			Le jeu
			L'hôtel
			La poste
			Les voyages
			Les professions
			Les ouvriers
			Moyens de transport
			La montre de Joseph
			L'industrie
			La vie sociale. Visites
			Le sou perdu
			Service militaire
			Commerce
			Le mot magique
			L'enfant sincère
			Amour de La patrie
			A la campagne
			L'église
			Une École D'autrefois
			Le prêtre
			La Patrie
			Le courage en face de La mort
			Le semeur
			Antilles ou Indes Occidentales
			La peur

Quadro elaborado com base nos livros: READERS, Georges. France. 6. Ed. São Paulo: Editora do Brasil S/A 1947. e MELLO, Milton Cabral de. Mon Livre de Français. 2. Ed. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1951.

Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

Grande parte dos temas evidenciados nos livros de francês analisados, valorizavam a escola, o lar, a família, a cidade e os elementos pertencentes ao seu contexto. A pátria está destacada em duas lições do “Mon Livre de Français”, que enaltecem o amor à França, reconstruindo etapas da sua história e valorizando a luta pela

integridade do seu território. O Brasil, representado na lição pela bandeira nacional e a gravura do pão de açúcar, simbolizando o país natal, a casa paterna, local do batismo e primeira comunhão. Pudemos perceber ainda noções de etiqueta, através da lição “La vie sociale. Visites”, que recomenda procedimentos acerca das visitas familiares. Ensinaamentos religiosos também se faziam presentes, abordando o papel da Igreja Católica e explicando sobre Deus, Jesus Cristo e os apóstolos. No apontamento intitulado “L’Eglise”, ilustrado pela gravura da igreja de Notre Dame de Paris, são citadas as principais festas religiosas e dias santificados na França. As lições são encerradas por poesias de diversos poetas franceses, dentre eles: Mme. Jean Louis Aubert, Alphonse Daudet (1840-1897), Jean Aicard (1848-1921), Maurice Bouchor (1855-1929), Tournier, Philéas Lebesgue (1869-1958), G. Duhamel (1884-1966), Francis Jammes (1868-1938), H. Dubus, Trautener, Mile S. Berès, Antoine Carteret (1813-1889), Mme. Tastu (1789-1885), Brizeux(1803-1858).

Pudemos observar, através dos conteúdos analisados, que há uma preocupação em colocar o Brasil como referência para os alunos, pois se tratava da pátria. No entanto, a França não sai de cena, figurando como uma representação positiva e exemplo de modernidade e civilidade a ser seguida. Nesse sentido, Pietraróia aponta-nos que o estudo de francês:

[...] levava o aprendiz a sair de um círculo mais imediato para alcançar um espaço mais vasto, indo do concreto e do conhecido para o abstrato e o desconhecido, E, em um sistema de “inclusões encadeadas”, eram-lhe inculcados valores moralizadores e patrióticos que, aos poucos, podiam ser transpostos do solo natal para o novo país e a nova cultura que se descortinava (2008, p. 12).

Pela análise do caderno e livros da disciplina, pudemos perceber que o método utilizado para a preleção das aulas de francês do ISCJ era baseado nas arguições de vocabulário e conjugações verbais, ditados, exercícios escritos e conversação, o que Pietraróia (2008) vai denominar de método direto e semidireto.

É importante lembrar que o francês não era a única língua estrangeira ministrada para as normalistas no ISCJ. Seu estudo era feito nos dois primeiros anos do curso e era sucedido pelas disciplinas Inglês e Latim, ambas ministradas no terceiro e quarto anos do Ensino Normal.

No entanto, a disciplina Francês representou para a formação das alunas do ISCJ o implemento do conhecimento humanista e civilizador, que pretendia moldar a

futura professora ou, quem sabe, a futura dama da sociedade local, em uma fôrma utilizada como padrão ocidental de elegância e bons costumes, na representação de sua classe social.

Percebemos, portanto, que as disciplinas Economia Doméstica e Trabalhos Manuais aprimoravam os ensinamentos ministrados no lar e civilizavam a normalista, desenvolvendo suas habilidades artísticas e conferindo-lhe boas maneiras no trato da casa, da família e na demonstração para a sociedade, através dos menores gestos observados: sentar, falar, vestir, portar-se à mesa com elegância e etiqueta. Como também, a língua francesa conferia às moças o *savoir faire*, a elegância necessária na demonstração do seu status social. Pois sabemos bem que não se ensinava francês na educação primária.

Em contrapartida perguntamos: qual era o objetivo dos conteúdos ministrados nas disciplinas de formação? Essas disciplinas preparavam a normalista para atuar no ensino primário?

2.2- Pedagogia, Psicologia, Didática e Canto Orfeônico: disciplinas formadoras do arquétipo docente.

As disciplinas Pedagogia e Psicologia estão conjugadas em um mesmo caderno, dividido em duas partes. Pelas datas que algumas lições apresentam, podemos perceber que eram ministradas de forma simultânea. A maioria dos apontamentos estão sinalizados com a palavra “dissertação”, escrita a lápis, indicando sua posterior utilização na prova oral das disciplinas. O referido caderno ainda disponibiliza, no final, um questionário de Pedagogia, Didática e Psicologia.

Segundo os apontamentos, “Pedagogia é a arte de educar bem [...]. É pela educação que o homem, as nações e os povos têm chegado ao apogeu de sua grandeza, ao esplendor de sua glória” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 1). Percebemos que educar, para o ISCJ, era sinônimo de civilizar, e a missão de educar as moças de Estância ia além de simplesmente instruí-las, pois segundo os mesmos apontamentos: “A educação é de muito maior importância que a instrução” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 1). Cabe, assim, à educação revelar ao homem o “[...] senso completo e profundo da vida” (CRAVO FREIRE, 1953, p.4).

O caderno segue nos mostrando os tipos de educação que devem ser ministrados: “[...] social, moral, intelectual, física e acima de tudo cristã” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 2). Sobre essa última, as entrelinhas dos apontamentos evidenciam uma religiosidade que moldava as alunas do ISCJ a se tornarem educadoras para formar verdadeiros cristãos, filhos da Igreja Católica, cumpridores dos princípios da moral cristã, dominando “[...] a bondade, a benevolência, a magnanimidade e a generosidade” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 28). Pelo caderno do ISCJ, a pedagogia é considerada “[...] vastíssima e opulenta” (CRAVO FREIRE, 1953, p.3), devido à sua relação com as demais ciências. Sobre a sua interação com a psicologia, os apontamentos declararam que essa disponibilizava ao educador “[...] fonte abundante e preciosa [...]” (CRAVO FREIRE, 1953, p.3) acerca do conhecimento físico e mental do ser humano. O apontamento de nº 4, dedicado à Educação Física, nos mostra que essa é a primeira modalidade de educação que o professor deve cuidar, sendo “[...] impossível o trabalho educativo da alma sem este cuidado pelo corpo, pois é de todo sabido a dependência que deste tem as faculdades da alma” (CRAVO FREIRE, 1953, p.5). Para tanto, cita o filósofo S. Tomaz de Aquino que, embora grande defensor da superioridade da alma, não hesitava em reconhecer a dependência do corpo na realização de suas atividades.

O apontamento também elenca e explica acerca dos elementos vitalizantes, necessários para a aplicação da Educação Física, a exemplo de “[...] ar, luz, alimentação, repouso e sono” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 6), como também os recursos do ambiente, evidenciados através do “[...] vestuário, habitação e asseio” (CRAVO FREIRE, 1953, p.7). O apontamento explicativo sobre os recursos do ambiente aborda, dentre outros assuntos, a presença do nudismo, como algo que traz benefícios ao desenvolvimento atlético dos corpos, porém combate essa prática, sob a alegação de que as vestes são necessárias à higiene, protegendo o corpo das intempéries.

Combate os atos de nudismo, que aos poucos invadem “[...] os lares e povoam as praias e praças” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 12), observando naquela prática uma aberração à moral e aos bons costumes cristãos.

O referido apontamento deixa um apelo às futuras professoras de “[...] não permitir que seus alunos voltem ao tempo dos ginásios de Atenas e de Esparta. Se lá, muito se ganhou no desenvolvimento físico, muito se perdeu na moral” (CRAVO FREIRE, 1953, p.8), invocando mais uma vez o propósito da educação desempenhado em uma instituição religiosa, que era a preservação do pudor, dignidade e modéstia cristã.

No 11º ponto, intitulado “Formação do coração”, foi colocado que esse órgão “[...] é a peça mais complicada da organização humana e talvez um dos campos mais difíceis da educação dos jovens” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 27), cabendo ao professor ser firme e privilegiar de forma hegemônica os bons sentimentos dos seus alunos, para serem utilizados nas ações humanas, a exemplo de “[...] bondade, benevolência, magnanimidade e generosidade” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 28). Seguindo um discurso pertinente à religiosidade propagada pelo ISCJ, o apontamento elenca os sentimentos que devem ser banidos do coração como: tristeza, ódio, inveja, despeito, desânimo, temor, desespero e covardia, em detrimento daqueles que devem “triunfar”, sendo estes: amor, coragem e esperança. A proposta do apontamento é dosar os sentimentos do aluno, formando nesse um “bom coração”.

Para tanto, o professor deveria corrigir os seus defeitos, os quais, também são elencados e explicados, como sendo: confucionismo, laxismo, gongorismo, plebeísmo, rigorismo, coleguismo, partidarismo, neurastenia e tibieza. Tudo isso poderia significar desordem, preguiça, emprego de termos técnicos sem explicação, linguagem chula, zelo descabido, demasiada intimidade com os alunos, preferência por determinados alunos, mau humor e indiferença.

A “Noção de disciplina” intitulou o último apontamento do caderno, equiparando à “[...] ordem das coisas morais” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 32) e demonstrando a necessidade de sua utilização para regular e enobrecer a vida dos cidadãos, formando o homem do futuro, “[...] membro de um todo, que é a sociedade, a nação, a humanidade, e pelas quais se deve interessar e trabalhar” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 33). Caberia, portanto, ao professor, utilizar-se de vários mecanismos para obter a disciplina de seus alunos. Seriam eles: vigilância, energia, bom senso e persistência, mantendo sempre a atenção, o equilíbrio no saber mandar e a paciência em sua regência de classe.

A disciplina Psicologia, embora considerada nos apontamentos como a “ciência da alma”, revelou conteúdos ligados à fisiologia, como crescimento, digestão, circulação do sangue e glândulas, visando o conhecimento físico da criança. Essa disciplina reunia conceitos e opiniões de filósofos a exemplo de Aristóteles, São Tomaz de Aquino, como também do Professor Raimundo de Farias Brito¹³, que fará diversas

¹³ Considerado o filósofo brasileiro, Raimundo de Farias Brito (1864 —1917) foi advogado, professor e Escritor, sendo considerado um dos maiores nomes do pensamento filosófico do país e autor de uma das mais completas obras filosóficas produzidas originalmente no Brasil, em que identificou os planos do

intervenções nos textos, direcionando a psicologia ao espiritualismo e considerando-a ciência do espírito.

Os conteúdos de cunho psíquico relacionavam-se à consciência, atenção, hábitos e tendências, entremeados por organogramas que trazem as divisões da psicologia e do sistema nervoso. Para finalizar, os apontamentos abordam as patologias do juízo e raciocínio e da atenção, como também a inconsciência, que será explicada com base nas teorias estáticas, dinâmicas, afetivas e motoras, que se contrapõem uma às outras, por privilegiarem vieses diferentes em suas explicações.

Na teoria estática explicada por Pierre Janet (1859-1947), “o inconsciente é um conjunto dos processos psíquicos que não se encontra na esfera da consciência” (p. 88). Já as teorias dinâmicas explicadas por Freud (1856-1939), Adler, Yung e Maeder, colocavam a inconsciência como um grau preparatório da consciência, “[...] a realidade interna que condiciona toda a vida psíquica consciente” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 89). Por sua vez, as teorias afetivas, representadas por Bazailhas e Abramowsky colocavam a inconsciência como “[...] atividade pura completamente despida de imagens ideais que a tornem capaz de ser percebida e representada” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 89). E por fim, Bergson (1859-1941) e Ribot, através das suas teorias motoras, veem o inconsciente como uma ação “[...] uma espécie de acumulador de energias a ser utilizado pela consciência” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 89). Após as explicações das teorias, o apontamento as resume, demonstrando que todas são passíveis de aceitabilidade, pois “Assim como a consciência é uma qualidade comum a determinados processos psicológicos, o inconsciente é, do mesmo modo uma qualidade comum a outro grupo de fenômenos que se produzem em condições particulares” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 90).

Segundo Teive (2008), com relação ao currículo da Escola Normal de Santa Catarina,

[...] na disciplina de Psicologia, privilegiaram-se os conteúdos relacionados ao conhecimento da natureza da criança, a dinâmica dos seus interesses e desejos, as leis do seu desenvolvimento físico e mental, as suas tendências e inclinações pessoais, bem como conteúdos relacionados à educação dos sentidos, da percepção, de inteligência, da memória, da curiosidade, da vontade e da atenção [...] (TEIVE, 2008, p.173)

Por sua vez, percebemos que os conteúdos evidenciados no caderno de psicologia, com os quais compusemos o quadro 17, objetivam também o conhecimento físico e psíquico da criança, favorecendo a futura professora na percepção de possíveis problemas com seus alunos e na intermediação de uma solução, ainda que temporária.

Quadro 17- Apontamentos copiados no caderno das disciplinas Pedagogia e Psicologia da 1ª turma do Ensino Normal Regional do ISCJ

Pedagogia		
Nº do Apontamento	Título do apontamento	Subtítulos
Nº 1	Pedagogia- Conceito, definições	
Nº 2	A Pedagogia e suas relações com as demais ciências	
Nº 3	Educação e suas espécies	
Nº 4	Educação Física	Luz
Nº 5	Alimentação	
Nº 6	Recursos do ambiente	
Nº 7	Estímulos e auxílio	Excursões
		Ginástica
Nº 8	Educação Intelectual	
Nº 9	Dados biográficos sobre alguns psicólogos	
Nº 10	Funcionamento dos sentidos	Método de Verificação
Nº 11	Formação do coração	Extirpar as más paixões e sentimentos
Nº 12	Noção de Disciplina	O professor e a disciplina
Psicologia		
Nº do Apontamento	Título do apontamento	Subtítulos
Nº 1	Psicologia	Fatos psicológicos
		Divisão da Psicologia
Nº 2	Sistema Nervoso	
Nº 3	Glândulas endócrinas	Relação entre o sistema nervoso e as glândulas endócrinas
Nº 4	A Consciência	Modalidades da Consciência
		Caracteres da Consciência
		Graus da Consciência
		Inconsciente
Nº 5	Crescimento Físico	
Nº 6	Atenção	Condições orgânicas e psíquicas da atenção
		Natureza da atenção
		Patologia da atenção
Nº 7	O Hábito	Caracteres gerais
		Condições orgânicas e psíquicas
		Classificação dos hábitos
		Funções dos hábitos
Nº 8	Tendências	Funções das tendências
		Condições de raciocínio

		Patologia do Juízo e do Raciocínio
--	--	------------------------------------

Caderno de Pedagogia e Psicologia da aluna do ensino Normal Regional do ISCJ, Rose-Mary Cravo Freire, 1953.

Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

O caderno da disciplina Didática possui 10 apontamentos e alguns títulos e subtítulos, tendo ao lado, escrito em lápis, a palavra “quesito”, evidenciando sua utilização futura nas avaliações escritas da disciplina. Os temas variavam entre conceituações da disciplina, matérias, métodos, técnicas e teorias utilizados.

Pelo apontamento inicial, Didática figura como a “[...] ciência do ensino [...] o caminho mais seguro para se descobrir a verdade. Portanto, indispensável para qualquer conhecimento” (CRAVO FREIRE, 1953, p.1). Os apontamentos da disciplina Didática constantemente traçam paralelos entre a metodologia antiga e aquela evidenciada na década de 1950, em que “[...] os alunos aprendem por si, cabendo ao mestre dirigi-los, encaminhá-los e estimulá-los” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 3). Esse primeiro apontamento confere um panorama da educação desde o século XVII até o século XX, abordando as ciências básicas: Biologia, Psicologia da Aprendizagem, Sociologia e Ciência Geral; e as ciências auxiliares da didática: Lógica, Moral e Higiene.

Assim, os apontamentos ressaltam a História Natural como a “Ciência da observação” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 4), devendo ser estudada com base na experiência pessoal do aluno e utilizando como instrumento os elementos encontrados no seu contexto social, mediante observação direta e imediata, “Seu material compõe-se de plantas e animais vivos e a aprendizagem se realiza ao ar livre” (CRAVO FREIRE, 1953, p.4). O ensino da Geografia também é destacado e explicado no terceiro apontamento. Seu objetivo é “[...] estudar a ação mútua do homem e do meio” (CRAVO FREIRE, 1953, p.5), além de nutrir e fortalecer o amor à pátria. Traçam também um paralelo entre a escola antiga que transformava o estudo das disciplinas em “tortura mental” (CRAVO FREIRE, 1953, p.8), devido ao número de fatos e minúcias a serem memorizados, e a escola nova com estudos motivados, relacionando as lições com o interesse das crianças. O interesse pueril seria aguçado através de mecanismos como excursões, jogos, “[...] projeções fotográficas, livros de testes, bibliotecas” (CRAVO FREIRE, 1953, p.8).

O ensino da moral também é destacado, pois “[...] é base e condição necessária à vida escolar” (CRAVO FREIRE, 1953, p.9), visando formar o caráter do aluno por amor ao bem, à verdade e pelo cumprimento dos deveres. Observamos nesse apontamento o cunho religioso implementado pelo ISCJ, que coloca os deveres como

“[...] dívida natural que temos a obrigação de pagar” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 10), com alegria, fé, simplicidade, amor, generosidade e força de vontade, nos livrando das tentações que podem nos convencer a fazer o mal. Em seguida são evidenciados preceitos da “santa religião”, com relação aos deveres que os cidadãos têm a cumprir, com Deus, com o semelhante, consigo, com a alma e o corpo. Demonstrava a infalibilidade daqueles novos preceitos para a viabilização do ensino das crianças, com princípios de caráter, amor ao bem e à verdade e cumprimento dos deveres, visando à “[...] formação de almas para Deus e criaturas úteis à sociedade” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 27).

Os métodos pedagógicos aplicados à sala de aula, sua escolha e valor são demonstrados no 5º apontamento, respaldados por classificações elaboradas por pedagogos internacionais, a exemplo de Diego Gonzalez, professor de Metodologia Pedagógica da Universidade de Havana, que os classificam quanto à maneira de adquirir conhecimento, à atitude da criança, à concreção do ensino, à relação entre os alunos e quanto à globalização da matéria. Pinkevich (1884-1939), pedagogo soviético, demonstrou suas classificações baseadas na divisão lógica e compreensão da pedagogia, nas relações entre os alunos e o ambiente de trabalho, entre os alunos e o mestre, entre os alunos entre si e entre a comunidade escolar e a social.

Ressaltava-se, também, o método de Maria Montessori (1870-1952). Para a sua explicação, foi reservado o apontamento de nº 6, que traz uma breve biografia da médica italiana e sua área de atuação, “[...] o estudo e tratamento de crianças anormais” (CRAVO FREIRE, 1953, p.22), com processos educativos destinados àquele fim, os quais posteriormente também foram aplicados às crianças normais, devido ao atraso nos métodos de ensino no início do século XX. “O método de Montessori tem 4 princípios: o da vitalidade, o da liberdade, o da atividade e o da individualidade” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 23), aplicando à criança uma educação com inteira liberdade, em escolas preparadas para este fim. A liberdade para Montessori não inviabilizava a disciplina do aluno, pois, segundo ela: “[...] a criança sadia e bem dirigida é naturalmente disciplinada” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 23).

No 7º apontamento da disciplina Didática, intitulado “O professor: suas qualidades – finalidade”, pudemos perceber o perfil do docente a ser formado no ISCIJ, com qualidades imprescindíveis e obrigatórias, que obviamente era reflexo do modelo exigido pela sociedade da época.

O professor deve ter uma boa aparência, para que não impressione mal as crianças, praticar rigorosamente os atos da higiene, ter perfeitos e bem desenvolvidos os órgãos, principalmente a visão, audição e a linguagem e ter boa saúde. [...] o professor deve ter o espírito bem formado, ser honesto, ter modéstia na maneira de vestir, ter paciência, ter sinceridade, ter modos de se conduzir na sociedade, ter zelo pela classe e ter energia branda e suave (CRAVO FREIRE, 1953, p. 27).

Após o último apontamento, o caderno disponibiliza um texto de sete páginas intitulado “O professor Ideal”, que se trata do rascunho de um trabalho escrito da disciplina. O caderno mostrou-nos também um resumo do conteúdo da disciplina escrito em quatro páginas e intitulado “Didática”, um questionário referente à Pedagogia, Didática e Psicologia e, por fim, noções para a composição de um plano de aula, com um elenco de itens necessários para sua elaboração.

Quadro 18- Modelo de Plano de Aula. Caderno da disciplina Didática da 1ª turma do Ensino Normal Regional do ISCJ

PLANO DE AULA
Data:
Escola:
Matéria:
Tema da aula:
Objetivos:
Motivação:
Dados essenciais:

Caderno da disciplina Didática da aluna do ensino Normal Regional do ISCJ, Rose-Mary Cravo Freire. 1953.

Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

Por sua vez, o quadro abaixo aponta configurações da cultura escolar pelo currículo, nas descrições de títulos e subtítulos dos apontamentos, evidenciando os conteúdos ministrados em sala de aula para as futuras professoras, que deveriam ser colocados em prática, objetivando a educação de cidadãos de boa moral e conduta, moldados pelos princípios da Santa Madre Igreja.

Quadro 19- Apontamentos copiados no caderno da disciplina Didática da 2ª turma do Ensino Normal Regional do ISCJ

Didática		
Nº do Apontamento	Título do apontamento	Subtítulos
Nº 1	Didática: Conceito, definição, divisão	
Nº 2	Das matérias de ensino	Técnica
Nº 3	Ensino da Geografia	Motivação
Nº 4	Do ensino da Moral	Desenvolvimento moral da criança
Nº 5	Métodos	Condições de métodos
		Valor do método
		O método e a ciência
		Métodos pedagógicos
		Classificação dos métodos segundo Agaryo
		Classificação segundo Pinkevich
Nº 6	Métodos de Maria Montessori	
Nº 7	O Professor: suas qualidades – finalidades	
Nº 8	Aprendizagem	Leis do efeito
		Leis do exercício
		Fatores da Aprendizagem
		Globalização ou sincretismo
Nº 9	A Lição	Fatores da lição
		Preparação da lição
		Bôa Voz
Nº 10	Do ensino da leitura	

Caderno da disciplina Didática, da aluna do ensino Normal Regional do ISCJ, Rose-Mary Cravo Freire, 1953.

Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

É imprescindível observarmos que o discurso feito através dos conteúdos das disciplinas está voltado a uma pedagogia moderna, implementada pelo Movimento Escola Nova, que visava transformar a escola tradicional, implementando novas práticas e finalidades.

Uma das ferramentas teóricas mais utilizadas pelos intelectuais reformadores foi a dicotomia antigo-novo, por meio da qual pretendiam demonstrar a validade de dois parâmetros básicos que procuravam implementar: a escola nova e a escola ativa em contraposição à então denominada escola antiga [...] fundamentando a nova educação em parâmetros científicos. Ou seja, preconizavam a adoção de métodos pedagógicos fundados na psicologia e na biologia [...] (VEIGA, 2007, p. 254, 256).

Para tanto eram evidenciados novos métodos, um ensino motivado e a utilização de diversos veículos destinados à didatizar os conteúdos, impedindo que se tornassem uma “tortura mental”, devido ao excesso de memorizações. Segundo Vidal (2001) vários educadores simpatizantes do escolanovismo implementaram reformas educacionais visando a divulgação e implantação dos métodos ativos de ensino, que tornassem a aprendizagem mais dinâmica e atraente.

Excursões, jogos exercícios físicos eram apontados como atividades indispensáveis ao bom desempenho escolar. Alunos e alunas passavam a ser percebidos como em constante movimento. Reforçar essa imagem cinética da educação significava demarcar fronteiras com ensino denominado tradicional pelos escolanovistas.[...] a ideia de movimento, para a escola nova, não se restringia à ação física; determinava uma nova atitude frente à aquisição de conhecimentos. Mesmo sentados e em silêncio, alunos e alunas poderiam estar “ativamente” envolvidos com a aprendizagem (VIDAL, 2001, p. 89).

A proposta escolanovista deveria, porém, ser aplicada no ensino primário, modalidade que as normalistas iriam atuar, sendo que os métodos utilizados no ISCJ não correspondiam às preleções ou apontamentos copiados. Ao contrário, permaneciam arraigados aos métodos tradicionais, mantendo-se uma distinção entre professores e alunos, explanando-se os conteúdos sem o diálogo necessário para a sua compreensão, fazendo aluno decorar dezenas de pontos para arguições ou dissertações.

Sobre o trabalho escrito da disciplina Didática, intitulado “O Professor Ideal”, que encontramos junto às avaliações escritas da aluna Rose-Mary Cravo Freire, referentes ao período que cursou o Ensino Normal Regional no ISCJ, nos mostra a possibilidade de diversidade nas tipologias de avaliações, que consequentemente gerava uma média final resultante de um sistema cumulativo de notas.

O trabalho escrito tem capa em papel canson, folha de rosto em papel ofício e corpo em papel pautado. As páginas referentes aos elementos pré-textuais são separadas umas das outras por papel de seda. Todo o conjunto está unido por uma fita de crepe verde e amarelo, que envolve as páginas através de duas perfurações no lado esquerdo. A capa ostenta o desenho de um livro aberto sobreposto por uma pena e orlado por laçarias. Dentro do livro observa-se o texto: “Pedagogia – I- O bom professor tem que amar as crianças com amor materno. II- Quando se aprende com amôr, o pouco representa sempre muito, por que é alegria e amôr”. As páginas referentes aos elementos pré-textuais estão

adornadas com desenhos de pergaminhos desenrolados, guarnecidos por flores desenhadas e coloridas pela aluna. Essas páginas figuram como a apresentação do trabalho e da aluna, prólogo e índice. As páginas referentes ao conteúdo textual são escritas à mão e estão decoradas de forma temática, com recortes de revistas, objetivando sua didatização.

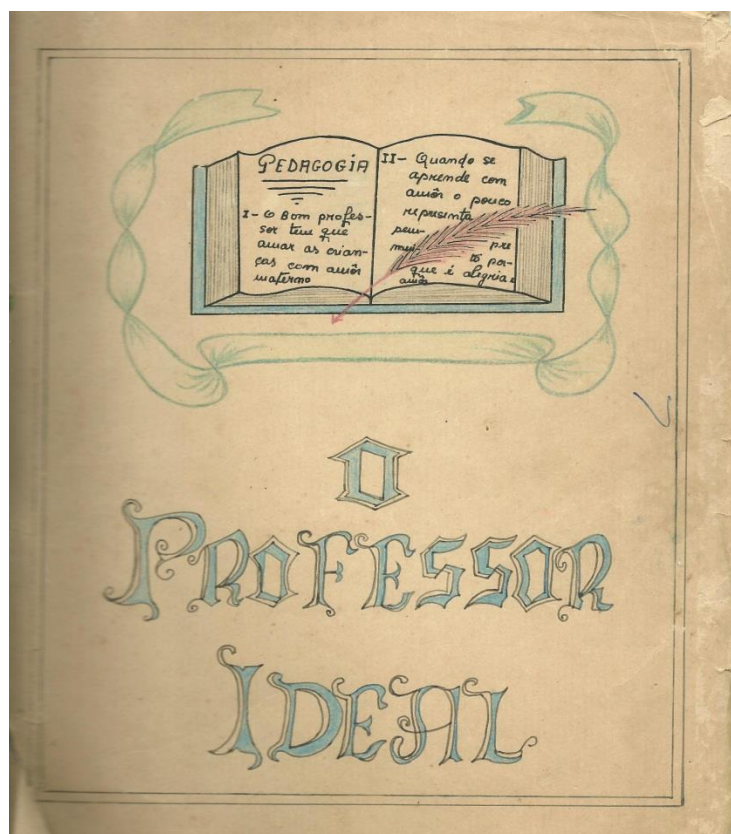


Figura 16- Trabalho escolar da disciplina Didática – ISCJ
Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

O trabalho está subdividido por textos que representam os atributos formadores de um professor ideal, para os preceitos do ISCJ: pintor e escultor, no intuito de facilitador da aprendizagem, através de aulas claras e didáticas; boa voz, boa dicção, boa gesticulação, boa visão e boa audição. Enumera ainda as qualidades intelectuais de um professor ideal: simpatia, aparência pessoal, acolhimento, cultura, entusiasmo, otimismo, imparcialidade, sinceridade, dignidade e vitalidade, direção, orientação e estímulo. E finaliza com a explicação dos defeitos que comprometem a carreira de um bom professor: confucionismo, gongorismo, plebeísmo, coleguismo, rigorismo, laxismo, neurastenia e partidarismo, os quais pudemos visualizar no caderno da disciplina Pedagogia. Os textos são permeados por versículos da Bíblia Sagrada que evidenciam os ensinamentos de Jesus Cristo, e pela propagação de sentimentos que deviam ser

demonstrados e utilizados pelos professores com os seus alunos, a exemplo de amor, carinho, compreensão, zelo, entusiasmo e alegria.

O referido trabalho figura como mais uma tessela da confecção do mosaico, que tem como meta reconstruir a cultura escolar do ISCJ, tornando-se receptáculo de uma série de itens que pormenorizam o contato da aluna com os apontamentos da disciplina. É possível perceber sua forma de escrita e desenho, a preocupação com o asseio e ilustração, a elaboração da capa, a organização dos tópicos trabalhados e a escolha dos papéis utilizados que, para nós, podem representar uma época, a década de 1950, através do pensamento pedagógico, do modelo de professora a ser formado e dos materiais disponíveis para aquele tipo de avaliação. Segundo Vidal (2005)

Essa imensa materialidade, suporte de uma escrita institucional, profissional ou escolar, convive com um conjunto também significativo e objetos e móveis que [...] portam vestígios das práticas escolares instituídas historicamente [...] e constituem a interação dos sujeitos com os objetos culturais (p.4).

A materialidade dos objetos escolares, além de evidenciar os conteúdos ministrados, exercícios e avaliações, nos mostra um conjunto de normas a serem seguidas, de leis a serem cumpridas e de conselhos a serem acatados. Portanto,

[...] portam pistas das múltiplas maneiras como professores e alunos constituíram inteligibilidades e suscitam a investigação sobre as diferenciadas formas de sua apropriação, oferecendo ao pesquisador índices sobre as relações pretéritas dos sujeitos com materialidade escolar [...] (VIDAL, 2005, p. 24).

No caderno de Canto Orfeônico estão registrados os apontamentos da disciplina referentes ao primeiro e segundo ano do ensino normal, separados por cabeçalhos indicativos dos respectivos períodos. Alguns pontos foram ilustrados com pentagramas e a distribuição de notas, claves e acentos musicais e outros receberam a anotação “entra” ao lado do título. Compreendemos que esse último, seja um indício do conteúdo sugerido para a avaliação da disciplina.

Segundo o apontamento de nº 1, que apresenta a disciplina, “a finalidade do Canto Orfeônico é educar por meio da música” (CRAVO FREIRE, 1951, p. 1). A iniciativa de adotar essa disciplina nas escolas de educação básica partiu de William Boquillon, diretor das escolas municipais de Paris. No Brasil, a causa foi abraçada pelo Departamento Nacional de Educação, visando ensinar “ligeiro conhecimento” da música

e sua história, às vozes brancas, para colori-las, como fez o deus grego Orfeu, que despertou a natureza através da música. Visava também instigar o patriotismo dos alunos, através do conhecimento dos hinos pátrios e do folclore de seu país.

O quadro 20 mostra os apontamentos da disciplina Canto Orfeônico e sua distribuição, evidenciados no caderno da aluna Rose- Mary Cravo Freire.

Quadro 20- Apontamentos copiados no caderno da disciplina Canto Orfeônico, da 1ª turma do Ensino Normal Regional do ISCJ

Canto Orfeônico		
Apontamentos referentes ao primeiro ano do Ensino Normal		
Nº do apontamento	Título do apontamento	Subtítulo
Nº 2	Origem do Canto Orfeônico	
Nº 3	Classificação das vozes desde o coro infantil até o quarteto clássico e ao conjunto variável.	Organização dos diversos coros
		Côro feminino simples
Nº 4	Distribuição das vozes infantis	Classificação das vozes
Nº 5	Música Brasileira	
Nº 6	História da Música no Brasil	
Nº 7	Música	
Nº 8	Intervalos	
Nº 9	Clave	
Nº 10	Compassos	
Nº 11	Escalas	
Nº 12	Figuras positivas e negativas	
Nº 13	Efeito dos acidentes, colocação do bemol e papel do bequadro	
Nº 14	Tons formados pelos sustenidos	Tons formados pelos bemóis
Nº 15	Intervalos, tonalidades, inversões	
Nº 16	Notas pontuadas	
Nº 17	Sinais de alterações e sinais dos compassos	
Nº 18	Claves com acidentes e efeitos dos mesmos	
Nº 19	Notas com duplo ponto	
Nº 20	Histórico do Hino Nacional	Pauta
Canto Orfeônico		
Apontamentos referentes ao segundo ano do Ensino Normal		
Nº do apontamento	Título do apontamento	Subtítulo
Nº 1	Acordes	
Nº 2	Acordes de três sons	
Nº 3	Monossolfá	
Nº 4	Influência da música ameríndia na música brasileira	
Nº 5	Folclore	

Nº 6	Influência do Africano na música brasileira	
Nº 7	Instrumentos Musicais e primitivos	O Tambor
		Origem da flauta
Nº 8	Instrumentos de orquestra e banda	Banda
Nº 9	História da Música	
Nº 10	Tonalidades harmônicas	
Nº 11	Biografia dos Compositores Brasileiros	Francisco Manoel da Silva
		Francisco Braga
		Carlos Gomes
Nº 12	Intervalos cromáticos e inarmônicos	
Nº 13	Graus	
Nº 14	Instrumentos mais conhecidos	

Caderno da disciplina Canto Orfeônico, da aluna do ensino Normal Regional do ISCJ, Rose-Mary Cravo Freire. 1951.

Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

Dentre as disciplinas escolhidas para análise, a de Canto Orfeônico, de forma diferenciada, possuía um livro didático que respaldava os apontamentos copiados no caderno. O referido livro, de autoria de Judith Morisson Almeida, foi publicado pela Companhia Editora Nacional e intitula-se “Aulas de Canto Orfeônico”. A sua apresentação procura frisar o acompanhamento do programa e orientação do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, e encerra com a estimativa de que “por um Brasil melhor, desejamos que os nossos alunos trabalhem cantando” (ALMEIDA, 1951, p. 9). A apresentação da obra é seguida pelo programa oficial da disciplina, que divide o conteúdo do livro em quatro séries e, na sequência, são apresentados dados históricos acerca do canto coral ou orfeão, como era conhecido o conjunto de cantores destinados àquela arte.

O livro “Aulas de Canto Orfeônico” está dividido em quatro partes, referentes à teoria musical; cultura geral, que englobava finalidades, valores educativos, influências de outras culturas, folclore, instrumentos musicais e história da música; biografias; e prática, através de exercícios e solfejos, partituras, hinos e canções. Os temas estudados estão datados do ano de 1952 e 1953, portanto terceiro e quarto ano Normal Regional, nos levando a perceber que a disciplina foi ministrada durante os quatro anos do curso, sendo os dois primeiros guiados pelo caderno de apontamentos e os dois últimos pelo livro didático.

A Disciplina Canto Orfeônico, além de ensinar a música e sua história, assessorava também as alunas em suas atividades artísticas extraclasse, já que a maioria

das moças, que estudavam o Curso Normal Regional do ISCJ, participavam do coral da Igreja Matriz Nossa Senhora de Guadalupe ou da Scholla Cantorum Santa Cecília, sediada na igreja de Nossa Senhora do Rosário. Essas moças estudavam ainda piano, com as professoras estancianas Arlete Nunes Libório, Suzete Silveira Carvalho ou Lucíola Pires de Ávila.

Segundo Teive (2008), os hinos pátrios ou músicas que enaltecessem o trabalho se faziam presentes no decorrer das aulas de canto, que utilizavam os “mais comoventes cantos nacionais” para introduzir o civismo às discentes, além de funcionar como “meio disciplinar e de descanso”. “Para o/a professor/a o conhecimento de cantos e hinos e de trabalhos de agulha funcionaria como uma carta na manga da qual poderia lançar mão sempre que os/as seus alunos/as estivessem cansados/as do trabalho pesado das demais disciplinas” (TEIVE, 2008, p.171). Objetivava também prender a atenção da criança, um requisito necessário na demonstração da competência docente.

Em algumas páginas em branco do referido livro, encontramos anotações da aluna, referentes aos conteúdos ministrados, a exemplo da explicação do pentagrama, utilizado na partitura e dos termos usados para mudar o andamento da melodia de uma música.

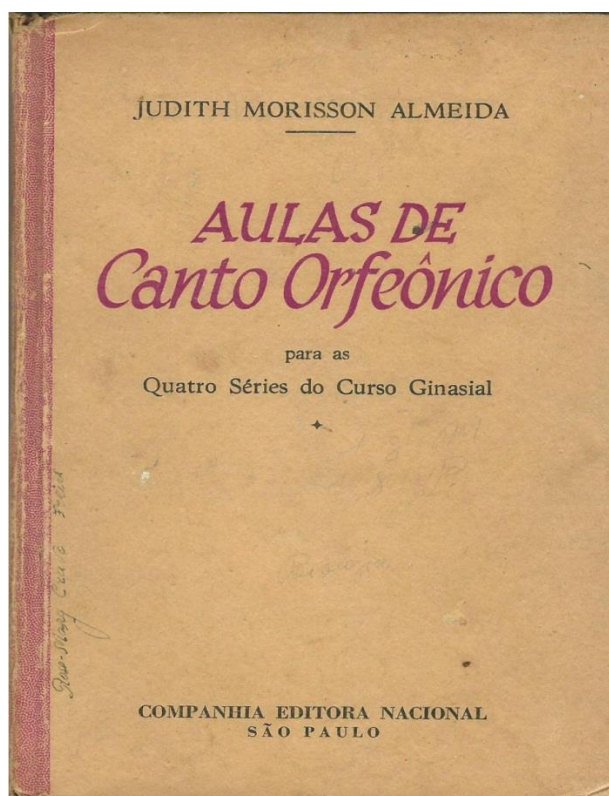


Figura 17- Livro da disciplina Canto Orfeônico – ISCJ
Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

Percebemos, portanto, que as disciplinas que formavam o arquétipo da professora diplomada pelo ISCJ conferiam à futura docente uma bagagem teórica a ser aplicada no ensino primário, moldando os futuros cidadãos, com base na moral, bons costumes e nos preceitos da religião católica. Pelo método “moderno da observação”, de acordo com o caderno de Pedagogia, e nas disciplinas Educação Física, Higiene e Canto Orfeônico, figuravam como civilizatórias. Apesar da evidência de um plano de aula, não encontramos nenhum documento da existência de um estágio curricular, levando-nos a crer que a normalista recebia a teoria das disciplinas de formação docente, porém não a colocava em prática, diferentemente das disciplinas civilizatórias, a exemplo de Economia Doméstica e de Trabalhos Manuais.

Levando em consideração que as disciplinas pedagógicas eram ministradas apenas no quarto e último ano do Ensino Normal Regional, nos leva a crer que não havia uma preocupação iminente em formar professoras. Havia uma preocupação muito maior em formar boas donas de casa, que não deixariam de aplicar os conteúdos pedagógicos aos seus filhos, no âmbito do lar. A partir de conversas com familiares das normalistas formadas entre 1949 e 1955, descobrimos que apenas 20 % continuaram a carreira do magistério, cabendo aos 80% a procura por outras profissões e pelo casamento.

Após analisarmos livros didáticos, cadernos e trabalhos escolares, diplomas e boletins, como objetos que reconstruiriam a cultura escolar do ISCJ, percebemos através de Viñhao Frago (2000), que outros objetos não institucionalizados poderiam completar o mosaico. Entendemos, como recomenda o autor, que cultura escolar trata-se do “ [...] conjunto de ideias, princípios, critérios, normas e práticas sedimentadas ao longo do tempo [...] modos de pensar e de atuar [...]” (VIÑHAO FRAGO, 2000, p.100).

Assim, o álbum de recordações da aluna Rose-Mary Cravo Freire, escrito em 1953, ano que concluiu o Ensino Normal Regional, tornou-se essencial para percebermos a cultura escolar do ISCJ, tendo em vista os objetos não institucionalizados.

2.3- Álbum de Recordação: preservando “dias risonhos e inesquecíveis”¹⁴

Para comemorar o ano e sua formatura, as alunas da segunda turma do Ensino Normal Regional do ISCJ confeccionaram álbuns compostos de poesias, pensamentos, dedicatórias e fotografias das suas colegas, para guardar como recordação. Essa era uma Prática corriqueira no ISCJ e nas demais instituições de educação feminina, respaldada pela sensibilidade e sentimentalismo peculiares ao gênero. Ao guardar em suas páginas dedicadas às recordações, o álbum marcou o momento de despedida entre as colegas, que por quatro anos conviveram naquele ambiente escolar. A função do álbum de recordações pode ser compreendida através de um dos poemas escritos, intitulado “Numa página do teu álbum”:

Uma página de álbum
Folha caída
Que o vento arranca da nossa vida
E deposita na vida de alguém
Folha murcha da saudade
Minada de tristeza
E carregada de ilusão

Mary:
Guarda esta folha perdida
Porque é um pedaço de vida
Que o vento tirou de mim,
E levou para bem longe...
Para bem perto de ti...

(CRAVO FREIRE, 1953, p. 21)

No final do curso, muitas amizades estavam solidificadas e, talvez, durariam até o fim de suas vidas. Para tanto, acreditando que as novas perspectivas criadas a partir de suas formaturas poderiam separá-las, o álbum serviria para lembrar e eternizar o “tempo feliz de mocidade”, cujos dias eram “risonhos e inesquecíveis”. Sobre os álbuns de poesia, Cunha (2005) nos afirma:

Estavam destinados a receber a cópia de versos, sonetos, pensamentos, pequenas ilustrações, todas com dedicatórias e assinaturas que serviam para homenagear/saudar o(a) proprietário(a) e, ao mesmo tempo, guardar lembranças de amigos que eram convidados para ali escrever e depositar sua assinatura (CUNHA, 2005, p.348).

¹⁴ Álbum de recordação da aluna Rose-Mary Cravo Freire

Através de contato com dez ex-normalistas daquela turma, que também fizeram o álbum de recordações, tivemos o conhecimento de que, na atualidade, nenhuma delas ainda os possuía. Algumas perderam, outras rasgaram, porém, todas nos falaram com saudade e arrependimento por não ter cuidado melhor do material, recebendo com surpresa a preservação e conservação do álbum da colega Rose-Mary, que o guardou como relíquia por 53 anos, até a sua morte.

O referido álbum é, na verdade, um caderno de capa dura com folhas pautadas. Algumas páginas iniciais foram reservadas para a apresentação, com títulos escritos à nanquim e gravuras coloridas de tamanhos variados, representando cenas românticas entre casais e retiradas de calendários, papéis de presente e cartões postais. Para a abertura do álbum a aluna Rose-Mary escreveu três poesias e as personalizou com suas fotografias.¹⁵ Uma das poesias, intitulada “Volta que eu te espero”, foi dedicada a uma possível paixão, cujo nome posteriormente foi rasurado para ninguém ter conhecimento: “A ti [...] ofereço”.

¹⁵ As fotografias feitas para serem coladas nos álbuns de recordações eram pequenas, com tamanho 2,0 X 2,5 cm e bordas picotadas.

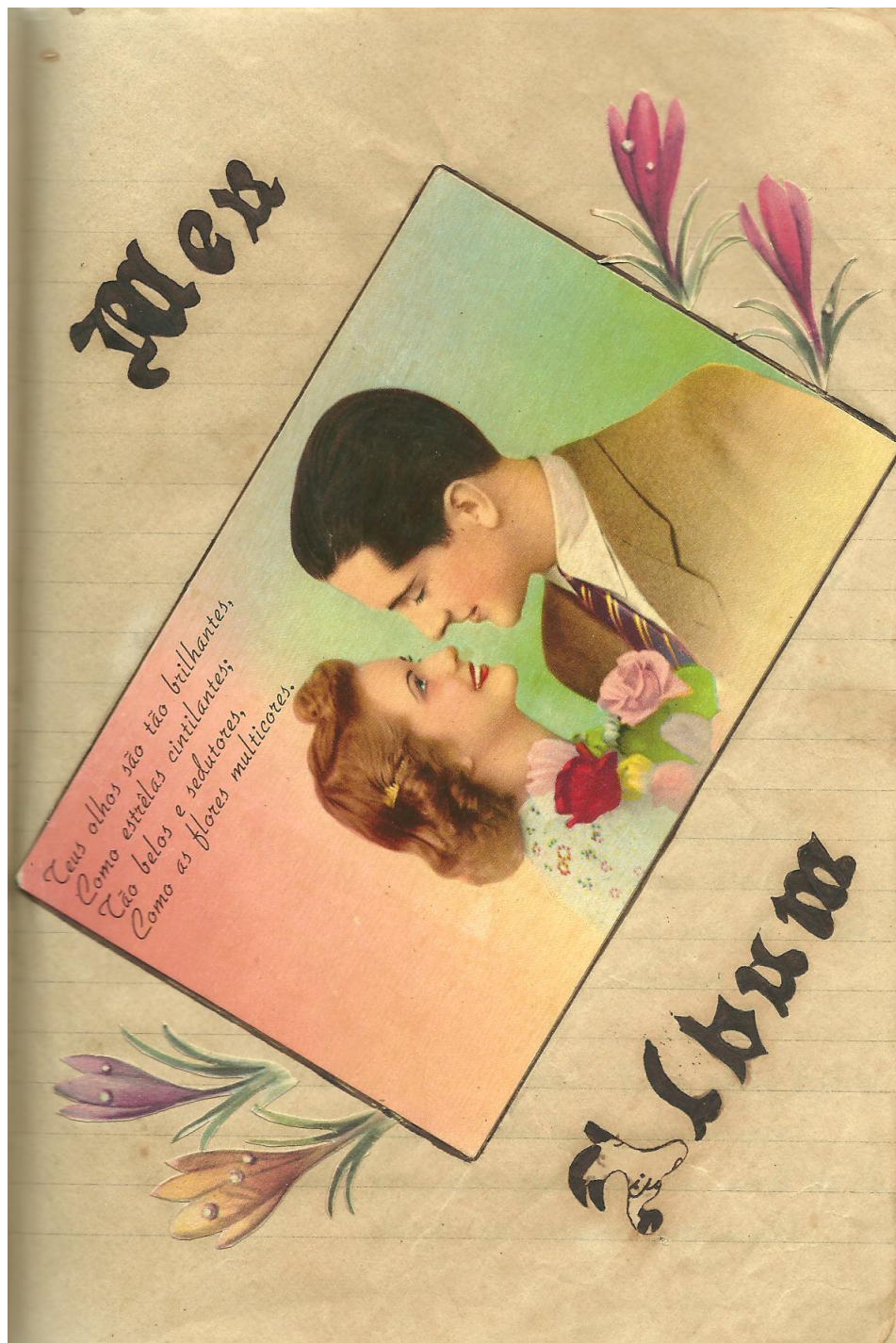


Figura 18- Álbum de recordações da normalista Rose-Mary Cravo Freire- 1953
 Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

A partir da sexta página, que também é decorada com cartão postal representando um casal entre flores, e encimado pelo título “Recordação da 4ª Série de 1953”, cada colega deixou escrito um poema, um pensamento e uma dedicatória, ilustrados por suas fotografias. Com os referidos dados, compusemos o quadro 21. Geralmente a temática das poesias é o romance, a ingratidão, a paixão, a despedida, o primeiro beijo e, tomando como base Camargo (2000), pudemos perceber que são temas

reincidentes, pois em suas análises acerca dos álbuns de recordação das normalistas de Rio Claro-SP, os temas estão presentes, inclusive atrelados ao nome dos seus autores, fato que pouco observamos na nossa análise.

Quadro 21- Poesias encontradas em um álbum de recordações da segunda turma do Curso Normal Regional do ISCJ.

Poesia	Autor	Aluna que transcreveu
Esquecer?	Violeta Santos	Rose-Mary Cravo Freire
Visita	—	Rose-Mary Cravo Freire
Volta que eu te espero	—	Rose-Mary Cravo Freire
Ingratidão	—	Ana Angélica Mota Cruz
A Esmola	—	Cecília de Araújo Santos
Amor tirano	Clarice Freitas	Dione Carvalho Costa
Onde?	J.G. de Araújo Jorge	Gilda Araújo Libório
Julgamento do coração	—	Josefa Creuza Meneses
Cigana	—	Laura Modesto Rocha
A Quem Amei	—	Mirian Coelho Araújo
Na aula	—	Maria da Glória Farias
Numa página do seu álbum	Josué Favoro	Maria do Carmo Silva Santiago
Sincero amor	—	Maria Osair de Oliveira
Confissão	Armando Durval	Marlene da Silveira Libório
Primos	—	Marlene Silva Santiago
Mulher	—	Mariolanda Souto Santos
Não negues	—	Núbia Siqueira de Menezes
Amor de estudante	—	Odete Gabriel Jasmim
Homem	—	Osvaldina Cardoso Silva
Teu primeiro beijo	—	Raimunda Dantas de Souza
Quero esquecer-te	—	Selenê de Brito Lima

Álbum de recordações da normalista Rose-Mary Cravo Freire – 1953

Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

As poesias e pensamentos enaltecem as juras de amor, a saudade deixada pelo amor que partiu, a tortura de não ver a pessoa amada, a lembrança dos beijos dados, a ingratidão e a tristeza de uma traição, os esforços baldados por um amor não correspondido, o amor enfraquecido pelo ciúme, a procura do primeiro amor desaparecido com o tempo, o coração julgado pelo crime de amar, a conjugação do verbo amar, o amor sincero. As poesias e pensamentos rotulam o homem com os atributos negativos da traição, ingratidão, hipocrisia, fingimento, falsidade, indiferença e tirania. Esse estereótipo pode ser observado no seguinte pensamento: “O homem nasce sorrindo, vive mentindo e morre iludindo” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 21). Em contrapartida, a mulher aparece, na maioria das poesias, infeliz, sofredora, desiludida, recatada,

ruborizada, verdadeira, fiel, comparada ao céu, ao dia, ao oceano e responsável pela existência do mundo. Contudo, sempre apaixonada e esperando sua “alma gêmea”.

A sequência das páginas do álbum é decorada por gravuras de paisagens e flores, cartões em seda e pinturas a guache. No final, o objetivo do álbum é evidenciado sob o título “Recordando”.

Recordando- Este álbum será uma eterna lembrança do meu tempo feliz de mocidade no qual, os dias risonhos e inesquecíveis serão eternos. A cada página corrida uma doce recordação das pétalas caídas da minha juventude e uma saudade infinda de minhas coleguinhas da 4ª série Normal, como também de outras colegas e amigas... No futuro, voltarei ao passado vivendo nas reminiscências que cada folha encerra, já que as horas felizes e passadas não mais voltarão... Feito este saudoso “Álbum” aos meus 16 anos, como recordação da minha 4ª série, como também do ano de minha formatura (CRAVO FREIRE, 1953, p. 43).

Segundo Cunha (2005), os álbuns de recordações evidenciam antigas amizades, muitas das quais foram separadas pelo tempo ou pela morte, porém, permaneceram eternizadas “[...] na grafia feita com caneta-tinteiro, em folhas pautadas e marginadas, ora ilustradas com singelas decalcomanias, ora breves, ora longas, que se alternam ao longo das páginas [...]”(CUNHA, 2005, p. 350). Demonstravam a amizade e o coleguismo desenvolvido entre as alunas ao longo do curso e evidenciados com níveis distintos de dedicatórias que “[...] sublinhavam a intensidade ou a provisoriedade de um relacionamento [...] para que as pessoas se reconhecessem, quer como amigos íntimos, quer como meros companheiros de escol” (CUNHA, 2005, p. 353). Para demonstrar essa diversidade, construímos o quadro 22, que evidencia as dedicatórias do caderno analisado.

Quadro 22- Dedicatórias encontradas em um álbum de recordação da segunda turma do Curso Normal Regional do ISCJ.

Aluna	Dedicatória
Ana Angélica Mota Cruz	“Para a inesquecível colega e amiga Rose Mary, uma diminuta recordação da amiga e colega, Ana Angélica. Em 12 de 5 de 1953”.
Cecília de Araújo Santos	“Mary, quando olhares para esta página, lembre-se de mais uma amiga da tua mocidade, Cecília. Em 12/5/53”.
Dione Carvalho Costa	“Para você Mary, ler nas horas de saudades. Sua prima e colega Dione”.
Gilda de Araújo Libório	“Rose Mary, quando no futuro ler esta poesia, recorde esta amiga de hoje e sempre, Gilda Araújo Libório. Est. 13-5-53”.
Josefa Creuza Meneses	“Rose Mary, esta simples recordação da sua colega, amiga sincera, C. Meneses”.
Laura Modesto Rocha	“A você Mary, uma minúscula oferta de sua colega, como recordação dos tempos saudosos, Laura Modesto Rocha. Em 15-5-1953”.
Miriam Coelho Araújo	“Rose Mary aceite esta simples lembrança, da colega que muito a estima, Miriam Araújo”.
Maria da Glória Farias	“A prezada colega Rose Mary, uma simples lembrança da sua colega, Maria da Glória Farias”.
Maria do Carmo Silva Santiago	“Mary: Esta poesia eu a copiei com carinho para você, sua colega, Maria do Carmo. Em 18-5-53”.
Maria Osair de Oliveira	“Mary, com todo afeto da amiga e colega, Osair”.
Marlene Silveira Libório	“Mary, no futuro qdo leres esta poesia, lembre-se, quem copiou foi uma sua verdadeira colega e amiga, Marlene L”.
Marlene Silva Santiago	“Para Mary, subscrito pela colega Marlene Santiago. Em 2/6/53”.
Mariolanda Souto Santos	“A Rose Mary, como recordação do nosso tempo estudantil, Iolanda Souto. Est. 9/6/53”.
Núbia Siqueira de Menezes	“À você Mary, como recordação da sua amiga e colega, Núbia Soares. 1/7/53”.
Odete Gabriel Jasmim	“A você Mary, ofereço esta poesia como uma simples recordação da colega e amiga, Odete Jasmim”.
Osvaldina Cardoso Silva	“A você Mary, com ósculos afetuosos, ofereço esta poesia. Sua colega e amiga Osvaldina C. Leite. Felicidades, Est.5-6-53”.
Raimunda Dantas de Souza	“Para a boa colega Rose Mary, esta recordação de sua amiga e colega, Raimunda Dantas”.
Selenê de Brito Lima	“Mary, receba como lembrança da amiga e colega, Selenê”.

Álbum de recordações da normalista Rose-Mary Cravo Freire – 1953

Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

Podemos observar, através da análise das dedicatórias, que não foram utilizados pronomes de tratamento, nem superlativos e apenas dois adjetivos “boa colega” e “inesquecível colega”. De forma contida as normalistas referem-se à dona do álbum pelo seu nome, oito delas referem-se às poesias como recordações, cinco, como lembranças e duas utilizam o termo saudade. Torna-se, então, evidente a compreensão do objetivo a ser realizado pelo referido álbum. Seis normalistas intitulam-se colegas e oito, amigas e colegas, percebendo-se nessas últimas uma possível relação consolidada extraclasse. Em meio ao sentimento demonstrado através das palavras, ainda podemos encontrar termos como: sinceridade, estima, carinho, afeto, e até o envio de ósculos, porém, sem “derramamentos verbais” (CUNHA, 2005, p.354).

A cultura escolar do ISCJ é evidenciada nesse álbum de recordações por constituir-se em um documento do cotidiano daquela instituição, revelando “[...] hábitos e ritos - a história cotidiana do fazer escolar [...]” (VIÑHAO FRAGO, 1995, p. 69). No álbum, pode ser observada a preocupação com a escolha das poesias e pensamentos; a linguagem rebuscada; o capricho com a caligrafia; a demonstração de higiene, evitando possíveis rasuras; a dedicação em escolher as imagens certas, que representariam o pensamento feminino da adolescente que viveu na década de 1950, aspirando paixões e possivelmente um grande amor. Segundo Cunha (2005): “Nas mensagens deixadas nas páginas dos álbuns é possível identificar as formas de escrita utilizadas, o repertório de textos que circulava no espaço escolar, o hábito de colecionar estes suportes de escrita” (p. 350).

Em outro álbum de recordações pertencente à aluna Rose-Mary Cravo Freire, colhemos novos indícios acerca do perfil feminino na década de 1950. Diferente do primeiro álbum, este não possuía poesias, dedicatórias ou ilustrações, era também um caderno com páginas pautadas, porém, mais simples e não estava bem conservado, faltando-lhe a capa, apresentando algumas páginas soltas e com as bordas danificadas pela ação dos insetos. O referido álbum era composto por um questionário de 88 perguntas copiadas em caneta-tinteiro e respondidas a lápis pela proprietária e dez colegas do ISCJ. As perguntas, que são demonstradas no quadro 23, refere-se a seus hábitos, opiniões, predileções, aspirações, além das questões referentes ao amor, paixão, namoro e casamento, que permeiam todo o álbum.

Quadro 23- Perguntas evidenciadas no questionário do caderno de recordações da ex-normalista Rose-Mary Cravo Freire- 1952

Seu nome?	É ciumenta (o)?
Endereço?	Que diz da lágrima?
Qual a sua idade?	Que diz do beijo?
Qual o seu sonho de felicidade?	Já foi beijada (o)?
A sua paixão dominante?	Onde?
Que é felicidade?	Que tal o flert?
É estudante ou trabalhas?	Que diz da saudade?
Qual a sua divisa?	Que diz da ingratidão?
Qual a data do seu aniversário?	Que diz da despedida?
O que quiseras ser?	Que diz da dança?
Onde queres viver?	Gostas de dançar?
Onde queres passar a lua de mel?	Qual o esporte que mais aprecias?
A sua ocupação favorita?	Qual o que mais praticas?
O seu principal defeito?	Se rebentasse a guerra você iria como voluntária (o)?
A sua principal qualidade?	Qual o seu escritor predileto?
O que mais detestas?	E o poeta?
O que mais lhe entristece?	Qual a sua poesia predileta?
O que lhe falta?	E o romance?
Es feliz?	Qual o seu cantor preferido?
É sincera (o)?	Qual a sua música predileta?
Tens amigos ou amigas?	Qual o ritmo que preferes?
Qual a (o) sua (o) melhor amiga (o)?	Gostas do clássico?
Qual a qualidade que preferes no homem?	Qual o instrumento que mais aprecias?
E na mulher?	Gosta de cinema?
O tipo masculino que mais lhe agrada?	Qual o artista predileto?
E o feminino?	E a artista?
Os olhos que mais aprecias?	Qual o cinema preferido?
Qual a matineé que lhe faz recordar?	Qual a praia que preferes?
Qual a data que lhe faz recordar?	Qual a revista que mais gosta de ler?
O amor existe?	Qual o mês que mais lhe agrada?
Para você o que é o amor?	Gosta de tirar retrato?
Amas?	Gosta de está em casa?
A quem?	O que mais lhe antipatiza?
Quais as iniciais que tem no coração?	Gosta de criança?
Qual o tipo dele (a)?	Qual a (o) sua (o) amiga (o) preferida (o)?
Qual a maior prova de amor?	Qual a carreira que mais aprecias?
Que espera ser na vida?	Deseja casar-se?
E ele (a)?	O que primeiro nota no homem?
Quantos (as) namorados (as) já tiveste?	E na mulher?
Qual o nome do (a) atual?	Qual a hora do dia que mais aprecias?
Que diz do namoro?	Gosta de escrever cartas?
Que diz da paixão?	Qual o animal que prefere?
Já estiveste apaixonada?	Qual o Estado do Brasil que preferes?
Que diz do ciúme?	Que acha desse caderno?

Fonte: Acervo de Rogério Freire Graça

As normalistas que escreveram no referido álbum não se identificaram, utilizaram pseudônimos que as deixaram mais livres em responder as questões, sem causar um possível comprometimento da sua imagem. Para tanto foram utilizados nomes de artistas, personagens de romances, nomes de flores e sentimentos pessoais, para travestir as suas verdadeiras identidades. Identificamos a proprietária do álbum através da sua data de aniversário, evidenciada na 9ª questão, porém as outras, como pretendido, permaneceram no anonimato. Pelas respostas ao questionário, percebemos que o grupo das 11 normalistas possuía idade entre 14 e 18 anos, a maioria era apenas estudante, contando apenas duas que trabalhavam.

A análise do questionário veio reforçar o perfil da normalista estanciana da década de 1950, que havíamos traçado através do contato com o material didático do ISCJ. Nesse álbum, ao responderem a 10ª questão “O que quizeras ser?” sete normalistas optaram por dona-de-casa e esposa, fazendo jus à proposta de civilidade para o lar e família, colocada pelo ISCJ, e quanto à ocupação favorita, quase por unanimidade foi respondido “estudar, ler e costurar”, elementos inculcados e disseminados como notáveis em uma mulher daquele período. Em resposta à 37ª questão “o que espera ser na vida?”, as normalistas, mais uma vez confirmando a possível missão a ser abraçada no seu futuro, evidenciaram:

Uma boa dona de casa que saiba compreender seu esposo. [...] amiga do lar, carinhosa com esposo e filhos. Uma esposa ideal. Uma boa dona de casa. Uma boa mãe e esposa. [...] Uma esposa leal, compreensiva e carinhosa para com o esposo. Uma esposa boa para o marido. Uma esposa leal e boa (CRAVO FREIRE, 1952, p. 39).

Da mesma maneira, ao responderem a 81ª questão “Deseja casar-se?”, a maioria das respostas foi positiva, afirmando que: “Sim! E qual é o sonho de toda moça? - Casar e ser feliz. Ora que pergunta, é muito natural. [...] Claro! Pois este é o sonho de todas as moças” (CRAVO FREIRE, 1952, p. 82).

Pudemos perceber com a análise das respostas, que, embora jovens, as normalistas do ISCJ tinham, de forma consciente ou não, optado por uma ocupação que era padrão para as moças da década de 1950, na cidade de Estância. A atuação como dona-de-casa havia sido inculcada por seus familiares, tomando como respaldo a própria condição de suas mães e avós, como também pelo colégio, que embora formasse

professoras, também direcionava as alunas para as atividades do lar, moldando-as para um bom gerenciamento da casa e uma boa atuação como esposa e mãe.

O questionário revela as normalistas auto-afirmando-se como egoístas, exigentes, desconfiadas e ciumentas, como também sinceras, amáveis, educadas e carinhosas. Entristecidas pela falta de correspondência no amor e em busca do homem ideal e sincero para serem felizes, embora, segundo elas, esse perfil masculino não existiria, pois “[...] é mais fácil encontrar um diamante no mar, que sinceridade nesse terrível sexo” (CRAVO FREIRE, 1952, p. 25).

O amor era visto como passatempo, divertimento e ilusão, porém todas encontravam-se amando no momento em que responderam o questionário. Quanto aos divertimentos praticados, foram evidenciados a dança e os esportes, a exemplo de ciclismo, natação e voleibol. Dentre os escritores prediletos, foram evidenciados Balzac, José de Alencar, Rui Barbosa, Camões e Machado de Assis. Por unanimidade, o poeta mais lido foi Castro Alves. A música clássica era apreciada pela maioria das normalistas, que viam no piano, acordeom, violão, harpa, violino e clarinete, seus instrumentos musicais de predileção. São também evidenciados os requisitos femininos que devem ser notados em uma moça ideal, exemplificados por comportamento, bom procedimento e educação.

Pelo questionário respondido em 1952, percebemos uma turma de normalistas cursando o terceiro ano do ensino Normal Regional, com bagagem de leitura, praticando esportes e apreciando música, fatores necessários na demonstração de civilidade e de elegância às moças que pertencessem a uma classe abastada. Esses fatores, inclusive, conferiam-lhes subsídios para os diálogos que permeariam as futuras recepções que oferecessem em suas casas ou que frequentassem por convite.

O álbum/questionário nos forneceu confirmações acerca do modelo de normalistas que o ISCJ pretendia formar. Trazia consigo os sentimentos e as opiniões do gênero feminino em uma determinada época, a década de 1950. Por ser muito investigativo, o questionário, já era naquele período, era taxado pelas próprias alunas de curioso, abelhudo, “que nem um padre no confessionário” ou “[...] um DIVA¹⁶ sem igual” (CRAVO FREIRE, 1953, p. 89). São esses tipos de fontes, demonstrativas da socialização escolar, que Cunha (2005) explica como sendo caracterizadas “[...] pela

¹⁶ Sigla criada pelas normalistas do ISCJ, para os momentos de descontração, quando encontravam-se reunidas em conversas casuais. Significava Departamento Informativo da Vida Alheia, segundo o diário da aluna Rose-Mary Cravo Freire.

presença de encontros amistosos entre colegas, bem como por uma educação das sensibilidades dadas a ver, muito especialmente, pelas práticas de leitura e escrita” (p. 149).

As normalistas, intencionalmente ou não, registravam nos álbuns o significado de uma época, respaldado pela moral, ética, delicadeza, harmonia, romantismo, inocência e religiosidade. Um mundo pretendido para a futura professora ou para a boa dona-de-casa e mãe de família.

Os álbuns, suportes de uma cultura escrita, anunciavam um mundo de delicadezas, um lugar para os afetos, um espaço para o exercício caligráfico de cópias, poemas, sonetos, máximas para homenagear e foram guardados para, quem sabe, rememorar o prazer do entre si. De igual maneira, os álbuns mostraram padrões de sociabilidade, cunharam sensibilidades, marcaram subjetividades [...] (CUNHA, 2005, p. 360).

Assim, com a análise dos álbuns de recordações, coletamos indícios da cultura escolar do ISCJ que não estavam previstos no currículo prescrito, mas que puderam nos falar de um tempo de formação. Sobre estas fontes de pesquisa e seu papel no desvendar das sociedades, Machado e Nunes (2009) nos afirma:

[...] todos os documentos que representam marcas da passagem do humano pelo universo são fontes para a história. Aliando as fontes oficiais outros tipos de fontes como literatura, fotografia, textos jornalísticos, cadernos de anotações, diários, objetos de uso cotidiano entre outros, o trabalho do historiador passa a ter mais abrangência e significado, uma vez que pode chegar a revelar aspectos de outras sociedades e de outras épocas [...] (MACHADO e NUNES, 2009, p. 22).

Após a análise dos documentos percebemos que o ISCJ pretendia a formação feminina muito mais direcionada ao lar, civilizando e preparando as alunas para serem donas-de-casa, ofício inerente ao espírito feminino¹⁷. As normalistas eram imbuídas de conhecimentos práticos, respaldadas por normas e com uma conduta inculcada que representava o perfil das mulheres na década de 1950, na cidade de Estância. As mulheres encaravam seu ofício no lar como um sacerdócio, pautado na organização, no cumprimento de deveres de mãe e esposa, com amor e resignação. Pudemos perceber a civilidade no material didático das disciplinas dedicadas ao gênero feminino, como Economia Doméstica, que moldavam a normalista para a administração do lar, atuando

¹⁷ Caderno de Economia Doméstica.

na escolha e confecção dos alimentos, na seleção e harmonia dos móveis e objetos da casa, na limpeza dos ambientes e economia financeira.

O caderno de Francês também imbuía a normalista de civilidade, através do conhecimento de uma língua que era sinônimo de elegância e que abriria novas possibilidades de leituras que assessorariam nas lides domésticas, como revistas e livros de moda, costura, trabalhos manuais e culinária. Em contrapartida, no material didático referente às disciplinas de formação, percebemos que os conteúdos ministrados tinham o propósito de ampliar o conhecimento da normalista para sua atuação em sala de aula, como professoras do ensino primário. Porém, a pouca explicação das teorias apresentadas, como a falta de um estágio supervisionado para promover a prática da regência de classe, nos levou a crer que poderiam ser conteúdos voltados à aplicabilidade no âmbito do lar, com os futuros filhos, sobrinhos ou irmãos pequenos. A sociedade abastada da cidade de Estância, na década de 1950, pretendia para as mulheres uma instrução que as preparasse para a liderança do lar e condução do marido e filhos, sobre essas práticas sociais Julia (2001) explica:

[...] para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar, em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização (p. 11).

Para tanto, a cultura escolar evidenciada com as análises dos cadernos e livros de algumas disciplinas do ensino Normal Regional do ISCJ nos possibilitaram revisitar aquela instituição após 57 anos; funcionando, como diz Julia (2001), como “[...] a ‘caixa Preta’ da escola, ao buscar compreender o que ocorre nesse espaço particular”. Observamos suas práticas escolares, apontamentos, grifos, anotações, avaliações escolares, como também a escrita extracurricular, que colhemos com a análise do álbum de recordação, onde pudemos perceber o sentimento da amizade e da saudade, anotados através de poesias e pensamentos, dedicatórias e fotografias que representaram horas felizes e passadas que jamais voltariam. Percebemos a formação de moças, destinando-as principalmente à futura atuação doméstica, com base na moral, civismo e religiosidade. Essa formação era almejada pela maioria das normalistas, como também figurava como um pensamento do período, na cidade de Estância-Sergipe. Finalmente o mosaico se completou, e qual será a imagem revelada?

ENVERNIZANDO O MOSAICO E DESVENDANDO A IMAGEM FINAL

O mosaico ficou pronto, após meses de construção, quando as tesselas foram cuidadosamente reservadas, visando mostrar várias partes de uma imagem que agora, após passarmos o verniz, poderemos visualizá-la por inteiro. Pelo material escolar e objetos de memórias, conseguimos nos transportar para Estância, no período compreendido entre 1949 e 1955, e adentrar no ISCJ, objeto do nosso mosaico. Assim, percebemos que foi uma instituição que marcou a sociedade estanciana por implementar a educação feminina e religiosa às moças da cidade, oriundas das classes abastadas.

Para a formação do mosaico, buscamos o conceito de civilidade e cultura escolar, ferramentas chaves que nos fizeram encontrar as tesselas adequadas para o mosaico/dissertação. A partir daí, compusemos várias imagens às quais podemos sintetizar, antes que a paisagem final seja descerrada. Sobre o objetivo do ISCJ, percebemos, após análises e cruzamentos de dados, que visava civilizar a moça estanciana e dos municípios circunvizinhos, como também formar as futuras professoras que atuariam no ensino primário daquelas cidades, direcionando-as ao trabalho com crianças.

A criação do ISCJ consistiu em uma estratégia da Igreja Católica, materializada pela ação do Bispo D. José Thomaz Gomes da Silva, que objetivava, nos municípios maiores e na capital sergipana, frear a disseminação das escolas protestantes, que se faziam presentes desde meados do século XIX. No caso de Estância, a estratégia deu certo, pois a partir da sua fundação, o ISCJ eclipsou a educação protestante ministrada pelo professor Azarias Santos, no seu colégio de ensino misto denominado Esperança, para onde convergiam os filhos das famílias abastadas católicas e protestantes locais. O fechamento do Colégio Esperança ocorreu em meados da década de 1940, quando, por anos, já estava despossuído das alunas de ambos os credos, que haviam migrado para o ISCJ.

Sobre civilidade, percebemos que a sociedade abastada estanciana a almejava para suas filhas, que, através dos seus atos cotidianos, poderiam figurar como bons partidos para os casamentos, que provavelmente aumentariam os espólios familiares. Para tanto, se fazia necessário o aprimoramento das boas maneiras ensinadas no âmbito do lar, respaldadas por disciplinas como Economia Doméstica, que conferiam, às futuras donas de casa, ensinamentos direcionados aos cuidados com o lar, o esposo e os filhos, além do gerenciamento da criadagem e até a economia financeira da família.

Outras disciplinas, a exemplo de Trabalhos Manuais e Língua Francesa, figuravam como civilizatórias, preparando as normalistas para a confecção de costuras, bordados e objetos decorativos, que viabilizariam a feitura do seu enxoval de casamento e dos filhos recém-nascidos. Especificamente a Língua Francesa implementava um toque de elegância, possibilitando à normalista ler, escrever e falar um idioma representante da civilidade no período. Viabilizava também a ampliação de fontes para suas atividades no interior do lar, através de bibliografias estrangeiras direcionadas às costuras, bordados, culinária, moda e decoração. Sobre as características de civilidade evidenciadas nas normalistas, somos da mesma opinião que Teive (2008), quando afirma:

Nos gestos comedidos, no porte altivo, na voz pausada, na maneira de andar, sentar, falar e de vestir-se, na correção linguística, enfim na ‘fisionomia social’ dos corpos [...] encontram-se depositados os imperativos e os valores sociais aprendidos na Escola Normal [...], os quais, ‘feito corpo’ expressam um *habitus*, ‘um dever de ser’, ou seja, expressam a realização daquilo que foi instituído, definido socialmente, como o ideal [...] (TEIVE, 2008, p.190).

Além de conferir instrução e educação civilizatória, o ISCJ era uma instituição estritamente feminina de cunho religioso, que educava com base na moral, bons costumes, civismo e religião. Fatores que, segundo a ex-normalista Tessela Dourada (2011), “[...] para muitas famílias, era condição *sine qua non*”.

Com base na análise dos currículos do Ensino Normal Regional do ISCJ, em comparação com o Instituto de Educação Rui Barbosa, ao qual era equiparado, percebemos que nesse a formação docente estava muito mais evidenciada, com um número maior de disciplinas específicas, ministradas em vários períodos do curso. Contudo, observamos que não era a mesma realidade do ISCJ, cujas disciplinas de formação eram em número menor, ministradas apenas no último ano do curso e sem a prática do estágio curricular. Esses dados nos levaram a crer que o perfil do curso Normal Regional do ISCJ seria muito mais civilizatório do que de formação docente.

Cruzamos os dados com as evidências deixadas pelas normalistas da segunda turma, ao analisarmos o caderno de questionário, onde a maioria desejava ser dona-de-casa, casar-se, ser boa esposa e mãe. E o que prevíamos foi materializado através de pesquisa feita com as ex-normalistas e seus familiares, quando nos confirmaram uma atuação maior em outras profissões, principalmente as lides do lar.

Com relação à cultura escolar do ISCJ, essa foi observada a partir de cinco cadernos de conteúdos, dois trabalhos escolares, três livros didáticos e dois álbuns de recordações que muito nos disseram acerca das disciplinas civilizatórias e de formação docente, como também acerca da cultura extracurricular, que embora não sendo institucionalizada, acabava se integrando no bojo daquelas, por sua prática tornar-se corriqueira. Ainda buscando desvendar o cotidiano do ISCJ, analisamos cadernetas, boletins escolares e diplomas, conhecendo através deles o volume das disciplinas do curso e seus horários de preleção.

A documentação utilizada pertenceu ao arquivo privado de uma ex-normalista, que a guardou e preservou como relíquia, representativa de uma fase da sua mocidade, a qual precisava imortalizar. Essas relíquias, que de forma despretensiosa faziam parte de um projeto autobiográfico, contou-nos também acerca da trajetória daquela normalista dentro do ISCJ, pois em cada documento ela “[...] desfilava, deslizava” (MIGNOT, 2000, p.129). Embora sendo um arquivo predominantemente escolar, os documentos, através das anotações extracurriculares, nos apresentaram também evidências de músicas cantadas e tocadas, de poesias, de flores impressadas nas páginas dos livros, de santinhos comemorativos, de desenhos e até do retalho do vestido de formatura.

A análise dos documentos foi entremeada por depoimentos da ex-normalista a quem demos o pseudônimo de Tessela Dourada, como também por trechos do diário da ex-aluna Rose-Mary Cravo Freire, proprietária do arquivo cujos documentos foram analisados. Rose-Mary nos contou muito sobre o cotidiano escolar da sua época no ISCJ (1950-1953), transportando-nos por corredores, salas de aula, recreios, desfiles, apresentações teatrais e festas religiosas.

Buscamos com a arte musiva trazer à tona uma imagem desconhecida para nós e diferente da realidade atual do Colégio Sagrado Coração de Jesus, que após 76 anos de atividade implementa hoje um ensino misto, nas modalidades infantil, fundamental e médio. Ao combinarmos cada tessela e ao colocarmos nos devidos lugares do painel, pudemos completar a paisagem final, e a imagem que se formou com o término do mosaico foi a de uma instituição que civilizou moças com o objetivo de bem representarem as classes sociais às quais pertenciam. Através do ensino Normal Regional, foi conferido às normalistas instrução, formação e educação, preparando-as para a condução do lar e da família, com base em um currículo que trazia os requisitos necessários para aquele fim, pois a normalista da década de 1950 na cidade de Estância,

pretendia “casar e ser feliz”, apresentando-se como “Uma esposa ideal. Uma boa dona de casa. Uma boa mãe [...]” (CRAVO FREIRE, 1952, p. 39).

O verniz está dado. Esta é imagem que vimos e sentimos.

FONTES

1-DIÁRIOS

Diário da ex-aluna do Ensino Normal Regional do ISCJ, Rose-Mary Cravo Freire, 2006.

2-PERIÓDICOS

A Razão, Estância, 1936-1955. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 1955.

A Estância, Estância, 1936-1955. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 1955.

A Semana, Aracaju, 01/02/2003, acervo do autor.

3-LIVROS DIDÁTICOS

ALMEIDA, Judith Morisson. **Aula de Canto Orfeônico**. 3ª d. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951.

MELO, Milton Cabral de. **Mon Livre de Français**. 2ª ed. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1951.

RAEDERS, Georges. **France**. 6ª ed. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1947.

4- BOLETINS, CADERNETAS E DIPLOMAS

Boletim escolar da aluna Rose-Mary Cravo Freire, 1º ano Normal Regional do ISCJ, 1950.

Boletim escolar da aluna Rose-Mary Cravo Freire, 2º ano Normal Regional do ISCJ, 1951.

Boletim escolar da aluna Rose-Mary Cravo Freire, 3º ano Normal Regional do ISCJ, 1952.

Caderneta Escolar de Identidade da aluna Rose-Mary Cravo Freire, ISCJ, 1952.

Caderneta Escolar de Identidade da aluna Rose-Mary Cravo Freire, ISCJ, 1953.

Diploma da professora Maria Selma Barreto Noronha, Curso Normal do ISCJ, 1950.

Diploma da professora Rose-Mary Cravo Freire, Curso Normal Regional do ISCJ, 1953.

Diploma da professora Ruth Dias Telles, Curso Normal da Escola Normal Rui Barbosa, 1927.

Diploma da professora Antonieta Luiza d'Ávila Mendonça, Curso Normal do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, 1933.

5- CADERNOS

Caderno da disciplina Francês pertencente à ex-aluna do Ensino Normal Regional do ISCJ, Rose-Mary Cravo Freire, 1950.

Caderno da disciplina Canto Orfeônico pertencente à ex-aluna do Ensino Normal Regional do ISCJ, Rose-Mary Cravo Freire, 1951.

Caderno da disciplina Economia Doméstica pertencente à ex-aluna do Ensino Normal Regional do ISCJ, Rose-Mary Cravo Freire, 1953.

Caderno da disciplina Pedagogia pertencente à ex-aluna do Ensino Normal Regional do ISCJ, Rose-Mary Cravo Freire, 1953.

Caderno da disciplina Psicologia pertencente à ex-aluna do Ensino Normal Regional do ISCJ, Rose-Mary Cravo Freire, 1953.

Caderno da disciplina Didática pertencente à ex-aluna do Ensino Normal Regional do ISCJ, Rose-Mary Cravo Freire, 1953.

6- TRABALHOS ESCOLARES

Trabalho escolar da disciplina Economia Doméstica, pertencente à ex-aluna do Ensino Normal Regional do ISCJ, Rose-Mary Cravo Freire, s.d.

Trabalho escolar da disciplina Didática, pertencente à ex-aluna do Ensino Normal Regional do ISCJ, Rose-Mary Cravo Freire, 1953.

7- ALBUNS DE RECORDAÇÕES

Álbum de questionários da ex-aluna do Ensino Normal Regional do ISCJ, Rose-Mary Cravo Freire, 1952.

Álbum de poesia e pensamentos da ex-aluna do Ensino Normal Regional do ISCJ, Rose-Mary Cravo Freire, 1953.

8- ÁLBUNS FOTOGRÁFICOS

Álbum de formatura da turma de 1953 do Ensino Normal Regional do ISCJ.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA NETO, Dionísio. **Saberes, virtudes e sofrimentos**: formação, atuação e ensinamentos de Dom Domingos Quirino de Souza (1813-1863). Dissertação (Mestrado em Educação) São Cristóvão: UFS/NPGED, 2005.

ANDRADE, Ana Paula Dantas Franca de. **Colégio Patrocínio São José**: o ensino religioso católico (1940-1945). São Cristóvão: UFS, 2005. (Graduação em História).

ANDRADE JUNIOR, Péricles. **Sob o olhar diligente do pastor**: a igreja católica em Sergipe (1831-1926). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) São Cristóvão: UFS, 2000.

ARAÚJO, José Carlos Souza; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; LOPES, Antônio de Pádua Carvalho (Org.). **As Escolas Normais no Brasil**: do Império à República. Campinas-SP: Editora alínea, 2008.

BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1973.

BARRETO, Raylane Andreza Dias. **Os padres de D. José**: O Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1933). Dissertação (Mestrado em Educação) São Cristóvão: UFS/NPGED, 2004.

BASTOS, Maria Helena Câmara; GARCIA, Tania Elisa Morales. **Leituras de Formação - Noções de Vida Doméstica (1879)**: Félix Ferreira Traduzindo Mme Hippeau Para a Educação das Mulheres Brasileiras. História da Educação, Pelotas, v. 3, n.5, p. 77-92, 1999.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **História da Educação**: arquitetura e espaço escolar. São Paulo: Cortez, 2007.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRAGA, Hilda Soares. **Sistemas Eleitorais do Brasil (1821 – 1888)**. Brasília: Senado Federal, 1990.

BRASIL, Decreto-Lei N. 19.890, de 18 de Abril de 1931. Rio de Janeiro, 18 de abril de 1931. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/5_Gov_Vargas/decreto%2019.890-%201931%20reforma%20francisco%20campos.htm. Acesso em 22 de outubro de 2012.

BRASIL, Decreto-Lei nº 5.452, de 9 de Abril de 1942. Rio de Janeiro, 9 de Abril de 1942. Disponível em: <http://www.soleis.adv.br> Acesso em 07 de setembro de 2012.

BRASIL, Decreto-Lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946 (Lei Orgânica do Ensino Normal);

BRITO, Raimundo de Farias- Disponível em <http://www.consciencia.org/biografia-e-coletena-de-raymundo-de-farias-brito>. Acesso em 25/10/2011.

CAMARGO, Marilena Aparecida Jorge Guedes de. **“Coisas velhas”**: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958). São Paulo: UNESP, 2000.

CARDOSO, Brício. **Estância Montibus Patriis**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1944.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COLE, Emily. **A Gramática da Arquitetura**. Editora Livros & Livros, 2003.

COSTA, Rosemeire Marcedo. **Fé, civilidade e ilustração**: a memória de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973). Dissertação (Mestrado em Educação) São Cristóvão: UFS/NPGED, 2003.

CRUZ, Maria Helena Souza; FRANÇA, Vera Lúcia Alves. “Memórias e representações compartilhadas por mulheres educadas em um colégio religioso em Sergipe”. In: NASCIMENTO, Jorge Carvalho do (org.). **Ensino Superior, Educação Escolar e práticas educativas extra-escolares**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2006.

CRUZ, Maria Helena Souza; FRANÇA, Vera Lúcia Alves. **Educação feminina**: memória e trajetória de alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus em Estância - Sergipe (1950-1970). São Cristóvão: UFS, 2011.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Copiar para homenagear, guardar para lembrar: cultura escolar em álbuns de poesias e recordações. In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.) **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III. Petrópolis: Vozes, 2005.

DANTAS, José Ibarê Costa. **Revolução de 1930 em Sergipe**: dos tenentes aos coronéis. São Paulo: Cortêz; Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 1983.

DÓRIA, Epifânio. **Efemérides Sergipanas**. Aracaju: Gráfica J. Andrade Ltda, 2009. V. 1.

ESTÂNCIA, Projeto Lei nº 28/2006, de 05 de outubro de 2006. Estância, 05 de outubro de 2006.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

Escolas Estaduais e Municipais de Estância/SE. Disponível em: <http://www.estadosecidades.com/estancia-se.aspx>. Acesso em 22/10/2012.

FERREIRA, FELIX. Disponível em:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_item=1&cd_idioma=28555&cd_verbete=3591. Acesso em 18/10/2012.

FRANÇA, Vera Lúcia Alves e GRAÇA, Rogério Freire. **Vamos Conhecer Estância**. Estância: Prefeitura Municipal, 2000.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. “Cultura escolar, práticas educacionais e profissão docente: os balanços do campo da História da educação”. In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. (org.). **A educação escolar em perspectiva histórica**. Campinas: Autores Associados, 2005.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de azul e branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950)**. São Cristóvão: UFS, 2003.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; DANTAS, Maria José. Impressos católicos em Sergipe e suas contribuições para História da Educação. IN: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 2008.

GATTI JR, Décio. “A História das Instituições Escolares - Inovações paradigmáticas e temáticas”. In: GATTI JR, Décio; ARAÚJO, José Carlos de Souza. (orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, SP: Autores Associados, Uberlândia, MG: EDUFU, 2002.

GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GUARANÁ, Armino. **Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1925.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da Educação Brasileira: Leituras**. São Paulo: Thonson Learning Edições, 2006.

HEBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. In: Mignot, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs.). **Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000.

HORTA, José Silvério Bahia. **O hino o sermão e a ordem do dia: Regime autoritário e a educação no Brasil (1930-1945)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Autores Associados, nº 1, jan./jun. 2001, p.09-43.

LACERDA, Lilian Maria de. Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica. IN: Mignot, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs.). **Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA Filho, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2002.

LOURO, Guacira Lopes; MEYER, Dagmar. **A escolarização do doméstico: A construção de uma escola técnica feminina (1946-1970)**. Educação, Sociedade & Culturas, Porto, Portugal, v. 5, p. 129-159, 1993.

MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva (orgs.). **Educação e Educadoras da Paraíba no século XX: práticas, leituras e representações**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

MACHADO, Charliton José dos Santos et alli (Orgs.). **Do silêncio à voz: pesquisa em história oral e memória**. João Pessoa: UFPB, 2008.

MELO, Cristiana Ferreira de. **Festa na escola: as formaturas da Escola Normal como espaço da memória e da história da educação (1912-1945)**. São Cristóvão: UFS, 2004. (Monografia de Graduação em História).

MELO, Valéria Alves. **As Filhas da Imaculada Conceição: um estudo sobre o Colégio Nossa Senhora das Graças (1915-1965)**. Dissertação (Mestrado em Educação) São Cristóvão: UFS/NPGED, 2007.

MIGNOT, Ana Cristina Mendonça; CUNHA, Maria Tereza Santos (orgs.) **Práticas de Memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003.

MIGNOT, Ana Cristina Venâncio. Tecendo educação, história, escrita autobiográfica. IN: Mignot, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs.). **Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000.

MIGNOT, Ana Cristina Venâncio. Editando o legado pioneiro: o arquivo de uma educadora. IN: Mignot, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs.). **Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. MACEDO, Elizabeth Fernandes (orgs.). **Currículo, Práticas Pedagógicas e Identidade**. Portugal: Porto Ed. 2002.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **A Escola Americana: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913)**. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2004.

NASCIMNTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical**. Maceió: EDUFAL, 2007.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Fontes para a História da Educação**: Documentos da Missão Presbiteriana nos Estados Unidos do Brasil. Maceió: EDUFAL, 2008.

NASCIMENTO, Manoel Rodrigues do. **Reminiscências**: Flagrantes da vida da Estância de 1894 a 1907 – tipos, episódios e costumes. Aracaju: Livraria Regina, 1958.

NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. São Cristovão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PIETRARÓIA, Cristina M. Casadei. A importância da língua francesa no Brasil: marcas e marcos dos primeiros períodos de ensino. In: **56º Seminário do GEL (Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo)**. Campinas: GEL, 2008. v. 37. p. 7-16.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

RAIMUNDO, Luciana de Santana. **A educação da mulher no Colégio de Senhora Santana (1848-1898)**. São Cristóvão: UFS, 2006. (Monografia de Graduação em História)

REAL, Regina M. **Dicionário de Belas Artes**: termos técnicos e matérias afins. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura S.A., 1969.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro de Arquitetura no Brasil**. 10. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ROCHA, L. M. da Franca. A Escola Normal na Província da Bahia. In: ARAUJO, J. C. S.; FREITAS, A. G. B. de; LOPES, A. de P. C. (Orgs). **As Escolas Normais no Brasil**: do Império à República. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008. p. 47-60.

RODRIGUES, Simone Paixão. **Colégio Santa Teresinha e suas Práticas Educativas (1947-1953)**. In: IV Congresso Brasileiro de História da Educação, 2006, Goiânia- GO. IV Congresso Brasileiro de História da Educação- A Educação e seus sujeitos na História, 2006.

SALGADO, Verônica Sampaio. **A educação feminina estanciana na década de 1950 e suas implicações**. Estância: UNIT, 2004. (Monografia de Graduação em Pedagogia)

SANTANA, Valéria Carmelita do Nascimento. O primeiro bispo de Aracaju e a difusão do ensino religioso católico em Sergipe (1911-1948). In: **Anais XVI Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste**. São Cristovão: UFS, 2003, p. 1-10.

SANTOS, Sandra Maria dos. **A trajetória educacional em Capela**: a experiência das missionárias da Imaculada Conceição (1929-1999). Própria: UFS, 2002. (Monografia de Graduação em História).

SILVA, Michelle Pereira da; INACIO FILHO, G. **Mulher e educação católica no Brasil (1889-1930):** do lar para a escola ou a escola do lar? Revista HISTEDBR On-line, Campinas: unicamp, v. 15, p. 01-15, 2004.

SOUZA, Raymundo Silveira. **Gente que conheci, Coisas que ouvi contar.** Aracaju: Governo do Estado de Sergipe/ FUNDESC, 1991.

SOUZA, Valéria Carmelita Santana. **A cruzada católica:** uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do Século XX. Dissertação (Mestrado em Educação) São Cristóvão: UFS/NPGED, 2005.

SOUZA, Rosa Fátima de e VALDEMARIN, Vera Teresa (orgs.). **A Cultura escolar em debate:** questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SCHWARTZMAN, Simon. **A igreja e o Estado Novo: o Estatuto da Família.** *Cad. Pesqui.* [online]. 1981, n.37, pp. 71-77. ISSN 0100-1574.

SCHNEIDER, Juliete; TRIDAPPALI, Ana Laura. Normatização de Condutas; A Escola Normal em Santa Catarina de 1880 a 1969. In: **VII Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul.** Itajaí. 2008.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. **Uma vez normalista sempre normalista:** cultura escolar e produção de um *habitus* pedagógico. A escola Normal Catarinense 1911-1935. Santa Catarina: Insular, 2008.

VALENÇA, Cristina de Almeida. **Entre livros e agulhas:** representações da cultura Escolar Feminina na Escola Normal em Aracaju (1871 -1931). Aracaju: Nossa Gráfica, 2005.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação.** São Paulo: Ática, 2007.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas Escolares:** estudos sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas: Autores Associados, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e Prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (orgs.). **A Cultura Escolar em debate:** questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. Práticas de leitura na escola brasileira dos anos 1920 e 1930. In: FARIAS FILHO, Luciano Mendes de (org.). **Modos de ler /formas de escrever:** estudos de história da leitura e da escrita no Brasil. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VIÑAO FRAGO, A. **El espacio y El tiempo escolares como objeto histórico.** Contemporaneidade e Educação. Rio de Janeiro, Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada (IEC), 2000. n.7 pp. 100-101.

VIÑAO FRAGO, A. **História de La educación y historia cultural:** posibilidades, problemas y cuestiones. Revista Brasileira de Educação, n.0, 1995.